



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ALBERTO MANUEL DE SOUSA PAIS

Educar para a solidariedade

Uma reflexão teológica, pedagógica e didática sobre a unidade letiva “O pão de cada dia” do 6º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2014

“Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações”.

(Act 2,42)

Ao Gonçalo pelos *mimos* que não pude dar,
à Isabel pelo apoio, incentivo e disponibilidade,
e a toda a minha família e amigos, pela compreensão.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPITULO I – A SOLIDARIEDADE À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA	9
1. A solidariedade no <i>Compêndio da Doutrina Social da Igreja</i>	9
<i>1.1. A Doutrina Social da Igreja</i>	10
<i>1.2. O Princípio da solidariedade</i>	12
<i>1.3. A ação sócio caritativa</i>	17
<i>1.4. O voluntariado</i>	19
2. A encíclica <i>Caritas in Veritate</i>	21
<i>2.1. A caridade na verdade</i>	21
<i>2.2. O desenvolvimento integral da pessoa</i>	22
<i>2.3. A vocação ao desenvolvimento</i>	23
<i>2.4. A economia e o desenvolvimento na atualidade</i>	25
<i>2.5. O princípio de gratuidade</i>	28
<i>2.6. Novas perspectivas para a solidariedade</i>	29
3. Em síntese	30
CAPITULO II – O PÃO NA SIMBOLOGIA JUDAICO-CRISTÃ	31
1. O pão na cultura judaica	31
2. O pão, símbolo de todos os bens	36
3. “Comer o pão” com alguém: sinal de aliança	39
<i>3.1. A aliança entre as pessoas</i>	39
<i>3.2. A aliança com Deus</i>	40
4. O pão ázimo e o pão com fermento	42
5. Jesus, o Pão da Vida	45
6. A Eucaristia	51
7. A “fração do pão” – ponto central na caridade cristã	56
8. Em síntese	60

CAPITULO III – A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA EM CONTEXTO ESCOLAR. CONCRETIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “O PÃO DE CADA DIA”, DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE	61
1. A experiência pedagógica e didática em contexto escolar	61
<i>1.1. A educação para os valores</i>	61
<i>1.2. A educação na perspectiva da Igreja Católica</i>	64
<i>1.3. A Educação Moral e Religiosa Católica e a educação integral</i>	66
<i>1.4. O perfil do professor</i>	68
<i>1.5. Apresentação da Escola</i>	71
<i>1.6. Caracterização da Turma</i>	73
2. A Unidade Letiva “O pão de cada dia” do 6.º ano de escolaridade	74
<i>2.1. A Conceção e conceptualização da unidade letiva</i>	75
<i>2.2. A planificação</i>	77
2.2.1. Aula n.º1 – A importância da alimentação	82
2.2.1. Aula n.º2 – O direito à alimentação e a importância da solidariedade	84
2.2.3. Aula n.º3 – A solidariedade como responsabilidade da pessoa	88
2.2.4. Aula n.º4 – O significado simbólico-religioso do pão na cultura judaico-cristã	90
2.2.5. Aula n.º5 – A partilha e a importância do voluntariado	93
<i>2.3. Avaliação e perspectivas</i>	109
CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA	121
ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, sob o título *Educar para a solidariedade*, é o resultado de um percurso de aprofundamento teológico e pedagógico-didático da Unidade Letiva “O pão de cada dia”, que faz parte do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), lecionada ao sexto ano de escolaridade do ensino básico.

A escolha desta unidade letiva, para um desenvolvimento refletivo teórico-prático, resulta do meu interesse pela temática da solidariedade e pela importância que a mesma assume, em diversas vertentes, sobretudo no atual contexto sociocultural do nosso país.

A solidariedade à luz do Magistério da Igreja, primeiro capítulo deste trabalho, é o ponto de partida da reflexão teológica, enquadrada na ação evangélica da Igreja e no seu contributo para a defesa de valores de promoção da dignidade da pessoa. A solidariedade é o cerne da *Doutrina Social da Igreja*. Para uma melhor articulação da temática, é apresentada em dois pontos: a solidariedade no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* e na encíclica do Papa Bento XVI, *Caritas in Veritate*.

Como consequência da função e objetivos da *Doutrina Social da Igreja*, é então apresentado o *princípio de solidariedade* e a sua relação com os restantes princípios, nomeadamente o do *bem comum*, o do *destino universal dos bens*, a *subsidiariedade* e o de *gratuidade*. Estes princípios constituem a base da ação socio caritativa e a referência para o voluntariado que encontram, na caridade, o meio mais sublime para a sua concretização. A caridade, intimamente relacionada com a verdade, é a proposta do Evangelho para o desenvolvimento integral da pessoa, clarificado e aprofundado pelo Magistério da Igreja.

O pão, assumido como o alimento essencial e símbolo eloquente da partilha, é o elemento central do segundo capítulo, no qual é apresentado o seu significado na simbologia judaico-cristã. A fundamentação bíblica da temática consolida a reflexão iniciada no capítulo anterior e enquadra-a no contexto da dimensão cultural, histórica e religiosa desenvolvida em torno do pão.

Depois de uma breve incursão pela importância do símbolo na relação entre o ser natural e sobrenatural e a riqueza da linguagem simbólica, principalmente na Bíblia, é apresentado, numa primeira fase, o assinalável património simbólico do pão em diversas culturas, principalmente na judaica.

Símbolo do alimento essencial, o pão é interpretado na cultura bíblica com dádiva e bênção de Deus e, por isso, motivo de agradecimento por parte do ser humano. O pão, símbolo de todos os bens, materiais e espirituais, é também sinal de aliança e elemento fundamental na relação entre as pessoas e entre estas e Deus. Os judeus, como ato de

agradecimento, ofereciam o primeiro pão a Deus, o melhor das suas colheitas, preservado do contágio com o fermento e do qual guardaria parte para fermentar os seguintes. Mesmo nas relações interpessoais, à volta da refeição, em que o pão pontificava, os judeus nunca se esqueciam de dar graças a Deus, Aquele que os abençoava com o alimento.

O pão é um conteúdo muito utilizado por Jesus Cristo, no anúncio da Boa Nova, aparece na oração, como para qualquer judeu é elemento essencial das refeições, utiliza-o em gestos e milagres até ao ponto de se apresentar a si próprio como “o pão da vida” (Jo 6,48)¹. Ele privilegia as relações interpessoais baseadas no mandamento dos mandamentos: o amor. A relação do ser humano com Deus está intimamente associada à relação do ser humano com os outros (cf. Jo 12,50; Mc 12,31; Mt 25,40). Ao longo da sua vida pública, Jesus sentou-se inúmeras vezes à mesa e participou até em banquetes para que foi convidado. No entanto, é na *Última Ceia* que o pão ganha o mais sublime dos significados: “Tomai, comei: isto é o meu corpo” (Mt 26,26). A forma distintiva como faz a *fração do pão*, permite aos discípulos de Emaús reconhecê-lo na manhã de Páscoa (cf. Lc 24,13-35), tornou-se na prática celebrativa dos cristãos na Eucaristia. Celebrando a presença real de Jesus Cristo, são animados pelo Espírito Santo a saírem a anunciar o Evangelho a todos os povos através do testemunho e das ações baseadas na caridade.

O terceiro e último capítulo, desta reflexão, é composto por duas partes: a experiência teórica pedagógico-didática em contexto escolar e a experiência prática da lecionação da Unidade Letiva “O pão de cada dia”, na turma quatro do sexto ano de escolaridade, da Escola Dr. Francisco Sanches, em Braga.

A importância da educação para os valores e a sua pertinência é o ponto de partida, deste capítulo, para a apresentação da visão da Igreja Católica sobre a educação e, de uma forma especial, o aprofundamento da importância da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e do professor, na educação integral do aluno. A educação para os valores, incluindo a solidariedade, constitui papel preponderante na educação integral da pessoa, nomeadamente das crianças e jovens. Neste sentido, a disciplina de EMRC, pelas suas características e natureza, pode garantir essa formação integral com a aposta na educação para os valores.

A segunda metade deste último capítulo inicia com a conceção e conceptualização de toda a unidade letiva. Depois de concebida, ela é apresentada de acordo com a mais recente legislação, vertida no Despacho n.º17169/2011 de 23 de dezembro de 2011, que privilegia os conhecimentos em detrimento das competências.

¹ As citações bíblicas utilizadas em todo o trabalho correspondem à seguinte tradução: Herculano ALVES (coord.), *Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2008⁵.

Através da apresentação da planificação de todas as aulas, num total de cinco tempos de quarenta e cinco minutos, apresento as estratégias, materiais e recursos a utilizar para um maior enriquecimento no processo ensino-aprendizagem, através da lecionação desta unidade letiva.

Já na parte final deste relatório, apresento a avaliação da Prática do Ensino Supervisionada com a pretensão de apontar novas perspetivas para a lecionação, em particular da Unidade Letiva “O pão de cada dia”, do sexto ano de escolaridade.

CAPITULO I – A SOLIDARIEDADE À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Ao longo dos tempos, a Igreja Católica foi exprimindo, através de reflexões feitas à luz da fé e da tradição, um conjunto de orientações sobre questões sociais designadas como a *Doutrina Social da Igreja (DSI)*. Alicerçadas no Evangelho, estas orientações incidem no anúncio de uma visão global da pessoa e da humanidade e na denúncia do pecado de injustiça que atinge a sociedade.

A solidariedade, um dos princípios fundamentais da *DSI*, é uma das temáticas que mereceram a atenção especial nos documentos pontifícios, principalmente ao longo do último século.

Ao longo desta exposição, a reflexão sobre a solidariedade é feita tendo como base os diversos documentos oficiais do Magistério da Igreja. Desenvolve-se em dois momentos: a solidariedade no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, onde constam os diversos documentos pontifícios sobre as questões sociais até 2005 e a encíclica de Bento XVI, *Caritas in Veritate*, o documento oficial do Magistério mais recente sobre esta temática.

1. A solidariedade no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*

A Igreja tem como principal missão, e razão da sua existência, a evangelização de todas as pessoas² que parte das três virtudes teológicas: o serviço da fé, a dimensão profética ou pastoral da palavra; o serviço da esperança, vida sacramental ou pastoral litúrgica; serviço da caridade, na comunidade crente (pastoral comunitária) e na sociedade (pastoral social)³.

O serviço da caridade, função real ou serviço fraterno é a «concretização» dos serviços da fé e da esperança. “Não basta, pois, *conhecer* a fé: «Ai de mim se não evangelizar!» (1Cor 9,16). Não basta *celebrar* a fé: «Nem todo o que diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus» (Mt 7,21). É preciso também e sobretudo *viver* a fé, pois só a vivência é um sinal credível da seriedade com que se conhece e se celebra: «a fé sem obras é morta» (Tg 2,14-17)”⁴.

O serviço da caridade é dirigido ao socorro e promoção da pessoa carenciada, à transformação da sociedade, mas também à organização da comunidade dos crentes de forma a garantir a sua missão⁵. Esta missão é realizada na vida da comunidade, em comunhão, e pelo

² Cf. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), in AAS 68 (1976), n.º 14.

³ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002,15-18.

⁴ *Ibidem*,17-18.

⁵ Cf. *Ibidem*.

compromisso de viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade⁶; serviço à pessoa, numa atenção concreta e situada, e à sociedade, na promoção da justiça.

1.1. A Doutrina Social da Igreja

A *Doutrina Social da Igreja (DSI)* surge assim como instrumento de evangelização. Faz parte essencial da mensagem cristã, propondo as consequências diretas do Evangelho para a vida em sociedade e a luta pela justiça⁷; anuncia Deus e o mistério da salvação de Cristo a cada pessoa; orienta a conduta dos cristãos; e, anuncia a verdade e denuncia as injustiças⁸.

A *DSI*, sendo um conjunto de “princípios de reflexão, de critérios de julgar e de directrizes para a acção”⁹, tem na sua atuação a função crítica e utópica. Crítica porque faz uma análise teológica e sociológica da realidade para uma interpretação da mesma à luz do Evangelho, para, através da atribuição de critérios, orientar a conduta cristã e para denunciar as injustiças anunciando propostas de verdade motivadores para a própria denúncia. Utópica porque propõe o ideal a seguir pelas pessoas permanecendo como meta orientadora das suas ação¹⁰.

Apesar de alguns papas terem intervindo no campo social, a *DSI* surge oficialmente no século XIX, com a publicação da Encíclica *Rerum Novarum*¹¹, do Papa Leão XIII a 15 de maio de 1891. O seu aparecimento neste período deveu-se à conjugação de diversos fatores, entre os quais: as transformações associadas à Revolução Industrial, o enfraquecimento da Teologia Moral, o aparecimento de novos regimes políticos após a Revolução Francesa; o despertar para a realidade social por parte de muitos leigos, religiosos e clérigos face às injustiças.

O Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Centesimus Annus* resumiu, desta forma, a origem e evolução da Doutrina Social da Igreja:

“No início da sociedade industrial, foi o «jugo quase servil» que obrigou o nosso predecessor a tomar a palavra em defesa do homem. Nestes cem anos, a Igreja permaneceu fiel a esse empenho! De facto, interveio nos anos turbulentos da luta de classes, a seguir à primeira guerra mundial, para defender o homem da exploração económica e da tirania dos sistemas totalitários. Colocou a dignidade da pessoa no centro das suas mensagens sociais, após a segunda guerra mundial, insistindo sobre

⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988), in AAS 81 (1989), n.º 36.

⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), n.º 54.

⁸ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 24.

⁹ PAULO VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* (14 de maio de 1971), in AAS 63 (1971), n.º 4.

¹⁰ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 24-25.

¹¹ Cf. LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum Novarum* (15 de maio de 1891), in ASS 23 (1890-91), 641-670.

o destino universal dos bens materiais, sobre uma ordem sem opressão e fundada no espírito de colaboração e solidariedade. Depois reiterou constantemente que a pessoa e a sociedade não têm necessidade apenas destes bens, mas também de valores espirituais e religiosos. Além disso, tendo verificado cada vez mais como tantos homens vivem, não no bem-estar do mundo ocidental mas na miséria dos países em vias de desenvolvimento, e padecem, uma situação que é ainda do «jugo quase servil», sentiu-se na obrigação de denunciar essa realidade clara e francamente, embora sabendo que este seu grito não será sempre acolhido favoravelmente por todos”¹².

A fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, celebrada nos sacramentos e continuada no quotidiano é o grande fundamento teológico da *DSI* que tem a sua fundamentação e realização no profundo respeito pela pessoa. Assim, o seu projeto libertador passa pelo amor a cada pessoa, nas situações concretas da sua vida, pela opção preferencial pelos pobres, pela denúncia de todas as situações de violação da dignidade humana e pela promoção da paz¹³.

Deste modo, e para uma eficaz atuação, a *Doutrina Social da Igreja* utiliza uma metodologia fundamentada no ver, julgar e agir:

“O *ver* é a percepção e o estudo dos problemas reais e das suas causas, cuja a análise corresponde às ciências humanas e sociais.

O *julgar* é a interpretação dessa realidade à luz das fontes da doutrina social, que determina o juízo que se pronuncia sobre os fenómenos sociais e as suas implicações éticas (...). É evidente que no ver e julgar a realidade, a Igreja não é nem pode ser neutra, porque não pode deixar de se conformar com a escala de valores enunciados no Evangelho (...).

O *agir* refere-se à execução da opção feita. Isto requer uma verdadeira conversão, isto é, a transformação interior que é disponibilidade, abertura e transparência à luz purificadora de Deus”¹⁴.

O método do ver, julgar e agir traduz os princípios e diretrizes sociais em três fases: através do estudo da situação, da apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes, e do exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar na prática os princípios e diretrizes¹⁵.

¹² JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), n.º 61.

¹³ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 35-37.

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações para o Estudo e o Ensino da Doutrina Social na Formação Sacerdotal*, Tipografia Poliglota Vaticana, Vaticano, 1988, n.º7.

¹⁵ Cf. JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961), in AAS 53 (1961), n.º 235.

A *Doutrina Social da Igreja* exprime-se a três níveis de valoração e vinculação: a nível *doutrinal*, definindo os princípios e valores permanentes que fundamentam os outros dois níveis; a nível *ético*, indicando as normas para julgar e os critérios decorrentes dos princípios doutrinários; a nível *sócio-político*, apontando diretrizes para a ação que variam mediante as circunstâncias históricas e o tipo de problemas¹⁶.

Os princípios fundamentais da *DSI* decorrem das exigências do Evangelho e da reflexão multiseccular da Igreja e, por isso, são permanentes e representam o contributo da Igreja para a edificação de uma sociedade mais justa e solidária. A missão da *Doutrina Social da Igreja* baseia-se nos princípios: dignidade humana, destino universal dos bens, opção pelos pobres, luta pela justiça, bem comum, gratuidade, na qual se incluem a subsidiariedade, disponibilidade para servir e a solidariedade¹⁷. É sobre este último princípio, a solidariedade, que versam as páginas seguintes.

1.2. O princípio de solidariedade

Os princípios da *Doutrina Social da Igreja*, onde se inclui a solidariedade, sendo “expressões da verdade inteira sobre o homem conhecida através da razão e da fé”¹⁸ procedem da relação entre as exigências da mensagem evangélica com os problemas resultantes da vida da sociedade¹⁹.

Apesar do carácter geral e fundamental destes princípios, por se referirem à realidade social no seu conjunto, eles “devem ser apreciados nas suas unidade, conexão e articulação”²⁰. Esta exigência não invalida a especificidade de cada princípio, mas sempre em articulação com os demais porque “os princípios da vida social, no seu conjunto, constituem aquela articulação da verdade na sociedade pela qual cada consciência é interpelada e convidada a interagir com todas as demais, na liberdade, em plena co-responsabilidade com todos e em relação a todos”²¹.

Para o cumprimento dos princípios da *Doutrina Social da Igreja* é necessária uma ação na sua direção, na via do desenvolvimento por eles indicado para a salvaguarda da dignidade da pessoa.

Face ao referido, não é conveniente abordar o *princípio da solidariedade* sem fazer referência aos do *bem comum*, do *destino universal dos bens* e ao de *subsidiariedade*.

¹⁶ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 101.

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 160.

¹⁹ Cf. *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*., n.º 162.

²¹ *Ibidem*., n.º 163.

O *bem comum* entendido como “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”²² constitui um dos princípios da *DSI* porque deriva da dignidade, unidade e igualdade de todas as pessoas. Tal como o agir moral dos indivíduos se realiza fazendo o bem, assim o agir social alcança a plenitude na realização do bem comum²³. Assim, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* compreende a realização humana numa perspectiva relacional referindo que a “pessoa não pode encontrar plena realização somente em si mesma, prescindindo do seu ser «com» e «pelos» outros”²⁴. Esta verdade não se remete à simples convivência em sociedade “mas a busca incansável, de modo prático e não só ideal, do bem”²⁵. Desta forma, o bem comum é referido como responsabilidade de todos os seres humanos pela promoção integral da pessoa e dos seus direitos fundamentais. As suas exigências “referem-se, antes de mais, ao empenho na paz, à organização dos pobres do Estado, a uma sólida ordem jurídica, à proteção do ambiente, à prestação dos serviços essenciais à pessoa, alguns dos quais são, ao mesmo tempo, direitos do homem: alimentação, habitação, trabalho, educação e acesso à cultura, saúde, transportes, livre circulação das informações e tutela da liberdade religiosa”²⁶.

Ninguém está dispensado de colaborar, de acordo com as suas possibilidades, para o bem comum, bem como todos têm também o direito de fruir das condições de vida social criadas pelos resultados da sua consecução²⁷. Esta responsabilidade inclui também o Estado que deve “garantir coesão, unidade e organização à sociedade civil da qual é expressão”²⁸, pois o bem comum constitui a razão de ser da autoridade política.

Das múltiplas implicações do bem comum, o *princípio do destino universal dos bens* assume particular importância baseando-se no facto de Deus ter sido a origem primeira de todos os bens dando a terra ao ser humano para que, dominando-a com o seu trabalho, goze dos seus frutos (cf. Gn 1,28-29).

A pessoa não pode prescindir dos bens essenciais às suas necessidades primárias, indispensáveis para a alimentação e crescimento. Por isso, todo o ser humano “deve ter a possibilidade de usufruir do bem-estar necessário para o seu pleno desenvolvimento: o

²² CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), n.º26.

²³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º164.

²⁴ *Ibidem*, n.º 165.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ *Ibidem*, n.º 166.

²⁷ Cf. *Ibidem*, n.º 167.

²⁸ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), n.º74.

princípio do uso comum dos bens”²⁹ é o “primeiro princípio de toda a ordem ético-moral”³⁰. No entanto, para garantir o direito de todas as pessoas ao uso dos bens é necessária a regulamentação, através de acordos nacionais e internacionais e um ordenamento jurídico, para assegurar o exercício equitativo e ordenado dos mesmos.

O destino universal dos bens comporta o esforço de todos visando a criação de condições necessárias ao desenvolvimento integral, para que todos possam contribuir para a promoção de um mundo mais humano³¹.

O *princípio da subsidiariedade*, presente desde a primeira grande encíclica social³², assumiu desde sempre grande destaque na *Doutrina Social da Igreja*. A promoção da pessoa só é possível caso se cuide das expressões agregativas de tipo económico, social, cultural, desportivo, recreativo, profissional, político, “às quais as pessoas dão vida espontaneamente e que lhes tornam possível um efectivo crescimento social”³³; a família, os grupos e as associações são alguns desses exemplos.

A rede das relações entre indivíduos e entre sociedades intermédias constitui a base de uma verdadeira comunidade de pessoas, tornando possível o reconhecimento de formas mais elevadas de sociabilidade³⁴.

O princípio de subsidiariedade é apresentado na encíclica *Quadragesimo Anno*³⁵, do Papa Pio XI, como princípio importante da filosofia social realçando a exigência de tutelar e de promover as expressões originárias da sociabilidade³⁶. Por isso, todas as sociedades “devem pôr-se em atitude de ajuda (subsídium) – e portanto de apoio, promoção e incremento”³⁷ – em relação às restantes. Desta forma, é defendido o cumprimento das funções dos corpos sociais intermédios para não terem de as ceder injustamente a agregações sociais de nível superior correndo o risco da absorção e/ou substituição dos inferiores face aos superiores³⁸.

Apesar do sentido positivo deste princípio face ao apoio económico, institucional e legislativo às entidades menores, a subsidiariedade tem implicações negativas nomeadamente

²⁹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 172.

³⁰ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Laborem Exercens* (14 de setembro de 1981), in AAS 73 (1981), n.º 19.

³¹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 175.

³² Cf. LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum Novarum* (15 de maio de 1891), in ASS 23 (1890-1891), 641-670.

³³ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 185.

³⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), n.º 49.

³⁵ Cf. PIO XI, Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* (15 de maio de 1931), in AAS 23 (1931), 177-228.

³⁶ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 186.

³⁷ Cf. *Ibidem*.

³⁸ Cf. *Ibidem*.

através da imposição ao Estado de abster-se de tudo o que provoque restrições ao espaço vital das células menores e essenciais à sociedade³⁹.

O princípio de subsidiariedade visa a proteção das pessoas dos abusos de instâncias superiores defendendo que “cada pessoa, família e corpo intermédio tem algo de original para oferecer à comunidade”⁴⁰.

O *princípio da solidariedade* mantém assim uma estrita relação e conexão com todos os princípios, principalmente os referidos anteriormente⁴¹. A solidariedade confere “particular relevo à intrínseca sociabilidade da pessoa humana, à igualdade de todos em dignidade e direitos, ao caminho comum dos homens e dos povos para uma unidade cada vez mais convicta”⁴².

A relação de interdependência entre as pessoas e os povos, situação em expansão nas últimas décadas causada principalmente pela multiplicação das vias, dos meios de comunicação e dos progressos da informática, juntamente a diversas formas de exploração, opressão e corrupção têm causado o aumento de situações muito fortes de desigualdade entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Desta forma, e para evitar sérias consequências de uma situação de injustiça, “o processo de aceleração da independência entre as pessoas e os povos deve ser acompanhado por um empenho no plano ético-social igualmente intensificado”⁴³.

A Igreja Católica apresenta a solidariedade como princípio social⁴⁴ e o de virtude moral⁴⁵, dois aspetos complementares importantes na necessária transformação da relação de interdependência entre os seres humanos em relações tendentes a uma verdadeira e própria solidariedade ético-social.

Antes de mais, a solidariedade deve ser compreendida no seu valor de princípio social ordenador das instituições, com base na superação das “estruturas de pecado”⁴⁶ que dominam as relações entre pessoas e os povos, e na transformação em estruturas de solidariedade, mediante a criação e/ou modificação de leis, regras do mercado e ordenamentos⁴⁷. No entanto, a solidariedade é também uma virtude moral, não como sentimento de compaixão pelos males sofridos por alguém mas, pelo contrário, “é a determinação firme e perseverante de se

³⁹ Cf. *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*, n.º 187.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, n.º 194.

⁴² *Ibidem*, n.º 192.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000², n.º 1939-1941.

⁴⁵ *Ibidem*, n.º 1942.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de dezembro de 1987), in AAS 80, 1988, n.º 36-37.

⁴⁷ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 193.

empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um”⁴⁸. Através da dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum, e da atitude evangélica de disponibilidade em benefício do próximo, a solidariedade “eleva-se ao grau de virtude social fundamental”⁴⁹.

O princípio de solidariedade implica um maior cultivo da consciência da dívida que o ser humano tem para com a sociedade, na qual está inserida. Cada pessoa é devedora das condições que possibilitam a existência humana: do património, visível ou invisível, constituído pela cultura; do conhecimento científico e tecnológico, pelos bens materiais e imateriais, em suma, por tudo o que a história da humanidade produziu. A honra de tal dívida, através das manifestações do agir moral, permite a ininterrupção do caminho dos seres humanos que continua aberto às gerações presentes e futuras, chamadas a compartilhar na solidariedade o mesmo dom⁵⁰.

O Magistério da Igreja utiliza inúmeras vezes o termo «solidariedade» para exprimir “a exigência de reconhecer no conjunto dos liames que unem os homens e os grupos sociais entre si, o espaço oferecido à liberdade humana para prover o crescimento comum”⁵¹.

A vida de Jesus de Nazaré é o vértice insuperável da perspectiva apresentada manifestando a sua solidariedade com a humanidade até morte na cruz⁵². “N’Ele a solidariedade alcança as dimensões do mesmo agir de Deus”⁵³ e, graças a Ele, a vida social, apesar das suas contradições e ambiguidades, pode ser redescoberta como lugar de vida e de esperança, “enquanto sinal de uma graça que continuamente é oferecida a todos e que, enquanto dom, convida às formas mais altas e abrangentes de partilha”⁵⁴. O Papa João Paulo II, na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, refere a solidariedade como virtude cristã pelos pontos de contacto entre ela e a caridade. À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se:

“À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si própria, a revestir as dimensões *especificamente cristãs* da gratuidade total, do perdão e da reconciliação. O próximo, então, não é só um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais; mas torna-se *imagem viva* de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objecto da acção permanente do Espírito Santo. Por isso, deve ser amado, ainda que seja o inimigo, com o mesmo

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, n.º 195.

⁵¹ *Ibidem*, n.º 194.

⁵² Cf. *Ibidem*, n.º 196.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Ibidem*.

amor com o que o ama o Senhor; e é preciso estarmos dispostos ao sacrifício por ele, mesmo ao sacrifício supremo: «dar a vida pelos próprios irmãos» (cf. 1Jo 3,16)⁵⁵.

O princípio da solidariedade é “iluminado pelo primado da caridade”⁵⁶, por isso é necessário que os cristãos vivam socialmente como testemunhas profundamente convictas, manifestando, com a sua vida, o amor: única força que pode guiar à perfeição pessoal e social e mover a história rumo ao bem⁵⁷. Segundo o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, as relações sociais devem ser marcadas e penetradas pelo amor que permitirá uma sociedade mais humana e considera a necessidade de revalorização do amor na vida social, nos planos: político, económico, cultural, fazendo dele a norma constante e suprema do agir⁵⁸. A caridade é apresentada pelo Magistério da Igreja como “o maior mandamento social”⁵⁹ capaz de transformar completamente a pessoa⁶⁰.

A solidariedade é um dos princípios basilares de todo o ensinamento social da Igreja. Embora não de forma explícita, é um dos pilares da encíclica *Rerum Novarum*, na qual o Papa Leão XIII o enuncia com o termo «amizade»⁶¹. Por seu lado, Pio XI utiliza a expressão «caridade social»⁶² e Paulo VI refere-se à «civilização do amor»⁶³ “ampliando o conceito às múltiplas dimensões da questão social”⁶⁴. A partir de Pio XII, o termo «solidariedade» é utilizado frequentemente com uma amplitude de significado cada vez maior.

1.3. A ação sócio caritativa

A caridade foi sempre uma constante prática da Igreja que sentiu necessidade de adaptar novas formas e atitudes de acordo com as alterações sociais e as necessidades de cada época. No entanto, esse dinamismo dimana sempre do mandamento evangélico do amor cujo pleno cumprimento é a caridade⁶⁵.

As comunidades dos primeiros cristãos repartiam os bens entre todos, segundo as necessidades de cada um, de tal modo que não havia pobres entre eles (cf. At 2,42-47; 4,32-

⁵⁵ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de dezembro de 1987), in AAS 80 (1988), n.º40.

⁵⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 180.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*, n.º 581-582.

⁵⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000², n.º1231.

⁶⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001), in AAS 93 (2001), n.º 49-51.

⁶¹ Cf. LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum Novarum* (15 de maio de 1891), in ASS 23 (1890-91), n.º 11-14.

⁶² Cf. PIO XI, Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* (15 de maio de 1931), in AAS 23 (1931), II: n.º5 e III: n.º 2-3.

⁶³ Cf. PAULO VI, *Homilia da missa de encerramento do Ano Santo* (25 de dezembro de 1975), in AAS 68 (1976), 145.

⁶⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), n.º 10.

⁶⁵ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 221.

35; 5,12-16) e, durante muitos séculos, o bispo foi denominado advogado e administrador dos povos sendo os bens da Igreja destinados aos pobres⁶⁶.

Independentemente da época e do estado de evolução de cada sociedade, da criação e multiplicação de apoios sociais, sempre existirão situações de carência que exigem o exercício da ação sócio caritativa por parte das comunidades cristãs. A evangelização não se resume ao anúncio teórico do Evangelho, mas ao anúncio e realização da justiça proclamada num espaço e tempo concretos.

A relação próxima do cristianismo com a pobreza não deve motivar a confusão entre a pobreza imposta e a pobreza como opção de vida. De um lado, a pobreza enquanto situação de miséria nas suas variadas e múltiplas formas, deve ser combatida por todos os meios; por isso, ela em si não é um ideal cristão bem como a caridade, motor da ação da Igreja, não significa a “canonização” da pobreza⁶⁷. Por outro lado, “só se pode lutar verdadeiramente contra a pobreza se se opta pela pobreza como forma de vida”⁶⁸ o que não significa optar pela miséria. Esta opção de vida consiste na disponibilidade de vida interior de abertura e aceitação absoluta à vontade de Deus; no despreendimento e desapego aos bens; na vivência de uma justa liberdade face aos bens materiais; na luta pela implantação da justiça entre pessoas e povos; no fomento que favoreça a justiça e a solidariedade; no são relacionamento consigo próprio, com a sociedade e com o meio ambiente⁶⁹.

A pobreza de milhões de homens e de mulheres em todo o mundo é considerada pelo Magistério da Igreja, nas palavras de João Paulo II, “a questão que, em absoluto, mais interpela a nossa consciência humana e cristã”⁷⁰. Ela coloca um dramático problema de justiça tornando “impossível daquele humanismo planetário que a Igreja almeja e persegue, para que as pessoas e os povos possam «ser mais» e viver «em condições mais humanas»”⁷¹.

O cristão, no combate à pobreza, encontra forte motivação no amor preferencial da Igreja pelos pobres e, baseado nos princípios da solidariedade e subsidiariedade, olha os pobres “não como um problema, mas como possíveis sujeitos e protagonistas dum futuro novo e mais humano para todo o mundo”⁷².

Os tempos hodiernos são marcados: pelo anonimato de seres humanos rodeados da multidão e por carenciados esquecidos e abandonados, vítimas de uma sociedade

⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 222-223.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*, 224.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*.

⁷⁰ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz 2000* (8 de dezembro de 1999), in AAS 92 (2000), n.º14.

⁷¹ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005, n.º 449, 285.

⁷² JOÃO PAULO II, *Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz 2000* (8 de dezembro de 1999), in AAS 92 (2000), n.º14.

individualista; pelas doenças contagiosas que afetam milhares de pessoas; por aqueles que perdem os seus bens. Por outro lado, há ainda aqueles que inventam muitas formas de se fazerem passar pelos próprios carenciados⁷³.

Atualmente, de acordo com as características sociais motivadas por diversos fatores, as exigências são diferentes, daí a necessidade de criar novas formas de solidariedade, “respostas mais criativas e mais adequadas às reais necessidades das pessoas”⁷⁴. Estas situações exigem da parte das comunidades cristãs algumas atitudes: uma maior atenção sobre a realidade na tentativa de descobrir situações encobertas; dar a conhecer os direitos a quem os desconhece; apoio nas dificuldades financeiras; apoio na educação; o apoio à família; o apoio na procura de emprego; inventar novas formas de acolhimento; entre outras⁷⁵.

Com a ajuda dos meios de comunicação, temos a oportunidade de conhecer muitas situações de calamidade e miséria existentes em diversos pontos do planeta. Por vezes, o exercício da solidariedade encontra, na distância, um dos principais obstáculos. Por um lado, não basta partilhar mas é também necessária a criação de condições para que esta partilha seja adequada e chegue ao destino em condições utilizáveis; por outro, o desconhecimento da utilidade que alguns objetos, insignificantes para uns, poderão ter para os povos mais pobres⁷⁶. Por isso, é necessária a organização da solidariedade que permita “não só por em prática a nossa capacidade de partilha, mas também canalizá-la eficazmente para as causas onde não podemos ir pessoalmente nem sequer sabemos como fazê-lo”⁷⁷.

1.4. O voluntariado

A atitude exterior de abertura às necessidades dos outros não se resume à capacidade de dar bens materiais a quem os precisa. É fundamental que cada ser humano compreenda a disponibilidade como concretização dos talentos e carismas únicos e irrepetíveis que cada pessoa⁷⁸ dispõe e que os mesmos foram atribuídos para os colocar ao serviço dos outros. Esta disponibilidade revela-se em todas as situações que revertam a favor da pessoa ou da sociedade, tais como a participação em diversas ações sociais, mesmo que sejam remuneradas, e pelo voluntariado⁷⁹.

⁷³ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 224-236.

⁷⁴ *Ibidem*, 237.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 237-238.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 239.

⁷⁷ *Ibidem*, 239.

⁷⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988), in AAS 81 (1989), n.º 37.

⁷⁹ Cf. José SILVA, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002, 119.

O *voluntariado* autêntico, enraizado na caridade, concentra-se na promoção da dignidade e do bem dos outros, como refere o Papa João Paulo II, na encíclica *Christifideles Laici*:

“Continuam a aparecer e a espalhar-se, sobretudo nas sociedades organizadas, diversas formas de voluntariado que se traduzem numa multiplicidade de serviços e de obras. Se for vivido na sua verdade de serviço desinteressado ao bem das pessoas, especialmente as mais carenciadas e as mais abandonadas dos próprios serviços sociais, o voluntariado deve ser visto como sendo uma importante expressão de apostolado, onde os fiéis leigos, homens e mulheres, desempenham um papel de primeiro plano”,⁸⁰.

O voluntariado é essencialmente uma postura altruísta que torna prioritário o «outro» sobre o «eu». Este «outro» deixa de ser um simples indivíduo, um outro «eu» para ser, na prática, o «próximo» pela atitude verdadeira e desinteressada de dádiva do voluntário que se aproxima do ser humano necessitado.

De acordo com esta dinâmica relacional e desinteressada, o voluntariado concretiza a solidariedade não como mera assistência, mas como a participação do «próximo», como interveniente ativo e essencial na construção do seu projeto de vida e no desenvolvimento da comunidade na qual está inserido. Desta forma, o voluntariado, alicerçado na verdade, não se reduz a uma mera boa intenção, à aplicação de um conjunto de ações, ou a um caminho para um tipo de compensação pessoal, mas numa dinâmica relacional na qual é implicado quem o aplica e quem o recebe, verdadeiros intervenientes na edificação da justiça e do bem⁸¹.

Na liberdade que o caracteriza, o voluntário sai da sua zona de conforto e «incomoda-se» pelo sofrimento do «outro», desprendendo-se para se entregar ao «próximo», para se transcender na sua ação e não se limita a ajudar ou a «dar» mas a «dar-se», oferecendo-se a si como um dom e sofrendo com a dor do «outro»⁸².

Desta forma, e para confiança do «próximo», o voluntário deve apresentar uma postura que se adegue a este serviço. Além de revelar conhecimentos e capacidades para a ação, o voluntário deve, acima de tudo, apresentar uma estrutura moral e uma forma de ser equivalente à sua missão para que, desta forma, garanta a confiança por parte de quem é auxiliado.

⁸⁰ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988), in AAS 81 (1989), n.º 41.

⁸¹ Cf. Alfredo SEDANO, *El motivo del voluntariado: una propuesta posible* in Aurora BERNAL (coord.), *El voluntariado: educación para la participación social*, Ariel, Barcelona, 2002, 59.

⁸² Cf. Adalberto CARVALHO (coord.), *Voluntariado e dádiva cristã*, Centro de Investigação de Paula Frassinetti/Fundação Fé e Cooperação, Lisboa, 2012, 20

2. A encíclica *Caritas in Veritate*

A carta encíclica do Papa Bento XVI, *Caritas in Veritate*⁸³, reforça o pensamento do Magistério da Igreja, nomeadamente sobre as temáticas anteriormente referidas com a atualização das duas encíclicas mais marcantes do último século. Enraizado na encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, este documento pontifício assume-se na continuidade da *Populorum Progressio*, de Paulo VI, apontando as novidades exigidas pelas características sociais da atualidade.

2.1. A caridade na verdade

Bento XVI começa por fazer referência às duas palavras que intitulam esta encíclica, tornando-se pilares de todo o documento. O *amor* - «*caritas*» - “é uma força extraordinária que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz”⁸⁴, através da defesa, proposta e testemunho da *verdade*; na medida em que, através da vocação de Deus no coração de cada pessoa, o amor e a verdade nunca desaparecem totalmente dos seres humanos⁸⁵.

A caridade, via mestra da *Doutrina Social da Igreja*, atribui “verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo; é o princípio não só das microrrelações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, económicos e políticos”⁸⁶. No entanto, e para evitar uma má interpretação da caridade e a tentativa da sua exclusão da vida ética, é necessária a conjugação entre a caridade e verdade: “a verdade há-de ser procurada, encontrada e expressa na «economia» da caridade, mas esta por sua vez há-de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade”⁸⁷.

A verdade ilumina, dá sentido e valoriza a caridade, através da luz da razão e da fé pela qual a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade⁸⁸. Sem verdade, a caridade “cai no sentimentalismo”⁸⁹, o amor torna-se “um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente”⁹⁰. O amor numa cultura sem verdade acaba prisioneiro das emoções e opiniões individuais chegando a significar o oposto do que realmente é⁹¹.

⁸³ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), 641-709.

⁸⁴ *Ibidem*, n.º1.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*, n.º2.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, n.º2-3.

⁸⁹ *Ibidem*, n.º3.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Cf. *Ibidem*.

Bento XVI refere-se ao atual contexto social e cultural marcado pelo relativismo da verdade, por isso, associa a vivência da caridade na verdade com a adesão dos valores do Cristianismo, “útil e mesmo indispensável para a construção de uma boa sociedade e dum verdadeiro desenvolvimento humano integral”⁹².

A caridade é amor recebido, graça, e, por isso, os seres humanos, destinatários do amor de Deus, são sujeitos da caridade e chamados a fazerem-se, eles mesmos, instrumentos desta graça na difusão da caridade⁹³. Através desta dinâmica, os seres humanos propõem-se a responderem à *Doutrina Social da Igreja*: à “proclamação da verdade do amor de Cristo na sociedade”⁹⁴.

A encíclica destaca a *justiça* e o *bem comum* como critérios orientadores da ação moral que dão forma ao princípio da «*caritas in veritate*», em torno do qual gira toda a *Doutrina Social da Igreja*. Apesar de cada sociedade elaborar um sistema próprio de justiça, ela não é alheia nem um caminho paralelo à caridade, mas é “inseparável da caridade”⁹⁵. A caridade supera a justiça na medida em que quem ama os outros, com caridade, é antes de mais, justo para com eles. Pois, nunca damos aos outros o que é nosso sem antes lhes dar o que lhes pertence por justiça. Por seu lado, além do bem individual, existe, como foi referido no capítulo anterior, um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. Querer o bem comum e trabalhar por ele é uma exigência da justiça e da caridade e, quando o seu empenho é animado pela caridade, tem um valor superior ao do empenho secular ou político⁹⁶.

2.2. O desenvolvimento integral da pessoa

Bento XVI destaca a relação entre a encíclica *Populorum Progressio* e a conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II, e a importância deste para o documento de Paulo VI⁹⁷, nomeadamente na comunicação de “duas grandes verdades”⁹⁸: A Igreja, na sua essência e ação, quando anuncia, celebra e atua na caridade, “tende a promover o desenvolvimento

⁹² *Ibidem*, n.º4.

⁹³ Cf. *Ibidem*, n.º5.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ Cf. *Ibidem*, n.º6. O Papa Bento XVI cita a Carta Encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, utilizando a expressão “inseparável da caridade”. Cf. PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), in AAS 59 (1967), n.º 22.

⁹⁶ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), n.º7.

⁹⁷ Bento XVI destaca ainda a conexão entre a encíclica *Populorum progressio*, o magistério de Paulo VI e a questão social. Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), n.º13.

⁹⁸ *Ibidem*, n.º11.

integral da pessoa humana”⁹⁹, e “o autêntico desenvolvimento do ser humano diz respeito unitariamente à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões”¹⁰⁰.

O desenvolvimento humano integral é primariamente uma vocação, exigindo “uma livre e solidária assunção de responsabilidade por parte de todos”¹⁰¹. O ser humano não se desenvolve apenas por si nem o próprio desenvolvimento é algo conseguido de fora. Bento XVI refere-se à encíclica *Deus caritas est* para sublinhar a importância do encontro com Deus no desenvolvimento da pessoa. É através desse encontro que permite à pessoa “deixar de ver no outro sempre e apenas o outro, para reconhecer nele a imagem divina, chegando assim a descobrir verdadeiramente o outro e a matutar um amor que «se torna cuidado do outro e pelo outro»”¹⁰².

A encíclica *Caritas in Veritate* frisa a ambivalência da técnica: de um lado, aqueles que lhe confiam inteiramente o processo de desenvolvimento caindo, de certo modo, na desorientação, como alerta a *Populorum Progressio*; por outro, os que se opõem à técnica considerando-a inútil no desenvolvimento da pessoa. Sobre esta questão, Bento XVI considera que a boa utilização das descobertas científicas e da orientação do progresso por parte das pessoas, “constituem uma oportunidade de crescimento para todos”¹⁰³. A ideia «antidesenvolvimento» é expressão de falta de confiança em Deus e no ser humano e, segundo a encíclica, “é um grave erro desprezar as capacidades humanas de controlar os extravios do desenvolvimento ou mesmo ignorar que o ser humano está constitutivamente inclinado para «ser mais»”¹⁰⁴.

O progresso é, na sua essência, uma *vocação*, na medida em que cada pessoa é chamada a desenvolver-se e toda a vida humana é vocação. Este facto é o que legitima a intervenção da Igreja nas problemáticas do desenvolvimento e é o reconhecimento de que o mesmo, nascendo de um apelo transcendente, “é incapaz por si mesmo de atribuir-se o próprio significado último”¹⁰⁵.

2.3. A vocação ao desenvolvimento

Como a vocação exige uma resposta livre e responsável, assim também o desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos. Por

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), in AAS 59 (1967), n.º 14, citado por Bento XVI. Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), n.º11.

¹⁰¹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), n.º11.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *Ibidem*, n.º14.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Ibidem*, n.º16.

isso, nenhuma estrutura pode garantir o desenvolvimento prescindido e/ou sobrepondo-se à responsabilidade humana¹⁰⁶. A liberdade não é referente apenas ao desenvolvimento mas também às situações de subdesenvolvimento, que dependem da responsabilidade humana. “Somente se for livre é que o desenvolvimento pode ser integralmente humano; apenas num regime de liberdade responsável, pode crescer de maneira adequada”¹⁰⁷.

O desenvolvimento humano integral, enquanto vocação e requerendo a liberdade, exige também o respeito pela sua verdade. A fé cristã tem no Evangelho o elemento fundamental do desenvolvimento precisamente porque “Cristo, com «a própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo». (...) Deus pronuncia o maior «sim» ao ser humano, este não pode deixar de se abrir à vocação divina para realizar o próprio desenvolvimento”¹⁰⁸. Por isso, a vocação cristã ao desenvolvimento é compreendida nos planos natural e sobrenatural.

O Papa Bento XVI destaca a validade e atualidade da mensagem central da *Populorum Progressio* que assenta na integralidade do desenvolvimento: “se não é desenvolvimento do ser humano todo e de toda a pessoa, não é verdadeiro desenvolvimento”¹⁰⁹.

A *Caritas in Veritate* apresenta a caridade, centro da vocação ao desenvolvimento sublinhando, e citando a *Populorum Progressio*, que as causas do subdesenvolvimento não são primeiramente de ordem material. Somos, por isso, convidados a encontrar essas causas na vontade, “que muitas vezes descuida os deveres da solidariedade”¹¹⁰ e no pensamento, “que nem sempre sabe orientar conveniente o querer”¹¹¹. No entanto, uma das causas de subdesenvolvimento mais importante provocada pela carência de pensamento é, para Bento XVI e Paulo VI, “a falta de fraternidade entre os homens e entre os povos”¹¹². A razão, por si, é capaz de ver a igualdade entre os seres humanos e estabelecer uma convivência mas, não tem capacidade para fundar a fraternidade: “A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos”¹¹³, por isso, a fraternidade tem origem “numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna”¹¹⁴.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*, n.º17.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*, n.º18.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ *Ibidem*, n.º19.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*. Cf. PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), in AAS 59 (1967), n.º 20.

¹¹³ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), n.º19.

¹¹⁴ *Ibidem*.

2.4. A economia e o desenvolvimento na atualidade

Bento XVI interroga até que ponto foram satisfeitas as expectativas de Paulo VI face ao desenvolvimento, que teria o objetivo de fazer sair os povos da fome, da miséria, das doenças endêmicas, do analfabetismo, à promoção da igualdade no processo económico internacional, à evolução de sociedades instruídas e solidárias e à consolidação de regimes democráticos capazes de assegurarem a liberdade e a paz¹¹⁵.

A *Caritas in Veritate* clarifica algumas ideias sobre a relação da DSI com a economia. “O lucro é útil se, como meio, for orientado para um fim que lhe indique o sentido e o modo como o produzir e utilizar”¹¹⁶. No entanto, caso o objetivo do lucro, mal produzido, não tenha como fim último o bem comum “arrisca-se a destruir riqueza e a criar pobreza”¹¹⁷. Apesar do desenvolvimento ter tirado milhares de pessoas da miséria, o progresso económico continua a padecer de anomalias e problemas, situação preocupante que deve ser encarada com realismo, confiança e esperança. “A crise obriga-nos a de novo o nosso caminho, a impor-nos regras novas e encontrar novas formas de empenhamento, a apostar em experiências positivas e a rejeitar as negativas”¹¹⁸. O Papa Bento XVI considera a crise como “ocasião de discernimento e elaboração de nova planificação”¹¹⁹.

Atualmente, a linha de demarcação entre os países ricos e pobres não é tão nítida como no tempo da *Populorum Progressio*: “cresce a riqueza mundial em termos absolutos, mas aumentam as desigualdades”¹²⁰. Surgem, nos países ricos, novas pobreza e nos mais pobres alguns grupos que gozam “duma espécie de superdesenvolvimento dissipador e consumista que contrasta, de modo inadmissível, com perduráveis situações de miséria desumanizadora”¹²¹. Continuam a existir inúmeros casos de corrupção e de ilegalidade quer nos países ricos quer nos pobres, o incumprimento dos direitos dos trabalhadores e o desvio das finalidades das ajudas internacionais.

Apesar de existir também uma evolução assinalável por parte de muitos países, “não é suficiente progredir do ponto de vista e económico; é preciso que o desenvolvimento seja, antes de mais nada, verdadeiro e integral”¹²².

A atual conjuntura económica, diferente do tempo de Paulo VI, condiciona a soberania dos Estados e alterou o seu exercício da política. Desta forma, é possível o reforço das novas formas de participação na política nacional e internacional através de uma melhor definição

¹¹⁵ *Ibidem*, n.º21.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*.

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ *Ibidem*, n.º22.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² *Ibidem*, n.º23.

do papel dos poderes públicos e da atenção e participação ativa na política por parte dos cidadãos¹²³.

No plano cultural, as diferenças entre os tempos hodiernos e os da *Populorum Progressio* ainda são mais acentuadas. O crescimento das possibilidades de interação das culturas, abrindo expectativas de diálogo intercultural, apesar das suas vantagens, apresenta um duplo perigo: a existência de um *ecletismo cultural*, com a apresentação das culturas como equivalentes e intercambiáveis umas com as outras e o *nivelamento cultural*, que, em sentido oposto, conduz à homogeneização dos comportamentos e estilos de vida, perdendo-se o significado profundo da cultura das diversas nações, das tradições dos povos¹²⁴. Assim, “o ecletismo e o nivelamento cultural convergem no facto de separar a cultura da natureza humana”¹²⁵.

A fome, em risco de aumentar em muitos países, continua a ser um das emergências sociais; por isso, a passagem bíblica “Dar de comer a quem tem fome” (cf. Mt 25,35.37.42) é considerada um “imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade partilha do seu Fundador, o Senhor Jesus”¹²⁶. Na era da globalização, a eliminação da fome no mundo torna-se também num objetivo para perseverança da paz. No entanto, a fome não depende tanto da escassez material como da escassez de recursos sociais na medida em que “falta um sistema de instituições económicas que seja capaz de garantir um acesso regular e adequado, do ponto de vista nutricional, à alimentação, à água e também de enfrentar as carências relacionadas com as necessidades primárias”¹²⁷. Bento XVI propõe a eliminação das causas estruturais que provocam o problema de insegurança alimentar e a promoção de um desenvolvimento agrícola dos países mais pobres através de investimentos em infraestruturas rurais, sistemas de irrigação, transportes, organização dos mercados, formação e difusão de técnicas agrícolas apropriadas, capazes de utilizarem melhor os recursos humanos, naturais e socioeconómicos.

O direito à alimentação assume papel preponderante para a consecução dos outros direitos e, por isso, é necessária “a maturação duma consciência solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações”¹²⁸.

Bento XVI refere que o caminho da solidariedade com o desenvolvimento dos países pobres “pode constituir um projeto de solução para a presente crise global, como agentes

¹²³ Cf. *Ibidem*, n.º24.

¹²⁴ Cf. *Ibidem*, n.º26.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ *Ibidem*, n.º27.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ *Ibidem*.

políticos e responsáveis de instituições internacionais têm intuído nos últimos tempos”¹²⁹. A proposta do sustento aos países mais pobres, através de planos de financiamentos inspirados pela solidariedade, para desenvolvimento dos próprios cidadãos, possibilita gerar crescimento económico e apoiar a sustentação das capacidades produtivas dos países mais ricos que correm risco de ficarem comprometidas pela crise¹³⁰.

O respeito pela vida é outro dos evidentes aspetos do desenvolvimento, na atualidade, que está a assumir maior relevância, “obrigando-nos a alargar os conceitos de pobreza e subdesenvolvimento às questões relacionadas com o acolhimento da vida, sobretudo onde o mesmo é, de várias maneiras impedido”¹³¹. Desta forma, a abertura à vida constitui o centro do verdadeiro desenvolvimento, pois a perda da sensibilidade pessoal e social ao acolhimento de uma nova vida fragilizam-se também outras formas de acolhimento úteis à vida social. Cultivando a abertura à vida, os povos ricos podem compreender melhor as necessidades dos países pobres, promovendo ações virtuosas, na perspetiva de uma produção moralmente sadia e solidária¹³².

Deus é o garante do verdadeiro desenvolvimento do ser humano. Por seu lado, este “não é um átomo perdido num universo casual”¹³³; se o fosse poderia falar-se de incremento ou de evolução mas nunca de desenvolvimento¹³⁴.

As novas soluções exigidas face ao desenvolvimento dos povos devem ser procuradas na conjugação entre o respeito pelas leis próprias de cada realidade e à luz duma visão integral do ser humano, “contemplada com o olhar purificado pela caridade”¹³⁵.

O progresso, problema de fundo da *Populorum Progressio*, permanece em aberto. E se, desde essa encíclica de Paulo VI, alguns países conseguiram registar mudanças significativas em termos de crescimento económico, há outras zonas que vivem em situações de miséria semelhantes e outras até mais graves às da época. Assim, a caridade e a verdade desafiam o ser humano para um compromisso criativo mas complexo: “dilatam a razão e torna-la capaz de conhecer e orientar estas novas e dinâmicas, animando-as na perspetiva daquela «civilização do amor», cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura”¹³⁶.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ *Ibidem*.

¹³¹ *Ibidem*, n.º28.

¹³² Cf. *Ibidem*.

¹³³ *Ibidem*, n.º29.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*.

¹³⁵ *Ibidem*, n.º32.

¹³⁶ *Ibidem*, n.º 33.

2.5. O princípio de gratuidade

A caridade na verdade coloca o ser humano perante a experiência daquilo para que ele é feito: o dom. Pela sua natureza, o dom ultrapassa o mérito e, por isso, enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade constitui comunidade, unifica os seres humanos. Assim, o desenvolvimento económico, social e político, autenticamente humano, precisa de dar espaço ao princípio da gratuidade como expressão de fraternidade¹³⁷. Por isso, a comunidade humana deve encarar os pobres como um recurso em vez de um fardo, mesmo a nível económico. O mercado não pode estar isolado porque o interesse na promoção da emancipação exige “haurir energias morais de outros sujeitos, que sejam capazes de as gerar”¹³⁸. A Igreja não considera o mercado antissocial, no entanto, este não se deve tornar “lugar de prepotência do forte sobre o débil”¹³⁹. Não é o mercado, como instrumento, que deve ser questionado mas o próprio ser humano, a sua consciência moral e a sua responsabilidade pessoal e social¹⁴⁰. Por isso, o grande desafio é mostrar, a nível de pensamento e de comportamentos, “que não só não podem ser transcurados ou atenuados os princípios tradicionais da ética social, como a transparência, a honestidade e a responsabilidade, mas também que, nas relações comerciais, o princípio de gratuidade e a lógica do dom como expressão de fraternidade podem e devem encontrar lugar dentro da actividade económica normal”¹⁴¹.

Na época da globalização, a gratuidade é essencial para a actividade económica porque alimenta e difunde a solidariedade e a responsabilidade pela justiça e pelo bem comum. A solidariedade consiste, acima de tudo, em que todos se sintam responsáveis por todos e, por isso, não pode ser apenas delegada no Estado¹⁴². É necessário o empenho na promoção de um mundo mais humano para todos, no qual todos tenham algo a dar e a receber sem que o desenvolvimento de uns seja obstáculo de outros¹⁴³. Bento XVI refere o que a *Doutrina Social da Igreja* sempre defendeu, partindo da sua visão do homem e da sociedade, “é hoje requerido também pelas dinâmicas características da globalização”¹⁴⁴. É visível uma maior interligação da humanidade e uma maior potencialidade de forças para fazer sair os povos da miséria, no entanto, estes factos devem ser de utilidade para o desenvolvimento.

¹³⁷ Cf. *Ibidem*, n.º34.

¹³⁸ *Ibidem*, n.º35.

¹³⁹ *Ibidem*, n.º36.

¹⁴⁰ Cf. *Ibidem*.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, n.º38.

¹⁴³ Cf. *Ibidem*, n.º39.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

2.6. *Novas perspectivas para a solidariedade*

A *Caritas in Veritate* apresenta a solidariedade universal como um dever¹⁴⁵ intimamente ligado ao de subsidiariedade e vice-versa. É destacada a importância desta relação entre estes dois princípios desta forma: “se a subsidiariedade sem a solidariedade decai no particularismo social, a solidariedade sem a subsidiariedade decai no assistencialismo que humilha o sujeito necessitado”¹⁴⁶. Estes dois princípios são fundamentais principalmente nas ajudas internacionais destinadas ao desenvolvimento que, independentemente da intenção dos doadores, “podem por vezes manter um povo num estado de dependência a até favorecer situações de sujeição local e de exploração dentro do país ajudado”¹⁴⁷. Para tal, as ajudas económicas não devem visar segundos fins, envolvendo os governos dos países interessados mas também os agentes económicos locais e os sujeitos da sociedade civil¹⁴⁸. A ajuda aos países mais pobres deve ser encarada “como verdadeiro instrumento de criação e de riqueza para todos”¹⁴⁹.

Face às problemáticas de cariz social existentes na atualidade, Bento XVI apresenta algumas propostas, entre elas destacam-se: a melhor participação e organização dos sistemas de solidariedade social, um sistema menos burocrático mas coordenado, permitiriam a valorização de diversas energias em benefício da solidariedade entre os povos; a aplicação eficaz da denominada subsidiariedade fiscal permitiria aos cidadãos decidirem o destino de parte dos impostos devidos ao Estado e consistia num incentivo para formas de solidariedade social a partir de baixo; um maior acesso à educação, condição essencial para a eficácia da própria cooperação internacional, numa aposta à formação completa da pessoa¹⁵⁰.

A encíclica *Caritas in Veritate*, baseada na *Populorum Progressio*, destaca a incapacidade do ser humano de, por si só, gerir o próprio progresso, “porque não pode por si mesmo fundar um verdadeiro humanismo”¹⁵¹. Só na resposta ao chamamento a pertencer à família de Deus, como seus filhos, é que os seres humanos são capazes “de produzir um novo pensamento e desenvolver novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral”¹⁵². Deste modo, Bento XVI apresenta o humanismo cristão, que reaviva a caridade e se deixe guiar pela verdade, como a maior força no serviço ao desenvolvimento. “A disponibilidade para Deus

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, n.º43.

¹⁴⁶ *Ibidem*, n.º58.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁴⁹ *Ibidem*, n.º60.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*, n.º 60-61.

¹⁵¹ *Ibidem*, n.º 78.

¹⁵² *Ibidem*.

abre à disponibilidade para com os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa”¹⁵³ porque “o humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano”¹⁵⁴.

3. Em síntese

A missão evangelizadora da Igreja é também ela exigente no anúncio da Boa Nova e na denúncia das situações que, colocando em causa a sua dignidade, limitam o desenvolvimento integral da pessoa.

De acordo com esta missão evangélica direcionada para a ação, o Magistério da Igreja teve presente, ao longo dos tempos, as questões sociais com o olhar atento e as palavras enraizadas na Palavra de Deus, possibilitando a concretização de uma *civilização do amor, caridade social, solidariedade*, da *caridade na verdade*.

A Palavra de Deus é eficaz e transformadora, alicerce de todas as palavras utilizadas pelos seguidores de Jesus Cristo, empenhados a fazerem do mundo uma comunidade fraterna, solidificada na caridade. Estas palavras, instrumento da Palavra, anunciam o mandamento do amor e apontam para o seu cumprimento através da partilha.

A pessoa, tornando-se pão para os outros, consegue compreender o verdadeiro milagre da multiplicação, que reside na partilha. Jesus Cristo, o verdadeiro Maná, é o Pão partilhado, sempre presente, para matar a fome de todos os seres humanos.

¹⁵³ *Ibidem.*

¹⁵⁴ *Ibidem.*

CAPITULO II – O PÃO NA SIMBOLOGIA JUDAICO-CRISTÃ

A relação bíblica de Deus com o ser humano está baseada no amor e na sua reciprocidade. O Povo de Israel, face às maravilhas de Deus, pelas quais foi agraciado, sente necessidade de agradecimento. O cumprimento dos mandamentos é o mínimo que qualquer hebreu deve fazer, pois, Aquele que o criou e libertou do exílio do Egito, continua presente, com o Seu Povo, numa caminhada de libertação e de salvação.

O pão, associado ao alimento essencial, constitui um elemento preponderante na cultura bíblica. É um dos elementos visíveis da relação: de Deus com os seres humanos, como dádiva divina; entre as pessoas e Deus, como forma de agradecimento; entre os próprios seres humanos, que, em torno da refeição, criam e reforçam as relações interpessoais.

O mandamento do amor de Deus, manifestado por Jesus Cristo é o grande desafio à condição humana, nomeadamente a nível relacional.

Jesus Cristo utiliza o pão, a partir de situações concretas do quotidiano, para manifestar os desígnios salvíficos de Deus. A passagem bíblica “«Eu sou o pão da vida quem vem a mim não mais terá fome»” (Jo 6,35), demonstra o significado atribuído ao pão em toda a Bíblia, cujo ponto central é a *Última Ceia*, de Jesus com os seus discípulos.

Em torno da refeição, Jesus Cristo tomou o pão e partiu-o pelos seus discípulos, dizendo: “«Tomai, comei: isto é o meu corpo»” (Mt 26,26). Neste mistério de fé, da morte e ressurreição de Jesus Cristo, os cristãos continuam a celebrar esta ceia – Eucaristia. Aí, o pão, tal como o vinho, deixam a mera linguagem simbólica para se tornarem símbolos reais da entrega de Jesus Cristo, pão e vinho que se tornam corpo e sangue derramado.

Pela Eucaristia, os cristãos continuam a reunir-se, celebrando a presença real de Jesus Cristo. No entanto, esta celebração não se limita ao ritual, no interior de um templo, mas em continuidade com o anúncio do evangelho a todas as pessoas através do testemunho de vida.

1. O pão na cultura judaica

Para a Palestina, tal como para a maioria dos povos, o pão faz parte do alimento diário e, por isso, assumiu desde cedo grande preponderância a nível social, cultural e económico, neste território situado na costa Este do Mar Mediterrâneo, encaixado entre o Líbano, a Síria, a Jordânia e o Egito.

O povo de Israel conheceu o pão, muito provavelmente, no contacto com a civilização egípcia, aquando da estadia de uma parte dos judeus no Egito¹⁵⁵. Os hebreus pelo contacto com os camponeses egípcios “não podiam deixar de sentir espanto perante um povo que

¹⁵⁵ Também é provável que Abraão já tivesse contactado com o pão, pela sua relação com o Egípto e a região da Mesopotâmia.

passava o dia todo ocupado com tudo o que dizia respeito à confecção do pão. O pão que agora aprendiam a produzir não era invenção sua. Se tivessem continuado a ser pastores nômadas nunca a teriam adotado”¹⁵⁶.

De facto, os hebreus tinham farinha já que não havia incompatibilidade entre o cultivo simples, temporário, e a deslocação nômada, mas não tinha fornos. “O forno egípcio de cozer pão era feito de adobe e fazia parte de uma arquitetura sólida e sedentária. Havia na verdade outros fornos, transportáveis - aos quais os judeus chamam *tannurim*, e que, mais tarde, os gregos designavam por *klibanoi* -, mas mesmo esses eram demasiado pesados; eram uma espécie de grandes vasos em pedra ou mesmo em metal, com três pés de altura. Era impensável que um povo que vivia em tendas ou em cabanas frágeis andasse a transportar tais fornos de um lado para o outro. Os judeus não começaram a produzir pão antes de terem o seu próprio assento fixo”¹⁵⁷.

Numa fase inicial, os judeus, consumiam os cereais que dispunham, torrando os grãos (cf. Rt 2,14) ou a massa (cf. Gn 18,6) mas provavelmente sempre utilizando o borralho. A confecção do pão era, inicialmente, da responsabilidade das mulheres, principalmente as donas de casa, por vezes com ajuda das filhas, que, desta forma, nutriam a família (cf. Gn18,6; Jr 7,18; Mt 13,33). No entanto, as famílias mais ricas já empregavam raparigas para esse efeito. “À medida que os judeus se foram fixando em cidades cada vez se tornou mais habitual haver homens ocupados com a produção do pão. Com base na divisão natural do trabalho surgiu uma nova profissão: os padeiros”¹⁵⁸.

Os judeus, depois de moerem a farinha e de prepararem a massa, confeccionavam o pão de trigo, cevada e de outros cereais. No entanto, o de trigo era o pão mais sublime já que era utilizado para os sacrifícios a Javé e para consumo dos mais ricos. Já a cevada era usada apenas para os pobres e, muitas vezes, na alimentação dos cavalos¹⁵⁹. Depois de confeccionado, o pão era devidamente guardado em cestos (cf. Gn 40,16; Ex 29,3.23; Dt 28,5) ou metido numa vara que deu origem à expressão «quebrar a vara do pão» para designar uma grande fome.

Os pães eram redondos e pequenos de tal forma que para a refeição habitual de um adulto seriam necessários, mais ou menos, três pães. No relato bíblico do banquete dado por Abigaíl a David, e seus acompanhantes, foram necessários duzentos pães acompanhados por

¹⁵⁶ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 77.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 77-78.

¹⁵⁸ *Ibidem*, 78.

¹⁵⁹ “O melhor pão que faziam era o de trigo. Do trigo obtinham também uma farinha especialmente peneirada – a que chamavam «kemach soleth», a «essência da farinha» - que usavam para os sacrifícios a Javé, mas também para fabricar o pão dos mais ricos. Um outro pão de qualidade que produziam era feito a partir de um trigo mais rude, a espelta. Pelo contrário, a cevada era usada apenas pelos mais pobres e muitas vezes servia para ração dos cavalos”. Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 78.

cinco cordeiros cozidos e dois jarros de vinho (Cf. 1Sm 25,18). Este é um dos exemplos da dimensão reduzida dos pães naquela época. No seu aspeto, um pão era baixo e do tamanho mais ou menos como um dos nossos pães mais pequenos. Isto ajuda-nos a compreender tecnicamente a razão pela qual, os judeus, em vez de cortarem o pão, o partiam¹⁶⁰. No entanto, o facto de não usarem a faca para cortar o pão não tinha apenas significado técnico, mas também religioso. A faca é instrumento de violência, desta forma, o judeu não devia exercer violência sobre o alimento essencial nem sobre quem o alimenta. O gesto judaico de partir o pão, com os dedos e não com as mãos, é associado também à ternura por este alimento. Este modo de comer o pão deu, mais tarde, origem à expressão bíblica “partir o pão” para expressar a participação numa refeição ou o seu início (cf. Is 58,7; Jr 16,7; Lm 4,4; Mt 15,2; Mc 3,20; Lc 14,1.15).

Durante a semana da *Pessach*, a Páscoa hebraica, o pão consumido pelos judeus não continha fermento como recordação da saída da escravidão do Egito em direção à “Terra Prometida”¹⁶¹. De acordo com o relato bíblico do Livro do Êxodo, a saída dos hebreus do exílio foi tão apressada que não permitiu a normal confeção do pão ao estilo egípcio: amassado para ir ao forno¹⁶². Desta forma, os judeus, numa das suas principais celebrações, cumprem o imperativo de Moisés após a libertação dos filhos de Israel do exílio:

“ «Recorda-te deste dia em que saíste do Egito, da casa da servidão, pois foi com mão forte que o SENHOR te fez sair daqui. Não se comerá pão fermentado. É hoje que vós saís, no mês de Abib. Quando o SENHOR te fizer entrar na terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do heveu e do jebuseu, que jurou aos teus pais dar-te a ti, terra que mana leite e mel, farás este serviço cultural neste mês. Durante sete dias comer-se-á pães sem fermento, e no sétimo dia haverá uma festa para o SENHOR” (Ex 13,3-6).

A *Pessach* tornou-se, desta forma, a maior festa judaica que marca também o início da primavera, destacando a importância da agricultura como um marco da providência divina e o centro de toda uma história de salvação.

A relação entre o pão e Javé ganhou importância para os judeus que se “lembravam de Deus quando olhavam para o pão e sempre que o traziam para casa proferiam a *baracha*, a

¹⁶⁰ Cf. Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 79.

¹⁶¹ “En la Biblia, la historia de la salvación de Abrahán, al cual ordena Dios que deje su patria, Mesopotamia, para dirigirse a una tierra que se le mostrará (Gén 12,1-2). (...) Cuando Abrahán entra en la que era entonces la tierra de Canaán y se detiene en Siquén, en el centro del país, Dios le declara: «A tu descendencia daré esta tierra» (Gén 12,7). En Betel, 17 km al norte de Jerusalén, es reiterada solemnemente la promesa (13,14-16); y en Hebrón, 40 km al sur de Jerusalén, Dios le dice a Abrahán: «Yo soy el Señor que te hizo salir de Ur de los caldeos (en la baja Mesopotamia) para darte este país en posesión» (15,7)”. Pietro ROSSANO, Gianfranco RAVASI e outros, “Tierra”, in *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica* (Nuovo Dizionario di teologia biblica), Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 1869.

¹⁶² “O povo levou a sua farinha amassada antes de levedar, e sobre os ombros as suas amassadeiras envoltas nos seus mantos” (Ex 12, 34).

bênção do pão: «Louvado sejas, Senhor nosso Deus, que fazes crescer pão da terra...»¹⁶³. O facto de os judeus darem graças a Deus pelo pão que comiam distinguia-os de muitas outras culturas que consideravam os sacrifícios prestados aos deuses suficientes para que estes fossem obrigados à retribuição do essencial para os mortais¹⁶⁴. No entanto, apesar do sentimento de agradecimento a Deus pelo pão, os judeus não contêm nas escrituras referências ao «amor ao pão», ao «pão sagrado» nem à «adoração do forno de pão». “A expressão «o forno do pão é a mãe», que do Oriente chegou até Bizâncio e daí passou para os Russos, que ainda hoje a aplicam com frequência, era igualmente estranha à cultura judaica. E decerto que os Judeus achavam ridículo o facto de os Romanos chegarem ao ponto de ter uma deusa do forno, Fornax, que fazia parte do conjunto das *deae matres*, as divindades maternais”¹⁶⁵.

A ação de graças judaica contraria, de certa forma, a primeira referência das Escrituras à produção do pão na medida em que, no Livro do Génesis, surge como um castigo de Deus a Adão e Eva que, por causa do pecado, passam a ter de trabalhar a terra:

“A seguir, disse ao homem: «Porque atendeste à voz da tua mulher e comeste o fruto da árvore, a respeito da qual Eu te tinha ordenado: ‘Não comas dela’, maldita seja a terra por tua causa. E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida. Produzir-te-á espinhos e abrolhos, e comerás a erva dos campos. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás.»” (Gn 3,17-19).

A postura do judeu perante tal situação é impressionante, na medida em que, mesmo depois do castigo, continua a agradecer a Deus pelo pão, resultado do esforço e suor do ser humano (cf. Sl 126,5-6) e inédita já que nenhuma outra religião é tão realista. “Mais nenhuma se atreveu a dizer que a obrigação do trabalho fosse um castigo. As outras religiões nunca se declararam porque fazê-lo representaria a instauração do desespero social”¹⁶⁶. Os hebreus reconhecem que, apesar de todo o sacrifício que o ser humano faz para subsistir, a terra da qual brota o alimento pertence a Deus e, por isso, é também este é um fator de agradecimento. “«Nenhuma terra será vendida definitivamente porque a terra pertence-me»” (Lv 25,23).

À imagem da *Pessach*, a *Kiddushe* e a *Habûrah* eram mais duas celebrações nas quais o pão tomava especial destaque na vida dos judeus. A *Habûrah* era uma refeição judaica que reunia à mesa o grupo de amigos que tinham o propósito de incentivar a devoção e a caridade. Por seu lado, a *Kiddushe* consistia numa refeição praticada semanalmente por um rabino e os

¹⁶³ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 84.

¹⁶⁴ Cf. *Ibidem*.

¹⁶⁵ *Ibidem*, 85.

¹⁶⁶ *Ibidem*, 85.

seus discípulos. “O seu propósito era preparar o *sabat* ou uma festa e tinha um carácter religioso. Consistia numa prática religiosa seguida por uma simples refeição de pão comum e vinho misturado com água, passando a taça de um ao outro, e por orações”¹⁶⁷.

Inserido na cultura judaica, Jesus Cristo participou, certamente, em diversas celebrações deste género. O pão seria mesmo o elemento central das comunidades, tanto que a profissão de padeiro já estava bastante difundida na Palestina, de tal ordem que cada cidade tinha os seus padeiros¹⁶⁸.

Contudo, a cidade cujo nome está intimamente relacionado com o pão é Belém, do hebraico «*Bêt Léhem*» que significa “casa do pão”. O termo foi transliterado, na “Tradução dos Setenta (LXX)”¹⁶⁹, por «*βετλεεμ*» e atribuído a duas cidades de Israel: Belém, da Tribo de Judá¹⁷⁰ e Belém, da Tribo de Zabulão (cf. Jz 19,15). O nome poderá ter sido atribuído pelo facto de Belém ser abundante em cereais, com os quais se fazia o pão¹⁷¹. Belém é considerada “propriedade da Tribo de Judá (Js 15,59), aí habitou a família de Booz (Rute) e aqui se deslocou Samuel para ungir David (1Sm 16,1-4). Fortificada por Roboão (2Cr 11,6), os seus homens constam da lista de regressados do Exílio (Esd 2,21). É a pátria do Messias (Mq 5,1); local do nascimento de Jesus (Mt 2,1; Lc 2,1-7)”¹⁷².

A palavra hebraica «*lehem*», utilizada no Antigo Testamento, é a tradução do termo «pão», no entanto está associada também a «guerra», “ talvez porque, nos tempos mais remotos, se lutava para procurar o pão de cada dia. De facto, em todas as épocas da história humana, o pão de cada dia foi, e ainda é, objecto de muito esforço, de luta”¹⁷³. Aliás, o termo «pão» surge, pela primeira vez na Bíblia, além do castigo, neste contexto de luta do ser humano pelo pão do quotidiano: “Comerás o pão com o suor do teu rosto” (Gn 3,19).

O pão ganhou grande importância na cultura judaica e, por conseguinte, no cristianismo. Depois do contacto de proximidade dos hebreus com a cultura egípcia e da sua

¹⁶⁷ William MAXWELL, *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, Methopress Editorial e Grafica, Buenos Aires, 1963, 20-21.

¹⁶⁸ Jerusalém, ao contrário de outras cidades mais pequenas, tinha uma rua destinada aos padeiros, estando os mestres desta profissão todos reunidos num bairro. No entanto, a referência do profeta Neemias à «torre dos fornos» vai de encontro à teoria da possível existência, em Jerusalém, de uma «fábrica de pão» utilizada pelos padeiros transformando a farinha em pão para depois venderem nas suas lojas (cf. Ne 3,11). Cf. Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 79.

¹⁶⁹ “Nome comumente dado à versão do hebraico para o grego do AT feita no período pré-cristão. O nome deriva da carta espúria de Aristéias que pretende dar um relato da origem da versão. Faz-se dizer a Aristéia, estudioso judeu do século II a.C., que Ptolomeu II Filadelfo (283-246 a.C) desejava ter uma tradução dos livros sagrados judaicos na grande biblioteca que fundou em Alexandria. A seu pedido, 72 homens, 6 de cada uma das 12 tribos, foram enviados a Jerusalém para fazer a tradução”. John L. MCKENZIE, “setenta”, in *Dicionário Bíblico (Dictionary of the Bible)*, Paulus, São Paulo, 1983⁶, 875.

¹⁷⁰ Na Bíblia, Belém de Judá é, por vezes, confundida com Efratá.

¹⁷¹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 272.

¹⁷² João Duarte LOURENÇO, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2008, 166.

¹⁷³ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 272.

sedentarização, os judeus atribuíram ao pão tal importância que passou de mero alimento a um dos símbolos mais preciosos de toda a Bíblia¹⁷⁴.

2. O pão, símbolo de todos os bens

Desde cedo, o ser humano utiliza símbolos para exprimir a dimensão espiritual da realidade abordada. “Podemos, pois, dizer que os símbolos são um modo, como outro qualquer, de captar a realidade e traduzi-la para os outros, a quem nos dirigimos. Esta linguagem simbólica é, mesmo, a que traduz as realidades mais difíceis, mais íntimas e mais profundas”¹⁷⁵. Etimologicamente, símbolo¹⁷⁶ deriva da junção das palavras gregas «*syn-ballo*»¹⁷⁷, ou seja, lançar junto, “comparar duas realidades, que têm alguma coisa a ver uma com a outra e que estão em relação de união uma com a outra: uma é imediatamente perceptível pelos sentidos do corpo; a outra, invisível. Esta última está implícita na primeira e a primeira adquire o seu pleno significado na segunda. A parte material é o *significante*, a parte espiritual é o *significado*”¹⁷⁸.

Apesar do símbolo não definir totalmente a realidade que trata, não a esgota, mas explora-a, sugere e abre caminhos. E porque mantém uma unidade intrínseca entre o significante e o significado, mantendo uma estrita relação entre os dois, o símbolo difere do signo¹⁷⁹ que, por sua vez, “é um sinal abstrato”¹⁸⁰. O símbolo é uma linguagem muito mais carregada de conotações que nos fazem entrar numa dinâmica muito própria. Ele é já, em parte, a realidade que representa¹⁸¹. No entanto, “o símbolo é ambivalente”¹⁸² na medida em que o mesmo símbolo pode significar uma ideia ou o seu contrário, dependente do contexto em que se insere. Como refere Mircea Eliade, o simbolismo desempenha um papel considerável em todas as religiões: “é, graças aos símbolos, que o Mundo se torna «transparente», susceptível de «mostrar» a transcendência”¹⁸³.

¹⁷⁴ “E, como a Bíblia fala muitas vezes de alimento, daí referir o termo «pão» umas 250 vezes no Antigo Testamento e umas 90 no Novo”. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 271.

¹⁷⁵ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 7.

¹⁷⁶ “Símbolo, s. m. σύμβολον, ου, s. n.”. Isidro PEREIRA, in *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990⁷, 1016.

¹⁷⁷ “Συμ-βάλλω, *I tr.* | arrojare juntamente | congregare em massa, amontoar | reunir | acercar”. Isidro PEREIRA, in *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990⁷, 539.

¹⁷⁸ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 8.

¹⁷⁹ Alegoria, metáfora, analogia e parábola são considerados signos e, por isso, distintos do símbolo porque “participam do arbitrário, não mantendo uma unidade intrínseca entre o significante e o significado”. Cf Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 9.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

¹⁸¹ Jose ALDAZABAL, *Gestos y símbolos*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 1992³, 12.

¹⁸² Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 9.

¹⁸³ Mircea ELIADE, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, 1999, 140.

Também a linguagem bíblica está carregada de símbolos que se tornam essenciais na estrita relação do ser humano com Deus. “Ora, ao tentar falar de Deus, tem que usar necessariamente a linguagem dos símbolos e da poesia, pois Deus não se vê nem se pode falar dele como se fala de um objecto que se vê e se deixa tocar”¹⁸⁴.

O pão é um dos símbolos com maior relevância em toda a Bíblia, principalmente, no Novo Testamento. Dada a sua importância no quotidiano do ser humano, primeiramente, o pão é símbolo de todos os bens materiais, de todo e qualquer alimento diário¹⁸⁵. Como, na Palestina, o pão era a comida básica, a expressão “*comer pão*” (Gn 37,25) estava relacionada com qualquer ingestão de alimentos¹⁸⁶. Ainda hoje ouvimos, com facilidade, expressões como: “que não nos falte o pão”, quando alguém manifesta preocupação com a ausência dos bens essenciais para a subsistência do ser humano.

Pela sua riqueza, a primazia do pão face aos restantes alimentos é evidente em diversas culturas, como refere Antoine Parmentier¹⁸⁷, citado por Heinrich Jacob:

“ «O pão é uma generosa dádiva da natureza, um alimento que nenhum outro substitui. Quando estamos doentes a última coisa de que perdemos o apetite é do pão. Quando voltamos a sentir a falta dele é sinal de que a saúde regressa. O pão tem correspondência com cada hora do dia, com cada idade da vida do homem, com cada estado de espírito: melhora o resto da alimentação, é o pai da boa ou da má digestão. Saboreado com carne ou com outro alimento não perde nada do seu encanto. É de tal forma feito para o homem que pouco depois de nascermos já lhe dedicamos todo o nosso amor e até à hora da nossa morte nunca dele nos cansamos.»¹⁸⁸.

O pão como símbolo dos bens materiais está também presente na oração do “*Pai-Nosso*” ensinada por Jesus aos seus discípulos: “Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia” (Mt 6,11)¹⁸⁹. Nesta oração, Jesus não coloca de lado os bens elementares e suficientes no quotidiano do ser humano. Aqui, o “pão de cada dia” surge como símbolo do alimento e das condições mínimas para a subsistência.

Nesta oração, Jesus, de acordo com a sua Boa-Nova, sublinha o mais importante que o ser humano deve ter em conta quando se refere a Deus. Desta forma, “o pão é a única coisa

¹⁸⁴ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 13.

¹⁸⁵ Cf *Ibidem*, 272.

¹⁸⁶ Cf Pietro ROSSANO, Gianfranco RAVASI e outros, “Comida”, in *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica* (Nuovo Dizionario di teologia biblica), Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 297.

¹⁸⁷ Antoine Augustin Parmentier nasceu em Montdidier, França, em 12 de agosto de 1737 e morreu em Paris, no mesmo país, em 17 de dezembro de 1813. Agrónomo, nutricionista e higienista francês, fez trabalhos notáveis sobre diversos alimentos entre os quais para melhorar a qualidade do pão, através da escola de padaria que abriu. Fundou seis leis que continuam a ser aplicadas atualmente. Cf. Jaime WISNIAK, “Antoine-augustin parmentier”, in *Revista CENIC. Ciências Biológicas*, Vol.41, 2, 2010, 141-148.

¹⁸⁸ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 74.

¹⁸⁹ Cf Lc 11,3.

terrena que ele pede; fora disso as suas preocupações são sempre espirituais. E não pede pão em geral. Pede o «pão de cada dia»! Não se retrai de pedir, como os pobres do Império, o *panis quotidianus*, à semelhança daquele que era distribuído pelo imperador. Com uma diferença. O seu pedido é dirigido a alguém infinitamente maior do que o imperador romano”¹⁹⁰. A este propósito, o Papa Bento XVI cita Cipriano numa relação entre a oração ensinada por Jesus e a pobreza, referindo que quem pede o pão para o momento presente é porque precisa, é pobre¹⁹¹.

Nesta perspetiva simbólica do pão como bem material, Jesus faz referência à passagem do Antigo Testamento (Dt 8,3) como oposição à tentação: “« Está escrito: *Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.*»” (Mt 4,4).¹⁹² A resposta à tentação, Jesus dá o testemunho, opondo-se ao facilitismo e à obsessão pelos bens materiais. Aqui, o pão é símbolo de todos os bens materiais que, em demasia e em exclusividade, podem tornar-se obstáculos à integridade da vida humana. Também o profeta Amós refere o pão como mero bem material, falando de um tipo de fome que não é de ordem física: “Eis que vêm dias – oráculo do Senhor DEUS – em que lançarei fome sobre o país. Não será fome de pão, nem de sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.” (Am 8,11). Estas palavras sobrepõem-se ao pão (bens materiais) e, assim, a “fome” referida pelo profeta pode ser considerada como castigo por não ser escutada a palavra profética.

O pão, sendo símbolo material de alimento do qual o ser humano depende, é também símbolo da vida. “Por isso, a Bíblia apresenta o pão como um dom de Deus: «*fazes germinar a erva para o gado e as plantas úteis para o homem, para que da terra possa tirar o seu alimento [...] e o pão que lhes robustece as forças.*» (Sl 104,14-15)”¹⁹³. Este alimento, “fruto da terra e do trabalho do homem¹⁹⁴” só é possível obtê-lo se receber do alto a chuva e o sol necessários. Por isso, o ser humano nunca poderá subsistir sem Deus¹⁹⁵.

Além dos materiais, o pão simboliza todos os bens, incluindo os espirituais. “É neste sentido que deve ser entendida a frase de Jesus à mulher de Tiro: «*Não é justo que se tome pão dos filhos para o lançar aos cachorros*»”¹⁹⁶ (Mt 15,26)¹⁹⁷. Jesus enaltece-lhe estas palavras e concede-lhe o que pedira, ou seja, “nenhuma criatura de Deus deve ser privada do benefício do pão”¹⁹⁸.

¹⁹⁰ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 156-157.

¹⁹¹ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴, 200.

¹⁹² Cf Lc 4,4.

¹⁹³ Cf Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 272.

¹⁹⁴ Expressão que integra os ritos da preparação dos dons, na liturgia eucarística.

¹⁹⁵ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴, 199.

¹⁹⁶ Cf Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 272.

¹⁹⁷ Cf Mc 7,27.

¹⁹⁸ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 156.

Símbolo da vida, o mais precioso dom que Deus concede ao ser humano, o pão é também símbolo de partilha. Cada pessoa é agraciada com a vida para dar também parte dela aos outros a exemplo de Jesus Cristo que sofreu, morreu e ressuscitou para salvação de todos. Esta é a grande mensagem do milagre da multiplicação concretizado por Jesus (Mc 6,31-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,5-15). “Este milagre de Jesus é um anúncio do maior milagre da multiplicação do verdadeiro pão, porque é para sempre: a Eucaristia. Mas é também a maior lição dada aos discípulos de Jesus de todos os tempos: cada um é chamado a repartir, a multiplicar o pão, como fez Jesus”¹⁹⁹.

Na Bíblia, o pão tem um sentido espiritual, “quando significa tudo o que de bom ou mau pode acontecer ao homem, no seu dia-a-dia; por isso, encontramos na Palavra de Deus expressões como estas: «o pão do luto» (Os 9,4), «o pão da alegria» (Ecl 9,7), «o pão da mentira» (Pr 20,17) ”²⁰⁰.

3. “Comer o pão” com alguém: sinal de aliança

Além da importância vital que a alimentação tem para qualquer ser vivo, esta tem um papel especial na vida do ser humano. É uma atividade quotidiana que permite a manifestação de sentimentos, emoções, tradições, crenças, entre outras singularidades da vida das pessoas e das sociedades. “A ação quotidiana de comer transcende o ato biológico de nutrir-se. A comida pode ter uma conotação emocional importante para um indivíduo ou para um grupo; pode estar relacionada a um ritual de preparação e a uma história de amplo significado simbólico. É possível afirmar que, além do simples ato de comer, o ser humano resgata dos alimentos e da prática de se alimentar outros fatores relevantes para sua vida”²⁰¹.

O pão como símbolo de alimento é, desta forma, um elemento fulcral na dimensão relacional da pessoa. “A comida abrange a sabedoria empírica acumulada e contém grande parte de magia e ritual. Ela se reveste de um valor simbólico, de tal forma que mudar o regime alimentar de um povo implica tocar em sua identidade social e cultural e em suas relações com o sagrado”²⁰².

3.1. A aliança entre pessoas

Como alimento essencial do povo bíblico e, por vezes, o único alimento consumido diariamente por algumas famílias, o pão passou a simbolizar, também, “a refeição ou o

¹⁹⁹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 272.

²⁰⁰ *Ibidem*, 273.

²⁰¹ Valcilene SILVA e Carmen CARDENAS, “A comida e a sociabilidade na velhice”, in *Revista Kayros*, vol.10, n.º1, 2007, 53.

²⁰² *Ibidem*, 52.

banquete da amizade e da aliança com quem se come”²⁰³. Desta forma, era habitual fazerem-se contratos e pactos no decorrer das refeições. Aqueles que partilhavam a mesma mesa, que comiam do mesmo pão, eram também aqueles que iriam iniciar uma nova aliança. Por isso, estas refeições tinham em simultâneo um caráter sagrado (Gn 31,54)²⁰⁴.

O ato de sentar-se à mesa, partilhando uma refeição, ajuda a criar e reforçar os laços de amizade. Por isso, a expressão bíblica “*os homens do teu pão*” simboliza precisamente os amigos que são tão íntimos ao ponto de se sentarem à mesa com regularidade. “*«Partir o pão»* é dá-lo aos outros convivas, acção que cria laços de especial união entre eles. Daí o caráter quase sagrado de qualquer refeição no ambiente da Bíblia”²⁰⁵. Neste contexto, o ato de comer o pão em conjunto distingue o ser humano de qualquer outro animal que ingere um qualquer alimento. O pão deixa de ser simples pão para significar todo o tipo de alimento. Por sua vez, este não se limita a saciar os seres vivos, mas serve de elo na união entre as pessoas, nas suas relações. Desta forma, é elevada a relação interpessoal como dimensão essencial do ser humano que não pode viver isolado no seu mundo rodeando-se, apenas, por ele próprio.

Também a traição é sublinhada com expressões relativas ao “comer com...”. De facto, uma traição é sempre feita por alguém que está próximo, muitas vezes por aqueles que se sentam à mesma mesa do traído (Sl 41,10; Abd v.7)²⁰⁶. Assim fez, também, Judas traíndo Jesus, com quem partilhava o pão. “Estavam à mesa a comer, quando disse: «Em verdade vos digo: um de vós há-de entregar-me, *um que come comigo*»” (Mc 14,18).

3.2. A aliança com Deus

Tal como o pão ganhou importância nas relações interpessoais, é também um elemento de destaque na relação entre Deus e o Homem. Se o ser humano sentia necessidade de sentar-se à mesa com alguém para criar ou reforçar amizades, para fazer pactos ou negócios, então seria também importante ter um gesto de igual forma simbólico em resposta à aliança do próprio Deus.

O acontecimento da aliança referido no Pentateuco assenta na manifestação de Deus ao Homem (Ex 19,20)²⁰⁷. Trata-se de um encontro estabelecido por Deus e não pelo ser humano. Face a este encontro surpreendente, o Homem reconhece a necessidade de permanência neste

²⁰³ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 273.

²⁰⁴ “Jacob sacrificou animais sobre a montanha e convidou os seus irmãos para o banquete. Tomaram parte nele e passaram a noite sobre a montanha” (Gn31,54).

²⁰⁵ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 273.

²⁰⁶ “Até o amigo íntimo, em quem eu confiava e que comia do meu pão, até ele se levantou contra mim”. (Sl 41,10). “Enganaram-te e derrotaram-te os teus amigos, os teus comensais armadilharam os teus passos e não o percebeste!” (Abd v.7).

²⁰⁷ “O SENHOR desceu sobre a montanha do Sinai, no cimo da montanha. O SENHOR chamou Moisés ao cimo da montanha, e Moisés subiu.” (Ex 19,20).

encontro, de continuar a viver já que só em Deus e na sua Palavra está a vida (Lv 18,5; Dt 4,1.40; 6,24; 8,1.3; 11,9; 16,20; 22,7; 25,15; 32,47; Sl 36,10; Br 3,9; Ez 33,15; Act 7,38; Fl 2,16)²⁰⁸. Esta é uma teofania²⁰⁹, a mais importante do Antigo Testamento “mostra que a transcendência absoluta de Deus não é incompatível com um encontro e um verdadeiro diálogo com os homens”²¹⁰.

Nesta relação na qual Deus toma sempre o primeiro passo, o povo de Israel, “consciente que foi o Senhor quem lhe deu a terra donde tirava o pão de cada dia, oferecia uma parte desse pão a Deus; isto é, de algum modo, «comia» com Deus, num sacrifício de comunhão no Templo, o pão que o mesmo Deus lhe tinha oferecido”²¹¹.

O sacrifício dos doze “*pães da oferenda*”²¹² ou “*pães da proposição*”²¹³ constitui uma das mais preciosas formas de oferta do pão a Deus bem prescrito na Bíblia:

“ «Tomarás também flor da farinha e cozerás doze pães de dois décimos de efá²¹⁴ cada um. Dispô-lo-ás em duas rimas, seis em cada rima, sobre a mesa de ouro puro, diante do SENHOR. Porás, sobre cada rima incenso puro que servirá de memorial aos pães, como oferta queimada em honra do SENHOR, continuamente, cada dia de sábado, da parte dos filhos de Israel. É uma aliança perpétua. Pertencerá este pão a Aarão e a seus filhos, que o comerão em lugar santo, porque é a parte mais sagrada das ofertas queimadas em honra do SENHOR, que lhes é destinada. É uma lei perpétua.” (Lv 24,5-9).

Estes pães só podiam ser comidos pelos sacerdotes em exercício no templo, no entanto, o rei David comeu-os (cf. 1Sm 21,2-7). Atitude similar teve também Jesus ao responder à repreensão dos fariseus e saindo em defesa dos discípulos que apanhavam espigas ao sábado (cf. Mt 12,1-4).

²⁰⁸ Cf António COUTO, “Teologia da Aliança como teologia do Antigo Testamento”, in *Humanística e Teologia*, 13 (1992), 13.

²⁰⁹ “TEOFANIA (gr. *Theophania*, «aparicação de Deus»). Nome dado a conceito e fenómeno bem definido e característico, que ocorre em muitas passagens do AT. A teofania é uma aparição ou manifestação de Iahweh nas características e nas atribuições que revelam sua divindade e poder, e por isso é diferente de outras aparições, nas quais ele é reconhecido como revelador.(...) A teofania é uma manifestação de Iahweh nos fenómenos naturais...”. John L. MCKENZIE, “Teofania”, in *Dicionário Bíblico*, Paulus, São Paulo, 1983⁶, 923.

²¹⁰ Bernard SESBOÛE, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2001, 82.

²¹¹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 273.

²¹² Os doze pães da oferenda eram, muito provavelmente, reminiscência do culto pagão da oferta de comida aos deuses. Para o povo de Israel, estes doze pães apresentavam, à frente de Deus, as doze tribos e só podiam ser comidos pelos sacerdotes em exercício no templo.

²¹³ “Pão da proposição” é a tradução literal da Vulgata «*panes propositionis*», do grego «*artoi tesprotheseos*», pão a ser exposto. É também chamado de “Pão da presença” ou “pão da pilha”. Cf John L. MCKENZIE, “Presença, Pão da”, in *Dicionário Bíblico (Dictionary of the Bible)*, Paulus, São Paulo, 1983⁶, 739.

²¹⁴ “Medidas de capacidade: combinam o sistema duodecimal (de origem babilônica) com o decimal. 1 *homer* = 180 *qab*, ou 720 quartilhos ou 450 litros; 1 *log* = 0,54 l; 1 *quab* = 2,3 l (1,78 quartos). 1 *homer* (10 alqueires) = 2 *letek*; 1 *letek* = 5 “*êfah* = 1 alqueire = 39,3 l = 3s^e *ah*...”. John L. MCKENZIE, “Pesos e medidas”, in *Dicionário Bíblico (Dictionary of the Bible)*, Paulus, São Paulo, 1983⁶, 727.

A festa da colheita do pão, ou do Pentecostes, era outra das celebrações na qual o povo de Israel manifestava a sua gratidão pela Aliança com Deus, momento em que se oferecia o primeiro pão:

“ «Trareis de onde quer que habiteis dois pães, feitos de dois décimos de efá de flor de farinha, cozidos com fermento, para o rito da apresentação; serão as primícias para o SENHOR» ” (Lv 23,17).

Além do ritual dos «pães da proposição», o pão, alimento sagrado oferecido por Deus ao seu povo, entrava em outros atos de culto como a oferta do pão das primícias das colheitas (cf. Lv 23,20); os pães do sacrifício de acção de graças e a farinha dos sacrifícios das ofertas vegetais (cf. Lv 2). “A oferta do pão por Melquisedec a Abraão deve referir-se a um rito antigo de apresentação do pão a Deus (Gn 14,17-20; Sl 110,4; Heb 5,5-6; 7,1-28)”²¹⁵.

4. O pão ázimo e o pão com fermento

O pão é um alimento confeccionado com farinha, de trigo ou centeio, água e sal que depois de formada uma massa elástica permite a criação de várias formas. Podem também ser acrescentados vários ingredientes:

“Aquilo a que nós chamamos propriamente pão não se consegue fazer com sorgo, aveia ou cevada. Assim, a história do pão assenta fundamentalmente no trigo e no centeio. Na verdade assenta mais no trigo do que no centeio... O pão, no sentido técnico da palavra, é uma descoberta química. Uma enorme descoberta feita pelo homem. Se um provérbio albanês diz que «o pão é mais antigo do que o homem», não diz exatamente a verdade. O pão é um produto obtido pela cozedura no forno, feito a partir de uma massa de farinha que é aglutinada e levedada por um fermento ou outro agente semelhante. Os gases que se produzem no interior da massa procuram libertar-se, mas os poros à superfície vão-se tornando progressivamente mais rígidos por acção do calor e não lhes permite o escoamento. Nesta luta, forma-se então a còdea que fica a envolver todo o miolo. Ora acontece que de facto só a massa de farinha de trigo e de centeio é capaz de conter a saída dos gases, por razões que têm a ver com propriedades específicas das proteínas destes dois cereais”²¹⁶.

Na confeção do pão, o fermento²¹⁷ torna-se um elemento essencial para dar maior gosto e fazer crescer este alimento. No entanto, para levedar a massa com o fermento é necessário deixá-la em repouso durante algum tempo o que pressupõe uma vida estável. No entanto, “os povos nómadas, habituados a contínuas mudanças, por causa dos rebanhos, utilizavam o pão

²¹⁵ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 274.

²¹⁶ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 53.

²¹⁷ O fermento é um pouco de massa de pão feito anteriormente que se mistura na massa nova para a levedar.

sem fermento²¹⁸, ou seja, a massa simplesmente assada²¹⁹. Devido à pressa com que os pastores o faziam, o pão ázimo foi chamado o pão da pressa, «o pão da aflição» (cf. Dt 16,3)²²⁰. No contexto da saída dos hebreus do Egito, este pão da pressa denominou-se também em pão dos peregrinos (cf. Ex 12,8.11)²²¹.

As constantes mudanças na vida dos nómadas originaram, possivelmente, o costume de celebrar a festa da Páscoa²²² com pão sem fermento.

Por sua vez, os agricultores também tinham a celebração da festa do pão novo, sem fermento, relativa à primeira colheita de cereais conhecida como a “Páscoa dos agricultores”.

Mais tarde, todas estas celebrações «pascais» fundiram-se numa só festa, denominada: a Páscoa. “De facto, não foi o povo da Bíblia que «inventou» a Páscoa; apenas a recebeu em herança dos povos – pastores e agricultores – que habitavam na mesma região. A novidade que o povo de Deus imprimiu a esta festa foi o facto de a colocar e instituir na saída da escravidão do Egito, dando-lhe, por isso, um sentido muito próprio²²³.”

Na Bíblia, o pão sem fermento ganhou especial destaque, tornando-se símbolo de diversas realidades espirituais. “O fermento tem um simbolismo ambíguo: como processo de decomposição é negativo, algo impuro, imperfeito; como elemento que faz crescer a massa é positivo e simboliza o crescimento do Reino²²⁴.”

O primeiro simbolismo relacionado com o pão sem fermento é positivo porque está associado ao pão novo. “Na festa do pão novo pretendia-se agradecer às divindades ligadas à terra o feliz início do novo ano de colheitas, mas também a conquistar as suas boas graças para as próximas colheitas²²⁵”. O povo da Bíblia, tal como outras culturas da época, ofereciam a Deus todos os seus primeiros frutos desde a família, ao rebanho, aos campos, etc. Isto porque para o povo, estas eram consideradas as suas melhores coisas. Desta forma, também o primeiro pão seria motivo de festa e oferta a Deus.

²¹⁸ Pão sem fermento = pão ázimo. “O termo grego «*Azymos*» (ázimo opõe-se a *zumê*, fermento e aparece 62 vezes na Bíblia) traduz o hebraico «*matstsâ*», e o pão sem fermento diz-se «*matstsôt*». O fermento (que aparece 17 vezes na Bíblia) diz-se em hebraico «*se'or*», ligado à ideia de inchar, subir”. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 144.

²¹⁹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 274.

²²⁰ *Ibidem*, 144.

²²¹ “Comer-se-á carne naquela noite; comer-se-á assada no fogo com pães sem fermento e ervas amargas (...) Comê-la-eis desta maneira: os rins cingidos, as sandálias nos pés, e o cajado na mão. Comê-la-eis à pressa. É a Páscoa em honra do Senhor” (Ex 12,8.11).

²²² “Para os pastores, esta festa era celebrada na altura da «passagem» (virá daqui o nome de Páscoa?) das terras do Inverno, mais frescas e mais baixas, para as do Verão, mais secas e mais altas. A sua Páscoa propriamente dita era, no entanto, a «festa do primeiro cordeiro» dos rebanhos”. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 143-144.

²²³ *Ibidem*, 144-145.

²²⁴ *Ibidem*, 143.

²²⁵ *Ibidem*, 144.

Posteriormente, a festa do pão novo denominou-se como “«a festa dos Ázimos» e, unida com a festa do cordeiro pascal, tornou-se parte integrante da festa da Páscoa. Nas duas usava-se igualmente o pão sem fermento”²²⁶.

No contexto pascal, este pão sem fermento, o pão novo, é símbolo da renovação da vida espiritual dos crentes como negação de um passado que não interessa reviver. Assim, anualmente, “antes do início da festa da Páscoa (14 de Nisan), eliminava-se todo o pão velho, o pão levedado, isto é, com fermento, num cerimonial que estava a cargo da mãe de família. Nessa tarde e nos sete dias seguintes comia-se apenas pão ázimo (Ex 12,15-20), isto é, sem fermento, para comemorar a saída apressada do Egito e para simbolizar a renovação total do coração das pessoas”²²⁷. Esta celebração simbolizava o recomeço total por parte de um povo, a passagem da escravidão para a liberdade, a saída de um espaço ocupado para a posse de uma terra.

Também no Novo Testamento, o fermento velho surge como símbolo de corrupção interior da pessoa e da comunidade:

“Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, já que sois pães ázimos. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Celebremos, pois, a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da pureza e da verdade” (1Cor 5,7-8).

Paulo fala da corrupção causada na massa pelo fermento para comparar a corrupção causada na comunidade pelo incesto. Compara “o comportamento escandaloso de um homem (1Cor 5,6) e a falsa doutrina de seus adversários (Gl 5,9) ao fermento”²²⁸.

Como na Bíblia, o fermento surge mais vezes numa perspectiva negativa: o pão oferecido a Deus não pode ter fermento. Assim, este é denominado “coisa santa” (Lv 6,10; 10,12) e deve ser comido apenas no lugar santo (Lv 6,9; 10,13). “Daqui se poderá concluir que, se o pão sem fermento é «santo», o fermento é símbolo de imperfeição, de morte e de pecado. De algum modo, o fermento é semelhante às ofertas impuras. Por isso não pode ser matéria dos sacrifícios (Ex 23,18; 34,25; Lv 2,11); só raramente poderia oferecer-se juntamente com o pão sem fermento (Lv 7,12-14)”²²⁹.

O pão fermentado tinha tendência a apodrecer mais rápido que aquele que não continha fermento. Da mesma forma, as bebidas fermentadas produziam efeitos prejudiciais a

²²⁶ *Ibidem*.

²²⁷ *Ibidem*, 145-146.

²²⁸ John L. MCKENZIE, “Fermento”, in *Dicionário Bíblico (Dictionary of the Bible)*, Paulus, São Paulo, 1983⁶, 346.

²²⁹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 147.

quem as bebia. Desta forma, para os povos antigos, esta transformação negativa da fermentação não produzia fruto mas, pelo contrário, originava doenças e outros desequilíbrios.

A perspectiva negativa do fermento simboliza, ainda, a falsa doutrina que corrompe. Exemplo disso são as referências de Jesus ao “fermento dos fariseus” (Lc 12,1) relacionado com a hipocrisia, do “fermento de Herodes” (Mc 8,15) e do “fermento dos fariseus e saduceus” (Mt 16,6.11). Aqui, Jesus refere-se especialmente para a deturpação das Escrituras provocada pela má doutrina destes grupos. “Como é que não compreendeis que não era de pão que falava, quando vos disse: «Acautelai-vos do fermento dos fariseus saduceus?» Então, compreenderam que Jesus não tinha dito que se defendessem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus e saduceus” (Mt 16,11-12)²³⁰.

Contudo, na Bíblia, o pão com fermento também tem sentido positivo principalmente nos Evangelhos. Como o fermento faz crescer a massa, assim também a Boa-Nova será anunciada com rapidez e eficácia, ou seja, a palavra de Jesus fará crescer o Reino, a massa da Igreja. “O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado”²³¹ (Mt 13,33).

5. Jesus, o Pão da Vida

O Novo Testamento assumiu todos os simbolismos do pão presentes já no Antigo Testamento. No entanto, o pão torna-se elemento preponderante na mensagem messiânica de Jesus Cristo que, através de parábolas e imagens, ajuda a uma melhor interpretação da Boa-Nova.

Jesus Cristo surge numa época em que a Palestina, tal como tantos outros povos, estava sob o domínio do Império Romano. Num contexto marcado pela carência e fome, em que “os especuladores retinham os cereais e no qual o Estado e o imperador se serviam do pão para fins políticos, dando alimento a quem apoiasse o seu poder”²³². Nesta época, à fome material estava também associada, de certa forma, por uma fome espiritual visível na injustiça social e na falta de valores. “Onde quer que os Romanos chegassem, tudo passava a estar debaixo da sua organização rigorosa, mas ao mesmo tempo era como se todas as coisas definhassem. Os valores da vida estiolavam.”²³³.

²³⁰ Cf. Lc 12,1.

²³¹ O fermento destaca o contraste entre a pequena quantidade do fermento e a massa a levedar simbolizando o anúncio do Reino e a sua transformação eficaz.

²³² Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 149.

²³³ *Ibidem*.

Apesar da atitude de certa indiferença do império romano face às religiões locais que não foram suplantadas, como é o caso da judaica, o certo é que continuavam a existir importantes forças espirituais ativas como o caso das doutrinas de Epicuro, dos Estoicos, mas principalmente aquelas marcadas pela herança grega, imbuída de um ceticismo camuflado pela arte. No entanto, o povo comum não se contentava com a dúvida, daí destacaram-se as práticas mágicas dos magos egípcios e dos astrólogos assírios²³⁴.

Neste contexto, os judeus tinham de “suportar” o domínio do império e, de certa forma, conviverem com esse cenário. Por um lado, os romanos tinham o domínio político e económico da região, dando, de uma forma indiferente, uma certa liberdade religiosa aos judeus. Do outro lado, os responsáveis judeus mantinham a autoridade religiosa, servindo-se muitas vezes dela e suportada pelos romanos desde que não fosse colocada em causa a sua autoridade.

Na Galileia, entre os séculos 4 a.C e 30 d.C, aproximadamente, Antipas, sucessor de Herodes, governava à imagem de seu pai: “pagava do tributo, colaborava com Roma e mantinha a ordem pública. Em contrapartida, Roma protegia-o, de invasões, não através do estacionamento de tropas no país ou nas fronteiras, mas pela ameaça implícita de retaliação contra os invasores. Antipas podia fazer o que quisesse no seu território, desde que os requisitos básicos fossem cumpridos. Por exemplo, cunhava as suas próprias moedas – um dos principais sinais de «independência». Tal como o seu pai, também Antipas era bastante cumpridor da Lei judaica”²³⁵. Um dos aspetos que agradava aos judeus era o facto das moedas de Antipas só conterem imagens relacionadas com a atividade agrícola. Esta postura satisfazia os romanos já que não precisavam de intervir na Galileia, enquanto Antipas impedia o conflito entre os cidadãos judaicos e os soldados romanos. Neste contexto, os galileus não sentiam a sua religião e as suas tradições ameaçadas.

Contexto diferente, no tempo de Jesus, era o da unidade política da Judeia, composta pelas regiões geográficas da Samaria, Judeia e a Idumeia. Arquelau não conseguiu gerir o desagrado do povo face a algumas atitudes provocadas por seu pai, Herodes. Desta forma, os protestos públicos forçaram a demissão de Arquelau por parte do imperador Augusto que, descontente com o governador e evitando a designação de outro membro da família de Herodes, nomeou um procurador²³⁶, em 6 a.C. “A administração foi entregue a um

²³⁴ Cf *Ibidem*, 150.

²³⁵ Ed Parish SANDERS, *A verdadeira história de Jesus* (The Historical Figure of Jesus), Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵, 38.

²³⁶ Segundo uma epígrafe encontrada pode-se concluir que entre os anos 6 a.C. e 41 d.C., este oficial era denominado de “prefeito”, enquanto, entre os anos 44 e 66 tinha o título de “procurador”. Desta forma, na época de Jesus o governador da Judeia denominava-se de prefeito. Cf Ed Parish SANDERS, *A verdadeira história de Jesus* (The Historical Figure of Jesus), Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵, 41.

funcionário romano da cavalaria, que correspondia a uma espécie de aristocracia inferior, abaixo das ordens dos cônsules e dos pretorianos”²³⁷. O prefeito vivia no palácio de Herodes, em Cesareia, na costa do Mediterrâneo mas, durante as principais festividades, deslocava-se para Jerusalém com um contingente reforçado.

Ao contrário dos galileus, com a insatisfação vivida na Judeia, os “judeus reagiam com muita sensibilidade ao que acontecia em Jerusalém; além disso, as grandes concentrações que ali ocorriam por ocasião das festas religiosas criavam condições favoráveis à eclosão fácil de distúrbios. Havia uma grande hostilidade entre os judeus e os samaritanos, o que também provocava conflitos”²³⁸.

A estrita relação de Jesus Cristo com o pão inicia logo em Belém, local do seu nascimento. O nome desta cidade da Palestina, onde também nasceu também o rei David, significa “casa do pão”. Apesar de ter vivido a sua infância e adolescência em Nazaré e ter aprendido o ofício de carpintaria, Jesus utilizou, ao longo da sua vida pública, imagens relacionadas com a lide agrícola. “Tanto mais notável quanto ele próprio não era agricultor, mas sim filho de um carpinteiro, um artesão. A verdade é que, com raríssimas exceções – por exemplo, a referência ao argueiro e à trave (Mateus, 7,1-5) –, as parábolas que Jesus conta não tomam por base a actividade da carpintaria ou da mercenária, mas sim actividades como a lavra, a sementeira e a ceifa, a economia pecuária, o pastoreio, as vindimas e a preparação do pão”²³⁹.

Numa época marcada expressivamente pela austeridade, a mensagem de Jesus torna-se apelativa pela contextualização prática da sua mensagem que ia ao encontro da realidade da maioria e era anunciada por alguém cuja vida era marcada pela simplicidade.

O pão ganha destaque logo no início da vida pública de Jesus aquando da sua ida para o deserto e aí é tentado pelo diabo. “O tentador aproximou-se e disse-lhe: «se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: *Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.*»” (Mt 4,3-4). Jesus percebeu que ceder a esta tentação, resolvendo o maior problema do mundo romano transformando magicamente qualquer objeto inerte em pão, o faria senhor do mundo destruindo a essência da sua mensagem²⁴⁰.

²³⁷ Ed Parish SANDERS, *A verdadeira história de Jesus* (The Historical Figure of Jesus), Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵, 41.

²³⁸ *Ibidem*.

²³⁹ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 151.

²⁴⁰ “Aquelas pequenas pedras redondas que abundavam no deserto eram tão parecidas com os pães dos Judeus que a imaginação esfomeada de um homem que jejuasse há muito tempo não teria dificuldade em acreditar na transmutação. [...] «Julgarás tu que há tanta força no pão?» Pois decerto que sim. O pão tinha um enorme poder num tempo em que não existia”. Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 156.

Jesus, em jejum, é tentado a utilizar o seu estatuto de “Filho de Deus” para se saciar tomando uma postura totalmente diferente de Adão (Gn 3,1-13). Adão, acompanhado pela mulher e com praticamente todos os alimentos à sua disposição, é tentado e cede à sedução de transformar a sua natureza terrena em divina. Por seu lado, Jesus, estando só no deserto e em jejum, não utiliza o seu poder divino para satisfazer a sua necessidade física.

A resposta de Jesus ao tentador aponta para outro tipo de pão: “Jesus diz ser Ele próprio o Pão da Palavra, que deve alimentar toda a gente que atravessa o deserto da vida”²⁴¹. A Palavra saída da boca de Deus é sempre fiel (Sl 89,35), “que Jesus veio semear no campo do coração de cada discípulo e que deve frutificar *«trinta, sessenta e cem por um»*, como ele próprio diz na Parábola do Semeador (Mc 4,8; ver Mt 13,8; Lc 8,8)”²⁴².

Jesus não é apenas aquele que semeia e oferece o pão da Palavra de Deus. Ele próprio é a “Palavra”, o “Logos”, o “Verbo” como é expresso no prólogo do evangelho de João: “*No princípio havia o Verbo; o verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus [...]. E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade*” (Jo 1,1.14). Jesus é o pão capaz de saciar toda a fome, é a verdadeira palavra que sai da boca de Deus²⁴³.

O Antigo Testamento mostra-nos um Deus que acompanha o seu povo ao longo da sua história e alimenta-o com um pão miraculoso, o “pão do céu”:

“À tardinha caíram tantas codornizes que cobriam o acampamento, e pela manhã havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento. A camada de orvalho levantou, e eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como a geadas sobre a terra. Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros: «Que é isto?», pois não sabiam o que era aquilo. Disse-lhes Moisés: «Isto é o pão que o SENHOR vos deu para comer». ” (Ex 16, 13-15)²⁴⁴.

O termo «maná» deriva da pergunta «*Mân-hû*» (Que é isto?). “Este «pão do céu» está, pois, assegurado pelo amor paternal de Deus, que o envia, *cada dia*, ao seu povo peregrino, sem que ele precise de o guardar para o dia seguinte (Ex 16,19-20). De facto, essa substância dissolvia-se com o calor do dia”²⁴⁵. Muito provavelmente, o tamarisco, planta existente no deserto do Sinai e que segregava uma seiva que ao endurecer dava para comer, esteve na origem do maná. Os episódios referentes a este “alimento” significam que “o Deus providente da Bíblia está atento ao seu povo, em todas as suas necessidades. A este propósito, é

²⁴¹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 275.

²⁴² *Ibidem*.

²⁴³ Cf *Ibidem*.

²⁴⁴ Cf Ex 16, 4-21; Nm 11,7-9; Dt 8,3-16; Ne 9,20.

²⁴⁵ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 199.

especialmente significativo o texto de Sb 16,20-21²⁴⁶, comentário espiritual, do séc. I antes de Cristo²⁴⁷.

O maná foi sempre interpretado, na tradição judaica, como um alimento que se adaptava a todos os gostos, de acordo com o desejo que cada um tinha de comer. Todos são convidados a comer o maná, já que é visto como a origem da verdadeira sabedoria, do conhecimento de Deus (Pr 9,5-6)²⁴⁸.

É este pão do céu que é dado a Elias, aquando da sua fuga de Acab e de Jezabel, pelo deserto (1Rs 19,3-5). Aí, “o profeta é alimentado pelo pão que vem do céu, isto é, um pão oferecido gratuitamente pela mão paternal de Deus”²⁴⁹. Mesmo antes de Jesus, já os rabinos se referiam ao maná em sentido simbólico, como um alimento próprio dos tempos do Messias.

Desde cedo, Jesus revelou-se como verdadeiro “Pão do Céu” capaz de saciar todo aquele que está disponível para o acolher. Ele é a “«Presença» viva (Cheki-nah) do mesmo Deus do Antigo Testamento que alimentou com o maná o seu povo no deserto”²⁵⁰. Desta forma, mas num outro deserto, Jesus oferece também outro maná quando multiplica o pão para cinco mil pessoas:

“E depois de ordenar à multidão que se sentasse na relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção; partiu, depois os pães e deu-os aos discípulos, e estes distribuíram-nos pela multidão. Todos comeram e ficaram saciados; e, com o que sobejou, encheram doze cestos” (Mt 14,19-20)²⁵¹.

Apesar da manifestação de Jesus Cristo como verdadeiro “Pão da Vida”, o certo é que a crença em que Jesus era o Cristo, o messias esperado, não era assim tão evidente para os seus conterrâneos e contemporâneos. Eram muitos, aqueles que acreditavam em Jesus como alguém especial que fazia coisas fantásticas, que era um profeta. No entanto, poucos daqueles que contactavam constantemente com Ele é que acreditavam que Jesus era o Messias do qual falavam as escrituras²⁵². Por seu lado, Jesus enquadra a sua missão pessoal dentro de uma dinâmica de evolução da humanidade. “Aprendeu do Judaísmo que a história de cada homem, extrai o seu valor do desígnio de Deus que afeta toda a nação. Jesus não se considera nem um

²⁴⁶ “Mas, pelo contrário, deste ao teu povo um alimento dos anjos, enviaste-lhe do céu um pão, sem esforço deles, capaz de todos os sabores e adaptado a todos os gostos.” (Sb 16,20-21).

²⁴⁷ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 200.

²⁴⁸ “«Vinde, comei do meu pão e bebei do meu vinho que preparei; deixai a insensatez e vivereis»”. (Pr 9,5-6).

²⁴⁹ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 201.

²⁵⁰ *Ibidem*, 275.

²⁵¹ Cf Mc 6,38-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-14; 1 Cor 11,23-24.

²⁵² “... eram poucas as pessoas que acreditavam em Jesus como o último e mais importante enviado de Deus”. Ed Parish SANDERS, *A verdadeira história de Jesus* (The Historical Figure of Jesus), Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵, 202.

grande filósofo, nem um sábio, nem uma personalidade cuja ação individual se destacaria em relação aos homens. Ele sabe que é instrumento de uma história que o envolve e lhe atribui significado²⁵³”. Jesus mostra, desde cedo, que toda a sua vida está ao serviço da grande esperança de Israel.

A alimentação do povo era uma das tarefas mais antigas atribuídas aos profetas judaicos. Por isso, muitos dos que viam os prodígios de Jesus consideravam-no um profeta, com milagres semelhantes a outros anteriores, tais como Eliseu (2Rs 4,42-44)²⁵⁴. Mais do que a forma de realização destes atos miraculosos sobre a multiplicação do pão, a grande essência destes milagres reside na importância de acolhimento da “Palavra de Deus”. “Poderá imaginar-se que a multidão ficou saciada porque estava espiritualmente predisposta para tanto. Eram gente com fome, mas simultaneamente eram gente ávida da palavra de Deus, e era natural que se saciassem com pouco. [...] Esta interpretação dos milagres situar-se-ia numa perspectiva fundamentalmente virada para a interioridade e ao mesmo tempo conferir-lhes-ia um estatuto de espiritualidade mais esplendorosa”²⁵⁵.

Jesus Cristo é o verdadeiro Maná descido do Céu, multiplicando-se para todo aqueles que estão de coração aberto para o receber. Esta disponibilidade das pessoas para acolher manifesta-se na sua própria atitude face a Deus e aos outros²⁵⁶. Esta não foi mais uma refeição entre tantas outras em que Jesus participava. Perante a multidão, Jesus não é o convidado à mesa de alguém que o acolhe em sua casa, como em tantas outras situações. Desta vez, Jesus é quem convida todos aqueles de boa vontade para a sua mesa, para que sejam saciados à imagem do povo de Israel, com o maná no deserto. “Assume toda a simbologia da refeição onde a família e os amigos, não só comem os alimentos, mas também os partilham, tal como o diálogo. A refeição é um momento de caloroso convívio humano, da comunhão vivida. As multiplicações dos pães estão ligadas a tempos fortes da pregação de Jesus”²⁵⁷.

Jesus reafirma um outro maná, Ele próprio, reafirmando-Se também a Moisés na medida em que este novo maná impede a morte enquanto o anterior deixava morrer as

²⁵³ José COMBLIN, *Jesús de Nazaret. Meditación sobre la vida y acción humana de Jesús*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1977, 77-78. (Tradução realizada pelo autor deste trabalho).

²⁵⁴ “Veio um homem de Baal-Salisa, que trazia ao homem de Deus, como oferta de primícias, vinte pães de cevada e trigo novo, no seu saco. Disse Eliseu: «Dá-os a esses homens para que comam. Pois isto diz o SENHOR: ‘Comerão e ainda sobrá’.» Ele colocou os pães diante deles. Todos comeram e ainda sobejou, como o SENHOR tinha dito”. (2Rs 4,42-44).

²⁵⁵ Heinrich Eduard JACOB, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003, 160-161.

²⁵⁶ Parish Sanders destaca a utilização da psicologia de grupo em muitos dos milagres: “A psicologia de grupo foi utilizada frequentemente para explicar os milagres da multiplicação dos pães. De facto, todos tinham trazido comida, mas tinham medo de a tirar para fora, para não ter de partilhá-la com os outros. No entanto, quando Jesus e os discípulos começam a dividir a sua comida, todos na multidão se sentiram encorajados a fazer o mesmo e a comida foi mais que suficiente”. Ed Parish SANDERS, *A verdadeira história de Jesus* (The Historical Figure of Jesus), Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵, 203-204.

²⁵⁷ Bernard SESBOÛE, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2001, 301.

peças. “E se o maná do Antigo Testamento era um alimento espiritual (1Cor 10,3), muito mais espiritual será o que Jesus oferece!”²⁵⁸. Assim o afirma Jesus quando diz:

“«Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele não morrerá. Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar pela vida do mundo é a minha carne.»” (Jo 6,48-51).

Jesus manifesta-se como o pão da vida que evita a morte de todo aquele que o comer. Ele revela-se na sua totalidade para que todos possam viver para sempre, colocando em prática os valores do Evangelho. Traz ao ser humano, mais do que o pão espiritual, um pão capaz de saciar todas as fomes, a de cada um mas também a do outro. “Quem pensa matar a própria fome com o maná da Eucaristia, mas não se interessa em matar as fomes dos outros, esse, apesar de comer o pão eucarístico, poderá... morrer de fome!”²⁵⁹.

É com esta consciência comunitária que o cristão acolhe Jesus Cristo, o “Pão da Vida” que não é exclusivo mas inclusivo. Leva o crente a dar a mão ao outro para o acolher e a olhá-lo como o próximo.

6. A Eucaristia

O pão, tal como toda a refeição, assume, no Novo Testamento, papel preponderante, especialmente, no relato da *Última Ceia* de Jesus com os seus discípulos. Este momento é uma síntese e ponto culminante da vida de Jesus cuja missão é a de testemunhar o amor de Deus com a sua própria existência e palavra²⁶⁰.

Jesus reservou aquele momento da ceia, com os seus mais próximos, na altura da páscoa judaica, exatamente no dia em que era feita a preparação do cordeiro pascal e não no dia em que acabaria por ser sacrificado com a morte na cruz. Assim, no decorrer da ceia, Jesus instituiu o culto eucarístico com as declarações no momento em que parte o pão e dá graças pelo vinho.

“Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: isto é o meu corpo.» Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados. Eu vos digo: Não

²⁵⁸ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblia, Fátima, 2006², 202.

²⁵⁹ *Ibidem*, 203.

²⁶⁰ AA.VV., *Nuovo Corso di Dogmatica* (Handbuch der Dogmatik), Vol. II, Queriniana, Brescia, 1995, 322.

beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai.» (Mt 26,26-27)²⁶¹.

Este é o momento central em que Jesus dá sentido à sua morte, relacionando os elementos, pão e vinho, com o acontecimento que iria ser fundamental para a salvação da Humanidade. “« O pão partido e partilhado é o corpo entregue, o cálice que circula de mão em mão é a nova aliança no sangue que vai ser derramado (Lc 22,19-20)²⁶² ». Portanto, Jesus faz uma relação entre a sua morte próxima e sangrenta e esse pão e esse vinho. Esse pão, que é preciso partir para que seja consumido por toda a família, simboliza o corpo que será rompido pelo suplício. Mas o corpo, na cultura onde Jesus se exprime não é somente a parte material de si mesmo mas a expressão concreta da sua pessoa na totalidade. Quanto ao vinho deitado no cálice, simboliza o sangue derramado²⁶³. ”

Assim, o pão e o vinho, na *Última Ceia*, ultrapassam a mera linguagem simbólica, tornando-se símbolos reais da entrega de Jesus Cristo, pão e vinho que se tornam corpo e sangue derramado para a salvação de todos²⁶⁴. Jesus não se limita a distribuir os alimentos daquela ceia. Mais do que dar alguma coisa, Jesus dá-se na sua totalidade manifestando, desta forma, a incondicionalidade do amor de Deus como sublinha o Papa Bento XVI na *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*: “Na Eucaristia, Jesus não dá «alguma coisa», mas dá-Se a Si mesmo”; entrega o seu corpo e derrama o seu sangue. Deste modo, dá a totalidade da sua própria vida, manifestando a fonte originária deste amor: Ele é o Filho eterno que o Pai entregou por nós²⁶⁵. A eucaristia “como o grande e permanente encontro do homem com Deus²⁶⁶ assenta, segundo a Instrução *Eucharisticum Mysterium*, sobre o culto da sagrada eucaristia, em três dimensões inseparáveis: a do sacrifício, a do memorial e a do banquete²⁶⁷.

²⁶¹ Cf Mt 26,26-29; Mc 14,22-25;.

²⁶² Citação da obra *Jésus devant sa vie et sa mort*, de J.Guillet, feita por SESBOÛE, Bernard, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2001, 323.

²⁶³ Bernard SESBOÛE, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2001, 323-324.

²⁶⁴ “ Con tutta l’azione compiuta nel doppio senso di un dono e di una consegna di sé. Il pane che egli spezza come ogni capofamiglia ebraico all’inizio della cena e il calice che porge sono per così dire segni nel segno, simboli reali concentrati del dono e della consegna di sé: «Prendete, questo è il mio corpo... Questo è il mio sangue» (Mc 14,22.24). «Corpo» e «sangue» che richiama anzitutto l’Io concreto, il «sangue» anzitutto la vita e il «sangue versato» il dono della vita”. AA.VV., *Nuovo Corso di Dogmatica* (Handbuch der Dogmatik), Vol. II, Queriniana, Brescia, 1995, 323.

²⁶⁵ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), AAS 99 (2007), n.º7.

²⁶⁶ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴, 339.

²⁶⁷ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucharisticum Mysterium* (25 de maio de 1967), in AAS 59 (1967), nº1.

No relato do Evangelho de Lucas, há uma dupla dimensão da Páscoa com referência à ceia pascal (Lc 22,1.8-7.13.15). A expressão *to pacha* refere-se ao cordeiro pascal enquanto o pão e os cálices de vinho fazem alusão ao típico desenvolvimento da ceia pascal²⁶⁸.

Todas as ações simbólicas de Jesus manifestam a chegada do reino de Deus. Assim, o momento da *Última Ceia*, antes da morte de Jesus, “é por um lado uma ceia de despedida, resumo da vida, e ao mesmo tempo um testamento vinculante para os discípulos”²⁶⁹. No entanto, mais do que uma mera ceia de despedida, é uma despedida, na perspectiva escatológica, de esperança face à morte. Mais do que final, é um início que assenta na novidade da referência do pão ao corpo²⁷⁰: “Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós” (Lc 22,19). “Esta novidade não implica a rotura com a antiga aliança, mas pelo contrário, a sua valorização segundo a economia da salvação”²⁷¹. Por seu lado, o sangue de Jesus reinstalou a aliança conferindo a redenção e a salvação dando verdadeiro significado à passagem do Antigo Testamento (Zc 9,11): “Quanto a ti, pelo sangue do teu pacto, tirarei os teus cativos da fossa sem água”. O cálice concretiza a salvação transmitida como expiação universal. “Derramar sangue significa o mesmo que ser morto porque, segundo a conceção bíblica, o sangue é considerado transportador da vida. Nesta perspectiva, vê-se claramente que o cálice partilhado oferece a comunhão com o Senhor que se entrega à morte”²⁷².

No entanto, este processo de redenção não termina com a morte tal como a expressão de Jesus²⁷³ “*em verdade vos digo*” (eu vos asseguro) manifesta a confiança e certeza do futuro. Este anúncio é feito em forma de juramento, de não beber mais; esta será a última vez. No entanto, depois das trevas da morte deve começar um novo “beber”²⁷⁴: “«Em verdade vos digo: não voltarei a beber do fruto da videira até ao dia em que o beba, novo, no Reino de Deus”. (Mc 14,25).

²⁶⁸ “La primera copa, que se menciona en el v.17, podría referirse a la primera copa (copa quiddûs) o a la segunda (copa hagâdâh), mientras que la segunda copa, que en el v.20 se describe como «copa despues de la cena», se referiría a la tercera copa («copa de bendicion»”. Joseph, FITZMYER, *El Evangelio Según Lucas* (The Gospel According To Luke), Vol. IV, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2005, 321-322.

²⁶⁹ Tradução realizada pelo autor deste trabalho a partir de: “Essa è da un lato una cena di addio: riepilogo della vita e nel medesimo tempo testamento vincolante per i discepoli”. AA.VV., *Nuovo Corso di Dogmatica* (Handbuch der Dogmatik), Vol. II, Queriniana, Brescia, 1995, 323.

²⁷⁰ Tradução realizada pelo autor deste trabalho a partir de: “Nenhuma das comidas judaicas que conhecemos tem uma fórmula análoga a esta. [...] A atmosfera é possivelmente pascal, mas o que aqui ocorre é algo de diferente da Páscoa”. François BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 282-283.

²⁷¹ François BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 283.

²⁷² Joaquim GNILKA, *El Evangelio Según San Marcos*, Vol.II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001⁴, 287.

²⁷³ Cf. Mc 14,25.

²⁷⁴ Cf. Joaquim GNILKA, *El Evangelio Según San Marcos*, Vol.II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001⁴, 288.

No momento de partilhar o pão e vinho, o seu corpo e sangue, Jesus dá instruções aos presentes sobre a celebração futura²⁷⁵: “... fazei isto em minha memória” (Lc 22,19). A Páscoa era, para os judeus, uma anamnese anual; de igual modo, Jesus dá as instruções necessárias aos seus discípulos para que repitam esta ceia com o pão e o vinho, tornando sempre presente a experiência vivida com Ele, especialmente nesta *Última Ceia*. O corpo e sangue de Jesus irão substituir o cordeiro pascal, como sinal de futura realização do Reino de Deus, “no entanto, a sua total plenitude não se alcançará até que chegue o *eschaton* definitivo”²⁷⁶.

Ao atravessar a morte e alcançar a ressurreição, Jesus espera o Reino de Deus que se estabelecerá até ao final dos tempos, tomando parte na última Páscoa (Lc22,16). “A Páscoa será mais que uma ceia ou eucaristia. Será um festim messiânico e escatológico (Lc 14,24), tempo dos reencontros e plenitudes (cf. Ap 21,4). Esta ceia ou Eucaristia é uma comunhão, com dupla característica; é um olhar para trás, à morte de Cristo, o ato de redenção e o estabelecimento de uma nova aliança, e para a frente, para este Reino e o seu gozoso banquete”²⁷⁷.

Jesus não se limita a informar os discípulos sobre o que irá acontecer de seguida, ou a fazer os últimos ensinamentos. Ele inaugura, desta forma, “um novo modo de presença entre os seus discípulos, não mediante um prolongamento da sua encarnação, mas como o Jesus ressuscitado que, desta forma, mantém a vida dos seus”²⁷⁸. Este facto será ainda mais evidente aquando o Jesus ressuscitado aparece aos discípulos no caminho de Emaús onde estes o reconheceram “ao partir o pão”.

É à mesa com os discípulos que Jesus, ao querer formular os seus pensamentos, começa por construir a sua própria comunidade: aqueles que creem na sua missão. Desta forma, mostra qual o comportamento que pretende dos seus discípulos, na comunidade, e começa por lavar-lhes os pés.

“Enquanto celebrava a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura” (Jo 13,3-5).

²⁷⁵ “Ao ordenar que repetissem os seus gestos e palavras, «até que Ele venha» (1 Cor 11,26), Jesus não pede somente que se lembrem d’Ele e do que Ele fez. Tem em vista a celebração litúrgica, pelos apóstolos e seus sucessores, do *memorial* de Cristo, da sua vida, morte, ressurreição e da sua intercessão junto do Pai”. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000², n.º1341.

²⁷⁶ Joseph FITZMYER, *El Evangelio Según Lucas* (The Gospel According To Luke), Vol. IV, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2005, 323.

²⁷⁷ François BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 289.

²⁷⁸ Joseph FITZMYER, *El Evangelio Según Lucas* (The Gospel According To Luke), Vol. IV, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2005, 323.

Esta ação de Jesus manifesta a maior humildade já que lavar os pés a alguém é considerado entre os judeus um ofício de criados ou escravos²⁷⁹. Esta ação era utilizada na época para honrar os hóspedes que acabavam de chegar de caminhos poeirentos. No entanto, a sua execução supunha uma situação de inferioridade. “Se a mãe de um rabino quiser lavar os pés ao filho em sinal de veneração, este não poderia tolerar tal humilhação. Baseando-se em Lv 25,39²⁸⁰, os rabinos chegaram à conclusão que um israelita não deve permitir que o seu escravo lhe lave os pés, caso este seja também hebreu”²⁸¹.

Este relato do Evangelho de João mostra Jesus a cumprir tão humilde serviço aos discípulos, tendo a plena consciência do poder que o Pai lhe entregou e que, desta forma, abraça toda a Humanidade. Neste gesto, Jesus manifesta também a sua disponibilidade para receber, a sua hospitalidade na sua ceia, a última com os seus²⁸².

Em torno da mesa, o Mestre reunido com os seus discípulos forma a sua comunidade, institui a eucaristia, manifesta os desígnios salvíficos de Deus e, consciente da proximidade da sua morte, recorda as situações mais importantes vividas em comum. No entanto, Jesus deixa também conselhos e normas de conduta.

Entre os temas mais importantes destes discursos de despedida de Jesus, destacam-se o do mandamento novo (Jo 13,34-35; Jo 15,12-13.17) e a exortação à unidade (Jo 17,11.21)²⁸³. O discurso do Mestre serve como instrução aos discípulos para a sua missão no meio de um mundo hostil. Esta comunidade recém-formada deve estar preparada para cumprir a missão como novo povo de Deus. Desta forma, e como o amor é fecundo, a comunidade deve «produzir fruto» para o seu salutar crescimento. A união com Cristo, centro do qual dimana a vida, é a condição indispensável, uma união de amor entre os discípulos e entre estes e Jesus. Desta forma, a comunidade, com o auxílio do Espírito, estará preparada para os novos desafios num mundo marcado pelo ódio²⁸⁴.

Jesus deixa um mandamento que, de certa forma, constitui o último legado para os seus discípulos antes de partir: o preceito de amor mútuo. “«É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos ameí» (Jo 15,12). Este é o mandamento base que serve de

²⁷⁹ Abigail, para expressar a submissão a David que deseja tomá-la por esposa, diz aos emissários: “A tua serva já se daria por feliz em lavar os pés dos servos do meu senhor” (1Sm 25,41).

²⁸⁰ ²⁸⁰ “Se o teu irmão empobrecer, junto de ti, e se se vender a ti, não exigirás dele um trabalho de escravo”. (Lv 25,39).

²⁸¹ Alfred WIKENHAUSER, *El Evangelio Según San Juan* (Das Evangelium nach Johannes), Editorial Herder, Barcelona, 1967, 377.

²⁸² Xavier LEON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan*, Vol. III, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1998, 27.

²⁸³ Cf. Josep-Oriol TUÑI e Xavier ALEGRE, *Escritos Joánicos y Cartas Católicas*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2011⁵, 67.

²⁸⁴ Cf. Juan MATEOS y Juan BARRETO, *El Evangelio de Juan. Analisis linguistico y comentário exegético*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1982², 583.

pilar à comunidade, ao novo povo de Deus, e que vem reforçar os mandamentos anteriores. De facto, no Antigo Testamento já existe o mandamento: «Amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (Lv 19,18). No entanto, Jesus reconhece a sua importância, mas utiliza a palavra «próximo» no sentido mais amplo, estendendo-se a todos e incentivando ao amor aos inimigos pessoais²⁸⁵, elevando-o ao primeiro lugar entre os valores éticos do cristianismo (cf. Mc 12,28-34; Rm 13-8-10; Gl 5,14; Cl 3,14).

Jesus, ao celebrar a *Última Ceia* com os discípulos, oferece, a todos os que acreditam e O seguem, a palavra, o pão e o vinho, elementos essenciais do culto novo²⁸⁶. Desta forma, os seus seguidores têm a oportunidade de estabelecer a união íntima com Cristo através da comunhão, recebendo-O através do seu corpo entregue e do seu sangue derramado por muitos para remissão dos pecados²⁸⁷.

Como refere o *Catecismo da Igreja Católica*, “a celebração do sacrifício eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo, que Se ofereceu por nós”²⁸⁸.

7. A “fração do pão” - ponto central na caridade cristã

Depois da condenação de Jesus e da sua morte na cruz, muitos dos discípulos foram assaltados pela dúvida, angústia e até alguns deles pela desilusão. De facto, apesar de acreditarem em Jesus Cristo, não tinham interpretado a sua mensagem de forma a prepararem-se para estes acontecimentos, mesmo depois dos discursos de despedida do seu mestre.

Instituída a eucaristia na *Última Ceia* e depois da sua morte e ressurreição, Jesus continua a querer estar presente no meio dos seus. Por isso, o Ressuscitado aparece novamente à mesa, desta vez no episódio de Emaús²⁸⁹ (Lc 24,13-35). Jesus aparece a dois discípulos que caminhavam no desânimo porque, apesar de acreditarem em Jesus como homem dotado por Deus, duvidavam de que seria o messias (Lc 24,21). Depois de se juntar a eles no caminho, Jesus começa a explicar-lhes as Escrituras. Fascinados, os discípulos convidam aquele estranho a hospedar-se:

²⁸⁵ Cf. WIKENHAUSER, Alfred, *El Evangelio Según San Juan* (Das Evangelium nach Johannes), Editorial Herder, Barcelona, 1967, 395.

²⁸⁶ Cf. BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), AAS 99 (2007), n.º12, 113-114.

²⁸⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de Abril de 2003), AAS 95, n.º16.

²⁸⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000², n.º1341.

²⁸⁹ Provavelmente o nome desta localidade significa «primavera quente», no entanto, não se tem a certeza em que lugar esteve situada. Há pelo menos quatro lugares que atualmente se associam a Emaús do Novo Testamento, distanciadas entre 6km a 32 km de Jerusalém. Um dos prováveis locais situa-se a 22 km a Oeste de Jerusalém, no caminho de Jaffa, cujo nome é “Keelonyieh”. Cf. J.B TIDWELL,., Carlos PIERSON, *La Geografía Bíblica. Lugares bíblicos com sus referencias*, Casa Bautista de Publicaciones, Buenos Aires, 1981⁴, 73-74.

“Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença”. (Lc 24,29-31).

Estes dois homens, lado a lado, percorrem, sem rumo, atormentados pelo medo do anoitecer. A tarde, depois do caminho, é a hora de sentar-se à mesa para comer, recuperar forças, mas antes, conforme os costumes judaicos, fazer a oração de bênção. Jesus, apesar de ter sido convidado, assume a “liderança” assumindo o papel de “dono da casa” fazendo a oração e repartindo o pão fazendo recordar a *Última Ceia*²⁹⁰.

O Ressuscitado, antes de se dar a conhecer, quer, mais uma vez, preparar os seus discípulos. Pelas suas palavras, estes conseguem ganhar nova esperança levando-os a convidar aquele desconhecido a hospedar-se.

De facto, os discípulos reconheceram-no “ao partir o pão”. Mas, quantos sinais, palavras e gestos foram necessários para reconhecerem o Mestre? Os dois discípulos precisaram da presença, da palavra, da recordação e explicação das escrituras e, finalmente da *fração do pão*.

A *fração do pão* torna-se no marco eucarístico da revelação do Ressuscitado aos discípulos de Emaús; assegurou, aos seus discípulos, a sua presença e interpela-os com a Palavra e «sacramento». Este relato do Evangelho de Lucas marca, deste forma, o rito que, junto com o batismo, caracteriza a vida litúrgica dos primeiros cristãos²⁹¹.

É nesta passagem que a expressão “*fração do pão*” (*ke klasis tou artou*) aparece pela primeira vez²⁹². É uma referência abstrata à eucaristia, que ganha importância pelo facto de os discípulos O reconhecerem ao partir o pão em vez de o reconhecerem pelos olhos²⁹³. É um reconhecimento cujo valor é intransitivo: «deu-se a conhecer»²⁹⁴.

“Aqui chega o ponto culminante de todo o episódio: os olhos dos discípulos ficam abertos e reconheceram o Senhor no seu companheiro e hóspede que desaparece no mesmo momento por estar já conseguido o objetivo da aparição. Jesus revelou-se como ressuscitado da morte à vida, fazendo assim testemunhas da sua ressurreição.²⁹⁵”

²⁹⁰ Cf. Lc 22, 14-20; Act 2.

²⁹¹ Cf. François BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 642-643.

²⁹² A expressão “*fração do pão*” (*ke klasis tou artou*) volta a surgir em Act 2,42.

²⁹³ Cf. Joseph FITZMYER, *El Evangelio Según Lucas* (The Gospel According To Luke), Vol. IV, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2005, 596.

²⁹⁴ Cf. François BOVON, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 643.

²⁹⁵ Josef SCHMID, *El Evangelio Según San Lucas*, Editorial Herder, Barcelona, 1968, 513.

Sem a palavra que faz arder o coração, o cristão pouco mais pode fazer do que voltar para casa, resignado e triste. Sem a palavra, a vida do cristão tem pouco sentido, pouca vitalidade e pouca energia. O cristão precisa da palavra falada e explicada por Aquele que está sempre presente no seu caminho, o convidado que se torna anfitrião. “Quando o pão lhes é dado a comer, deixam de o ver sentado com eles à mesa. Enquanto eles comem, Jesus tornou-se invisível. Quando eles entram na mais íntima comunhão com Jesus, o estranho – que se tornou amigo – deixa de estar com eles”²⁹⁶. Depois de estar presente, à mesa da palavra, do pão e do vinho, o Ressuscitado desaparece para que os seus discípulos, depois de O reconhecerem, O levem a anunciar a todos os povos através das palavras e das obras.

É ao partir o pão que Jesus congrega os seus discípulos que se dispersavam após a morte d’Aquele que acreditavam ser o Messias. A presença do Ressuscitado em comunhão com os seus, à volta da palavra e do pão, motiva os discípulos à congregação, formando a comunidade, alicerçada no anúncio da Boa Nova de Jesus que afinal não morreu mas está vivo, ressuscitou²⁹⁷.

Assim, as comunidades neotestamentárias passaram a celebrar a comunhão com o Ressuscitado, numa referência à *Última Ceia*, a “Ceia do Senhor” (1Cor 11,20) ou a *fração do pão*²⁹⁸. A partir da ceia eucarística é constituída a assembleia da comunidade onde se fala da vida da própria comunidade, se manifestam e resolvem as preocupações dos mais necessitados, se reúnem para anunciar a palavra e se sentam à mesa em comunhão com o Ressuscitado. Em suma, para os primeiros cristãos há uma estreita relação entre a vida comunitária e a ceia eucarística²⁹⁹.

“Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuían o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.” (Act 2,42-47).

²⁹⁶ Henri J.M. NOUWEN, *Não nos ardia o coração? Uma Meditação sobre a Vida Eucarística* (With Burning Hearts – A Meditation on the Eucharistic Life), Paulinas, Prior Velho, 2005, 81.

²⁹⁷ “Tienen que volver con sus hermanos. Su puesto está allí, en la edificación de la nueva comunidade de los discípulos de Jesús, en el testimonio y la misión de lo que saben. Por eso, dejando todo como estaba, apresuradamente, en medio de la noche, toman el camino del regreso (24,33). Han descubierto que Jesús resuscitado está allí donde se encuentran los hermanos”. AA.VV., *Comentarios a la Biblia Litúrgica. Nuevo Testamento*, Paulinas, Madrid, 1990⁴, 1416.

²⁹⁸ Cf. Act 2,42.46; 20,7.11; Lc 24,30.35; 1Cor 10,16.

²⁹⁹ “Nel corso di tale assemblea si parla anche della vita della comunità, ci si occupa in particolare dei bisogni, si predica la parola (anamnesi di Cristo, canto di salmi i inni, discorsi carismatici e loro spiegazione, ammaestramenti ecc.) e si consuma la cena. In questo contesto si spezza il pane, si porge il calice, si pronunciano parole esplicative sul pane e sul calice. Tutto ciò rivela uno stretto collegamento tra vita comunitária e cena eucarística”. AA.VV., *Nuovo Corso di Dogmatica* (Handbuch der Dogmatik), Vol. II, Queriniana, Brescia, 1995, 325.

Para os primeiros cristãos, a vida da comunidade era um autêntico serviço a Deus: através dos ensinamentos dos apóstolos, da união ou *koinonia* que, mais do que a união espiritual, compreendia a ajuda dos mais necessitados, e a fração do pão através da celebração eucarística que, provavelmente, começava com a partilha do pão a todos os assistentes³⁰⁰.

De acordo com o mandamento de amor de Jesus, os cristãos viviam na unidade: “A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum” (Act 5,32). Desta forma, os crentes anunciavam a morte de Jesus³⁰¹ e testemunhavam a sua ressurreição através da palavra, da celebração eucarística e da caridade³⁰²:

“Entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse”(Act 5,34-35).

A caridade cristã baseia-se no amor de Deus revelado em Jesus Cristo. O Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Dominicae Cenaе*, refere a Eucaristia como “sinal indelével” da unidade revelada, como um dom insondável e gratuito que faz germinar no cristão uma resposta de amor. “Não só conhecemos o amor, mas também nós próprios começamos a amar”³⁰³, desenvolvendo esse amor. Assim, a doutrina da Eucaristia, centro da vida eclesial³⁰⁴, é sinal da unidade e vínculo da caridade (cf. 1Cor 10,17).

A autenticidade do culto eucarístico faz crescer nos crentes a consciencialização da dignidade de todos e de cada ser humano. “A consciência dessa dignidade, depois, torna-se o motivo mais profundo da nossa relação com o próximo”³⁰⁵.

³⁰⁰ Cf. AA.VV., *Comentarios a la Biblia Liturgica. Nuevo Testamento*, Paulinas, Madrid, 1990⁴, 1603.

³⁰¹ “Anunciar a morte de Jesus não tem qualquer sentido fúnebre, não é anunciar o sofrimento dorido ou a coragem do herói, tão-pouco a resignação ou no polo oposto, qualquer aspecto belicoso – do tipo *in hoc signo vinces*, de constantiniana memória, ou dos estandartes dos cruzados, ou qualquer outra manifestação de heroicidade por alguém e contra alguém, como vemos nos modernos *kamikaze* -, mas sim a soberana novidade da vida. «Anunciar a morte do Senhor» significa, de facto, anunciar o sentido da vida como dádiva da vida por amor, para sempre, por todos”. Cf. António COUTO, “Eucaristia e Caridade. Mistério anunciado e oferecido ao mundo”, in *XXXVIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. Eucaristia – Sacramento da Caridade*, 2012, 17. Documento consultado em 21 de Janeiro de 2014 no *site* do Secretariado Nacional de Liturgia (www.liturgia.pt).

³⁰² “O tema da Eucaristia fonte e ápice da missão e da caridade encontra aqui a sua íntima interligação, ou seja, o mandato litúrgico, o mandato missionário, e o mandato do amor completam-se harmonicamente”. José CORDEIRO, “Eucaristia, sacramento da caridade. A Eucaristia, ápice e fonte da missão e da caridade”, in *XXXVIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. Eucaristia – Sacramento da Caridade*, 2012, 1. Documento consultado em 21 de Janeiro de 2014 no *site* do Secretariado Nacional de Liturgia (www.liturgia.pt).

³⁰³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Dominicae Cenaе* (24 de Fevereiro de 1980), in AAS 72 (1980), n.º 5.

³⁰⁴ Cf. IDEM, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de Abril de 2003), in AAS 95 (2003), n.º 3.

³⁰⁵ IDEM, Carta Apostólica *Dominicae Cenaе* (24 de Fevereiro de 1980), in AAS 72 (1980), n.º 6.

Alicerçada na Eucaristia, a caridade assume importância basilar na vida eclesial desde os primeiros cristãos, como sublinha o Papa Bento XVI, na Carta Encíclica *Deus caritas est*: “ No seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna”³⁰⁶.

8. Em síntese

A caridade é a base de toda a ação dos cristãos que, em comunhão à imagem das primeiras comunidades, permite a vivência num só coração e numa só alma (cf. Act 5,32).

O amor de Deus, manifestado pelo Seu Filho Jesus Cristo, é anunciado pelos seus discípulos através de um testemunho revelado nas obras e particularmente na relação com as pessoas, numa relação da verdadeira família humana, à imagem da relação da Trindade.

Na fração do pão, e com a presença real de Jesus Cristo através da Eucaristia, os cristãos, em comunhão, são animados pelo Espírito Santo a saírem em *missão* (missa), a levarem a Boa Nova a todos os povos. Este anúncio, alimentado pela Palavra e pelo Pão Eucarístico, não escolhe destinatários. Por isso, o cristão é chamado a concretizar a sua ação evangélica nas situações concretas do quotidiano: em casa, no bairro, na escola, etc.

O anúncio dos valores evangélicos exige o cultivo dos valores essenciais de promoção da dignidade da pessoa. Estes, nos quais se inclui a solidariedade, devem ser cultivados em todo e qualquer lugar de forma a darem fruto, à semelhança do agricultor que semeia a terra e, com o passar do tempo, se torna numa seara dourada. Do fruto colhido, o ser humano, transformo-o até à confeção do pão, alimento essencial para a subsistência da família. Assim, também o cultivo da solidariedade nutre a família humana reforçando os laços interpessoais, através da lógica do dividir para multiplicar.

³⁰⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005), in AAS 98 (2006), n.º 20.

CAPITULO III – A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA EM CONTEXTO ESCOLAR. CONCRETIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “O PÃO DE CADA DIA”, DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE

Após a reflexão teórica dos conteúdos relativos à Unidade Letiva “O pão de cada dia”, que integra o programa de EMRC do sexto ano de escolaridade, apresento neste terceiro e último capítulo, um enquadramento da escola, a educação para os valores e a disciplina e o professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), seguido da descrição pedagógico-didática da lecionação da unidade letiva à turma quatro do sexto ano de escolaridade, do Agrupamento Dr. Francisco Sanches. Neste último ponto, apresentarei, além da planificação e lecionação da unidade letiva, as estratégias e recursos utilizados bem como a proposta de uma página na internet³⁰⁷ sobre a temática em causa, para maior enriquecimento do processo ensino-aprendizagem através de uma maior interação entre professor, alunos e pais/encarregados de educação.

1. A experiência pedagógica e didática em contexto escolar

Neste primeiro momento, apresento a experiência pedagógica e didática em contexto escolar nomeadamente relativa à relação entre escola, professor, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e a educação para os valores. Parto da reflexão teórica da importância da educação para os valores, da educação na perspectiva da Igreja Católica e da especificidade da disciplina e do professor de EMRC para, numa fase posterior, apresentar a escola e caracterizar a turma onde decorre a Prática do Ensino Supervisionada.

1.1. A educação para os valores

A educação é um dos pilares essenciais de qualquer sociedade, daí a importância que lhe é atribuída fazendo dela uma das temáticas mais debatidas e refletidas, principalmente nos últimos séculos.

Com a proclamação, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Organização das Nações Unidas declara, no artigo 26º, a Educação como um direito universal³⁰⁸. Este documento internacional não se limita a proclamar o direito à educação mas apresenta, no número 2 do mesmo artigo, diretrizes bem definidas em prol da dignidade humana e da defesa de valores considerados essenciais:

³⁰⁷ Página disponível em <http://albertopais.wix.com/opaodecadadia>.

³⁰⁸ Cf. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Artigo 26º, n.º1. Documento consultado no *site* da Organização das Nações Unidas (www.ohchr.org), em 10 de janeiro de 2014.

“A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz”³⁰⁹.

Este artigo não se limita a declarar como direito universal a educação mas sim o de atribuir a todo o ser humano, independentemente da sua condição, o direito a uma educação que vise o desenvolvimento pleno da personalidade e o reforço dos direitos do Homem.

Desta forma, a educação, na perspetiva da Declaração Universal dos Direitos do Homem, passa a ser além de um direito também um meio para que todos os outros direitos proclamados na mesma declaração sejam desenvolvidos e efetivados: “A educação deve visar (...) o reforço dos direitos humanos...”.

Esta dupla função da educação além de ambiciosa é também responsabilizadora no desafio à concessão de um sistema educativo que a declaração proclama e que cada país subscreveu: “uma educação que para além de ser verdadeiramente universal possa contribuir decisivamente para concretizar todos os outros direitos humanos”³¹⁰.

No cumprimento destas linhas orientadoras, a escola deve ser antes de mais inclusiva e espaço de desenvolvimento pessoal dos alunos no contacto com a diversidade. Pois, uma educação “que não respeite a diversidade e que não valorize o convívio, a interacção e a cooperação entre alunos naturalmente diferentes nas suas personalidades e nos seus percursos de aprendizagem é uma educação antiética, porque é contrária à DUDH”. Por seu lado, a escola deve ser um lugar de crescimento pessoal através da formação integral dos alunos incluindo o seu desenvolvimento de acordo com valores que defendam a dignidade humana.

Atualmente, há quem continue a defender uma educação exclusiva da aquisição de conhecimentos, menosprezando a assimilação de valores que contribuem para o enriquecimento pessoal de cada aluno. A oposição ao benefício da discussão de valores na escola ou o receio de que esse facto possa limitar a desejada neutralidade da escola pública são possivelmente motivadas pela “ideia de se tratar de assuntos privados, o receio de doutrinação ou inculcação de valores, ou de desvio da atenção do professor do ensino dos factos e capacidades, ou ainda a ideia de que o lugar para essas coisas são a

³⁰⁹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Artigo 26º, n.2. Documento consultado no *site* da Organização das Nações Unidas (www.ohchr.org), em 10 de janeiro de 2014.

³¹⁰ David RODRIGUES, “Os direitos humanos e a educação inclusiva”, in *Jornal Público*, 3 de janeiro de 2014.

família, a Igreja ou o partido, e também o receio da falta de preparação dos professores para a delicadeza destas tarefas”³¹¹.

A escola, no seu todo incluindo o professor, ensina os valores, aquilo que valoriza, que considera justo ou não justo, por isso, o ensino dos valores na escola é inevitável. Todas as ações do professor, desde a escolha de recursos, atividades, trabalhos, implicam uma hierarquia de valores bem como toda a organização escolar desde as direções, conselhos pedagógicos, conselhos de turma, entre outros, aquando da definição de atividades extracurriculares, regulamentos, às relações com a família e a sociedade, são reveladoras dos valores privilegiados.

Aliás, a educação moral não é uma ideia nova porque praticamente indissociável da educação através dos dois grandes objetivos: o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento moral dos alunos. Estes dois objetivos são defendidos como prioritários por variados autores de diversas épocas tais como Sócrates, Platão, Dewey, Piaget, Lickona, Kamii, entre outros. “Defendem que não só se devem formar cidadãos que usem a sua inteligência em benefício dos outros, e de si próprios, mas, também, que contribuam para a construção de um mundo mais justo”³¹².

Em Portugal, o desenvolvimento da educação moral nas escolas está regulamentada pela *Lei de Bases do Sistema Educativo*³¹³; compete ao sistema educativo “assegurar a formação cívica e moral dos jovens”³¹⁴ para a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos, solidários, respeitadores, abertos ao diálogo e à livre troca de opiniões, críticos e criativos em relação ao meio social, capazes de uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos³¹⁵.

Obviamente que a escola não tem, nem pode ter, a exclusividade da educação para os valores iniciando-se *a priori* na família. No entanto, a escola é um lugar importante para o desenvolvimento e reflexão sobre a própria aprendizagem. “As múltiplas relações existentes entre os jovens, e estes e os outros, constituem, por si, um terreno fértil para uma aprendizagem sistemática, onde podem experimentar os seus

³¹¹ Maria Odete VALENTE, *A Educação para os valores*. Artigo consultado no *site* Educación en Valores (www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf) em 1 de maio de 2014, 2.

³¹² Citado por Helena MARCHAND, “A educação dos valores nas escolas – ou «devem as escolas ensinar valores?», «que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos», «de que modo fazê-lo?»”, artigo consultado no *site* do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/hmarchand.pdf), consultado em 1 de maio de 2014.

³¹³ Cf. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º46/86, de 14 de Outubro de 1986 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série – n.º237 – 14 de Outubro de 1986.

³¹⁴ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º46/86, de 14 de Outubro de 1986, in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série – n.º237 – 14 de Outubro de 1986, artigo 3º, alínea c.

³¹⁵ Cf. *Ibidem*, artigos 2º e 3º.

modos de relação, melhorando a qualidade da mesma”³¹⁶ para si, para os outros e para o mundo. A aquisição, por parte do aluno, de um conhecimento de si e do que o rodeia bem como a adoção de atitudes e comportamentos que lhe permitem estabelecer relações interpessoais de qualidade constituem os grandes objetivos da educação para os valores que acompanham o percurso escolar do aluno. Daí que a formação pessoal e social do aluno deve ultrapassar a informação e desenvolver a capacidade de análise de situações e de descodificação de mensagens, transmitidas por vários meios³¹⁷.

1.2. A educação na perspectiva da Igreja Católica

Como referido anteriormente, a educação assume um papel de destaque nos direitos humanos que visam a salvaguarda da dignidade do ser humano. Desta forma, a Igreja Católica, por diversas vezes, elogia a criação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, tal como por exemplo o Papa João Paulo II que a definiu como “pedra miliária no caminho moral da humanidade”³¹⁸. De acordo com a missão essencialmente religiosa da Igreja inclui a defesa a promoção dos direitos fundamentais do ser humano através da sua dúplice função pastoral, o anúncio do fundamento cristão dos direitos do homem e de denúncia das violações de tais direitos, apesar do anúncio ter maior importância que a denúncia³¹⁹.

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*³²⁰ sublinha a tarefa educativa da família na formação de pessoas para a dignidade da sua dignidade pessoal. “A família constitui, efectivamente, «uma comunidade de amor e de solidariedade, insubstituível para o ensino e a transmissão de valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e o bem-estar dos seus próprios membros e da sociedade»”³²¹. Este documento do Magistério da Igreja destaca o papel insubstituível da família na educação dos filhos, assim, considera essencial o direito-dever dos pais de educar está relacionado com a transmissão à vida humana e, desta forma, “não pode ser totalmente delegado ou usurpado por outros”³²². Desta forma, os pais têm de igual forma o direito-dever de oferecer uma educação

³¹⁶ Maria Odete VALENTE, “A Educação para os valores”. Artigo consultado no *site* Educación en Valores (www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf), em 1 de maio de 2014, 33.

³¹⁷ Cf. *Ibidem*, 34.

³¹⁸ JOÃO PAULO II, *Discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas* (2 de Outubro de 1979), n.º7, consultado no *site* do Vaticano, disponível no *site* do Vaticano (www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/october/documents/hf_jpii_spe_19791002_general-assembly-onu_po.html), em 1 de maio de 2014.

³¹⁹ Cf. COMISSÃO PONTIFÍCIA «JUSTIÇA E PAZ», *A Igreja e os Direitos do Homem*, Tipografia Poliglota Vaticana, Cidade do Vaticano, 1975, n.º 70-90.

³²⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005.

³²¹ *Ibidem*, n.º238.

³²² *Ibidem*, n.º239.

religiosa e uma formação moral aos seus filhos: “direito que não pode ser cancelado pelo Estado, mas deve ser respeitado e promovido; dever primário, que a família não pode descurar nem delegar”³²³.

Apesar da importância da família na educação das crianças e dos jovens, os pais não são os únicos educadores dos seus filhos. Por isso, têm o dever de exercício de responsabilidade em colaboração “estrita e vigilante” com os diversos organismos civis e eclesiais. Neste processo educativo, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* privilegia a colaboração entre as famílias e as instituições escolares e refere um direito aos pais, o de escolha dos instrumentos formativos às próprias convicções, e um dever das autoridades públicas, o de garantir às famílias tal direito³²⁴.

A integralidade da pessoa está no centro de toda a educação e com responsabilidade dos pais em proporcionarem aos seus filhos a formação “em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro, e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte”. A integralidade assume assim um ponto central na perspectiva da Igreja Católica na medida em que os alunos são educados para o diálogo, o encontro, a sociabilidade, a legalidade, a solidariedade e a paz, “mediante o cultivo das virtudes fundamentais da justiça e da caridade”³²⁵. Para tal, na educação dos filhos, é fundamental o papel paterno e materno dos pais que, agindo conjuntamente, devem exercer a autoridade simultaneamente com respeito, delicadeza e firmeza e vigor: “deve ser credível, coerente, sábia, e sempre orientada ao bem integral dos filhos”³²⁶. Para um crescimento equilibrado da pessoa, é também fundamental a aprendizagem ordenada e progressiva do significado da sexualidade e os valores humanos e morais a ela relativos. “O dever educativo deve conduzir os filhos a conhecer e a estimar as normas morais como necessária e preciosa garantia para um crescimento pessoal responsável na sexualidade humana”³²⁷. Desta forma, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* sublinha a obrigação dos pais na verificação do modo como se realiza a educação sexual nas instituições educativas.

O Magistério aponta ainda o direito dos pais em fundar e manter instituições educativas com o apoio do Estado. Este não pode limitar-se a tolerar as instituições pelo facto de não pertencerem ao domínio público mas, porque prestam um serviço à sociedade civil, o Estado deve apoiá-las economicamente. Por seu lado, a Igreja Católica considera ainda que quando o Estado reivindica o monopólio escolar está a exceder os seus direitos.

³²³ *Ibidem*, 167.

³²⁴ Cf. *Ibidem*, n.º240.

³²⁵ *Ibidem*, n.º242.

³²⁶ *Ibidem*.

³²⁷ *Ibidem*, n.º243.

Para a Conferência Episcopal Portuguesa, a defesa e a valorização da verdade é a base de valores como a justiça e a paz. “A justiça, a harmonia e a paz, em qualquer sociedade, só poderão edificar-se sobre a verdade, na integralidade da sua natureza ontológica”³²⁸. Deste modo, “uma autêntica educação escolar exige uma radicação na verdade do homem, no respeito integral pela sua origem e pelo seu destino transcendente e pela defesa da sua dignidade inalienável e inviolável ao longo do percurso do seu desenvolvimento”³²⁹.

A promoção da dignidade humana através da defesa do direito das pessoas à educação e a aposta na formação integral e harmónica do ser humano são dois dos motivos que levam a Igreja a apoiar a escola. Por isso, é essencial que a sociedade, “sobretudo num contexto em que a educação é sempre mais concebida como transmissão de saberes destinados a um desenvolvimento exclusivamente técnico, comece a conceber-se como uma comunidade que educa, que forma pessoas e as acompanha na vida”³³⁰. Para que, de acordo com o referido pela Conferência Episcopal Portuguesa, “a pessoa se torne no sujeito primeiro e o objeto último da educação”³³¹ e, desta forma, a descoberta e ajuda à descoberta da dignidade da pessoa humana continue a constituir o núcleo central da própria tarefa evangelizadora da Igreja.

1.3. A Educação Moral e Religiosa Católica e a educação integral

Depois de, em 2002, se ter pronunciado sobre a Educação, através de uma Carta Pastoral, a Conferência Episcopal Portuguesa volta a abordar, em 2006, a temática da escola, centrando-se na identidade da Educação Moral e Religiosa Católica e o seu contributo para a educação integral. O documento intitulado “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”³³² sublinha a cooperação e importância que a Igreja Católica, através da sua presença institucional, tem oferecido à escola nomeadamente através da “disciplina/área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), de carácter facultativo, que abrange os ensinos básico e secundário (do 1º ao 12º ano de escolaridade)”³³³. A EMRC, parte integrante do sistema educativo em Portugal

³²⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008, n.º3.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ Angelo BAGNASCO, “A Igreja em defesa da escola”, in *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, Ano IX, n.º27, 2013, 48.

³³¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002, n.º3.

³³² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006.

³³³ *Ibidem*, n.º1.

legitimada pelo artigo 19º da Concordata de 2004, entre a Santa Sé e a República Portuguesa³³⁴, proporciona às pessoas a visão cristã do mundo, do ser humano e de Deus³³⁵.

Face à evidente necessidade de valores hierarquizados e uma procura de transcendência e religiosidade verificada na sociedade e na escola, a EMRC desenvolve um trabalho importante ao serviço da educação integral dos alunos. Nesse sentido, esta disciplina ajuda os alunos a amadurecerem as interrogações sobre o sentido da vida. E, na medida em que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, “não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais”³³⁶.

A Conferência Episcopal Portuguesa considera que a EMRC tem um alcance cultural e um claro valor educativo citando o Papa João Paulo II: “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”³³⁷.

Independentemente das crenças ou ideais dos alunos e pais e/ou encarregados de educação, a Educação Moral e Religiosa Católica é oferecida a todos sem exceção. “Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC: se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos seus filhos, outras há que se interessem somente pela sua informação e formação moral e cultural”³³⁸.

Os pais e/ou encarregados de educação, sendo os primeiros educadores e possuidores do direito e do dever de escolha do projeto educativo para os seus filhos/educandos, devem estar conscientes da importância e contributo da dimensão religiosa para a educação integral dos alunos e, desta forma, responsabilizarem-se pela inscrição na disciplina³³⁹.

A função educativa da escola que transmite o património científico, cultural, ético, estético e artístico, visando a assimilação sistemática e crítica da cultura e de dotar as pessoas para a inserção no mundo laboral e a convivência humana proporcionam um forte potencial de conhecimento pessoal e de integração social. Desta forma, a EMRC “interessa à Escola e, designadamente, à escola estatal. É um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do

³³⁴ Cf. *Ibidem*.

³³⁵ Cf. IDEM, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002, n.º28.

³³⁶ IDEM, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006, n.º6.

³³⁷ *Ibidem*.

³³⁸ *Ibidem*.

³³⁹ *Ibidem*, n.º7.

aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e de abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”³⁴⁰.

1.4. O perfil do professor

O professor ocupa uma posição estrategicamente central e sensível nas sociedades contemporâneas influenciada pela relação entre a sua função, o desenvolvimento e as constantes alterações sociais. São muitos os autores que apontam constrangimentos de diversas naturezas relativamente ao que os professores enfrentam alguns até consideram impossível a missão docente³⁴¹.

“Neste vasto conjunto de constrangimentos figuram aspectos tão diversos como a história individual, a inserção social, as propriedades estruturais das condições de emprego, o contexto socio-político (Chapoulie, 1987), ou o controlo e avaliação pelos inspectores e directores, as pressões da opinião pública, dos pais e dos próprios alunos (Berger, 1974)”³⁴².

O papel do professor está envolto de grande complexidade, contradição e ambiguidade. Ambiguidade pelo seu estatuto social, pelo prestígio da sua formação e nível cultural da média e, em simultâneo, pelo nível económico abaixo de outras profissões de formação académica similar³⁴³. Contradição pelo facto de o professor ser um agente executivo e que, face a diversos fatores, encontra-se, consciente ou inconscientemente, em contradição consigo próprio³⁴⁴. Jorge Lima cita mais uma vez Ilda Berger (1974) com a expressão: “«os docentes querem crer-se livres sabendo que são manipuladores manipulados»”³⁴⁵. Evidência da contradição do papel do professor é o exercício inevitável de autoridade sobre os alunos em simultâneo com o necessário comportamento afetivo³⁴⁶. Também a incerteza em torno dos objetivos da escola perturba o trabalho docente criando alguma desorientação motivada através de políticas que por vezes se “sucodem a um ritmo rápido, incoerente e desconcertante (Mollo, 1979). Este foi, aliás, o caso português, sobretudo após o 25 de Abril de 1974”³⁴⁷.

³⁴⁰ *Ibidem*, n.º9.

³⁴¹ Citado por Jorge LIMA, “O papel do professor nas sociedades contemporâneas”, in *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º6, 1996, 50.

³⁴² Jorge LIMA, “O papel do professor nas sociedades contemporâneas”, in *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º6, 1996, 50.

³⁴³ Cf. *Ibidem*.

³⁴⁴ Cf. *Ibidem*.

³⁴⁵ *Ibidem*.

³⁴⁶ *Ibidem*, 51.

³⁴⁷ *Ibidem*, 55.

Contrariamente à maioria das profissões que normalmente lidam com um cliente de cada vez, os professores lidam “face a face, com inúmeros alunos em simultâneo, estando constantemente «em cena» perante um público cujas características e comportamentos são a maior parte das vezes desconhecidos e imprevisíveis (Berger, 1974)”³⁴⁸.

Face à atual diversidade cultural existente nas escolas, à qual as próprias instituições escolares têm dificuldades de responder, o professor tem a função de desempenhar o seu papel em contextos educacionais complexos e multiculturais tentando serem capazes de funcionar eficazmente com todo o tipo de crianças³⁴⁹. Por isso, o docente depara-se sempre com a exigência de ter uma preparação elevada, demonstrando conhecimentos a nível de matérias específicas como de pedagogia³⁵⁰. Desta forma, os professores competentes “estão familiarizados com o conjunto de conhecimentos existente relativo ao ensino, que estão dotados de um repertório de práticas eficazes, que têm atitudes de reflexão e de resolução de problemas e que consideram o processo de aprender a ensinar um processo para toda a vida”³⁵¹.

As funções do professor desenvolvem-se a três níveis: executivo, interativo e organizacional. A função executiva está relacionada com o papel de liderança do professor em contexto de sala de aula desde a gestão de recursos e o estímulo motivacional; as funções interativas são referentes aos métodos e procedimentos utilizados na constante interação pedagógica com os alunos; e as funções organizacionais referem-se ao trabalho do professor em a comunidade, todos os seus agentes³⁵².

O professor é o protagonista de uma cadeia de decisões que lhe pertence tomar, moldando, à sua medida, o currículo prescrito, apresentado, programado e planificado. Estando associado quer ao positivo quer ao negativo do que se passa na escola, o “professor deve participar ativamente no desenvolvimento do currículo quer de uma forma planificada e colegial, articulando o que deve ser, ao nível político-administrativo, com o que pode ser, ao nível da escola e dos alunos, quer de uma forma contextualizada, «territorializando» planos curriculares, programas, ou conteúdos programáticos, organizando atividades didáticas, produzindo materiais curriculares e acompanhando os resultados dos alunos”³⁵³. Em grande parte, o professor goza de autonomia de orientação dentro de referenciais que lhe são impostos. Goza de autonomia colegial relativamente aos objetivos e à avaliação do rendimento dos alunos; de ampla autonomia referente às atividades e recursos didáticos;

³⁴⁸ *Ibidem*, 50.

³⁴⁹ Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 27.

³⁵⁰ Cf. *Ibidem*.

³⁵¹ *Ibidem*, 27.

³⁵² Cf. *Ibidem*, 14-17.

³⁵³ José PACHECO, *Currículo: Teoria e Práxis*, Porto Editora, Porto, 1996, 101.

autonomia partilhada no que concerne à escolha do manual e/ou livro de texto; no entanto, o professor não tem qualquer autonomia relativamente aos conteúdos.

A interação entre professor/aluno e entre os próprios alunos é um dos elementos essenciais na prática docente, por isso, assume preponderância a criação de um ambiente de aprendizagem, de um clima relacional. No entanto, por mais cumpridores que os professores sejam, há sempre um espaço reservado para o denominado currículo informal ou oculto, que vai mais além do previsto no currículo oficial.

Apesar de toda a investigação, formação e experiência, ninguém possui uma fórmula que crie o professor ideal, ele não existe porque a sua eficácia depende de muitos fatores. No entanto, ao professor, como pessoa, profissional e docente é exigida, a par da competência, a capacidade de transmitir o saber dos alunos, estimular o desenvolvimento dos mesmos, estabelecendo relações de comunicação fluída e positiva.

O perfil do professor de Educação Moral Religiosa Católica não foge ao anteriormente referido. Mas, além de escolhidos de acordo com condições legais de qualificação científica e pedagógica, os professores de EMRC, segundo a Conferência Episcopal Portuguesa, devem ter também “jeito e gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”³⁵⁴. E, para cumprimento destes requisitos, os professores de EMRC são propostos pelos Bispos Diocesanos e nomeados pelo Ministério da Educação e Ciência. No entanto, para os bispos portugueses, não basta assegurar requisitos iniciais mas cada professor “deve sentir-se responsável pelo empenho no progresso da sua própria qualificação, no aperfeiçoamento do seu ensino, na coerência do testemunho cristão e na fidelidade à Igreja”³⁵⁵.

Desta forma, a função do professor de Educação Moral e Religiosa Católica é mais ampla. À sua função profissional, o docente de EMRC deve reunir valores que testemunhem, pela sua presença, a fé cristã. Por isso, a Igreja apresenta o professor como aquele que tem autoridade “pelo que ele vive e faz e não só pelo que diz”³⁵⁶. A Conferência Episcopal Portuguesa considera o “ser” como o processo mais eficaz e o suporte didático mais autêntico do “aprender a ser”³⁵⁷. Assim, o professor de EMRC como educador cristão, “participa, por

³⁵⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006, n.º5.

³⁵⁵ *Ibidem*.

³⁵⁶ IDEM, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002, n.º14.

³⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

inerência, da missão santificadora e educativa da Igreja”³⁵⁸ vivendo o seu trabalho educativo “como vocação pessoal na Igreja e não apenas como exercício de uma profissão”³⁵⁹.

1.5. Apresentação da Escola

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é composto por uma rede de sete escolas: uma de segundo e terceiro ciclos, um Jardim de Infância e cinco de primeiro ciclo³⁶⁰, todas elas situadas na zona urbana de Braga, nomeadamente nas freguesias de São Vítor e de São Vicente³⁶¹. Estas unidades escolares situam-se numa área geográfica com grande densidade populacional, composta por zonas muito antigas da cidade, alguns bairros sociais, onde a degradação patrimonial está presente, e uma zona comercial de grande dimensão³⁶².

Apesar da heterogeneidade da população escolar, é significativa a percentagem de alunos provenientes de famílias com carências socioeconómicas³⁶³, com limitado acesso a bens culturais e com debilidades ao nível da estruturação afetada com problemas diversos dos quais o desemprego, a toxicodependência, o alcoolismo e a baixa escolarização³⁶⁴. A existência de grupos minoritários dentro da escola³⁶⁵, nomeadamente, alunos estrangeiros e de etnia cigana constitui um facto que motiva, segundo o Projeto Educativo, a definição de estratégias de integração³⁶⁶.

Todos estes fatores levaram, em 2009, à definição do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP)³⁶⁷, com a finalidade de

³⁵⁸ IDEM, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008, n.º20.

³⁵⁹ Congregação para a Educação Católica citada por CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008, n.º20.

³⁶⁰ Segundo o seu Projeto Educativo, as escolas que compõem o Agrupamento Dr. Francisco Sanches são: Escola Dr. Francisco Sanches (2º e 3º ciclos); Escola Básica de São Vítor, EB1 da Misericórdia, EB1/JI Quinta da Veiga, EB1/JI Bairro da Alegria; EB1/JI das Enguardas (1º ciclo, as últimas três com 1º ciclo e pré-escolar); Jardim de Infância das Fontes.

³⁶¹ Cf. AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 4.

³⁶² Cf. *Ibidem*, 7.

³⁶³ Estas carências socioeconómicas são evidentes através dos quarenta e nove por cento dos alunos apoiados pela Ação Social Escolar (ASE), no ano letivo de 2013/2014, mais dois por cento do que em 2009/2010. AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 13.

³⁶⁴ AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 7-13.

³⁶⁵ Os alunos estrangeiros e de etnia cigana constituem dez por cento dos alunos do Agrupamento Dr. Francisco Sanches.

³⁶⁶ Cf. AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 13-14.

³⁶⁷ O Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) foi criado pelo despacho n.º 147-B/ME/96, de 1 de agosto e está a ser desenvolvido em 137 agrupamentos, distribuídos pelas cinco Direções Regionais de Educação. Este programa tem como principais objetivos: “Melhorar a qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos; Combater a indisciplina, o abandono escolar precoce e o absentismo; Criar condições para a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa; Promover a articulação entre a escola, os parceiros sociais e as instituições de formação presentes no território educativo;”. Informação retirada do *site* da Direção Geral da Educação - Ministério da Educação e Ciência (www.dgicd.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=18), em 1 de maio de 2014.

desenvolver medidas capazes de, confrontando tais problemáticas³⁶⁸, promoverem o sucesso educativo e o desenvolvimento da comunidade envolvente. Para tal, o Projeto Educativo deste agrupamento, apresenta “Uma Escola para a cidadania” e “Uma Escola de qualidade” como as duas linhas estratégicas capazes de tornarem, este estabelecimento de ensino, “uma potencialidade no desenvolvimento de um território social e economicamente frágil, tendo como núcleo prioritário as crianças e os jovens desse território e as suas famílias, na relação do acompanhamento dos processos de estudo e da participação nas dinâmicas escolares”³⁶⁹.

O edifício da Escola Dr. Francisco Sanches, onde decorreu a Prática do Ensino Supervisionada, está em fase de requalificação. Ao longo dos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014 a escola tem ocupado um edifício antigo, degradado e com capacidade inferior à utilizada. Apesar de ser uma fase transitória³⁷⁰, o Projeto Educativo reconhece este fator como “um ponto fraco no desenvolvimento dos processos educativos, quer pelo número insuficiente de espaços disponíveis para o desenvolvimento das atividades letivas e de enriquecimento curricular, quer pela ausência de campos e recreios necessários para a ocupação do tempo livre e dos intervalos das aulas pelos alunos”³⁷¹. Apesar de todas as limitações ao funcionamento da prática letiva, toda a comunidade escolar tem manifestado capacidade de compreensão e de readaptação ao espaço disponível o que facilita o trabalho de todos os agentes afetados.

Após esta breve contextualização e caracterização do Agrupamento Dr. Francisco Sanches, é pertinente destacar a elaboração do seu Projeto Educativo com linhas orientadoras que visam a promoção do sucesso educativo e a contribuição para o desenvolvimento da comunidade envolvente sem descorar a sua dimensão inclusiva.

A existência de um significativo número de grupos minoritários no agrupamento e a frágil situação socioeconómica de considerável percentagem de alunos são duas delicadas questões que não passam, nem podem passar despercebidas.

Apesar da existência de vários programas e práticas que se têm revelado eficazes, uma das principais conclusões da investigação é a de que a divisão de turmas conforme o rendimento não promove o sucesso, podendo ter até consequências negativas para os grupos

³⁶⁸ O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches identifica como situações chave a atenuar: o baixo sucesso educativo dos alunos; a ocorrência frequente de violência escolar; os preocupantes níveis de indisciplina e de abandono escolar; as taxas de insucesso escolar; e a verificação de situações de trabalho infantil no contexto social envolvente. AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 4.

³⁶⁹ AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 3.

³⁷⁰ O ano letivo 2014/1015 é a data prevista para a alteração de instalações e inauguração dos novos edifícios da escola.

³⁷¹ AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 8.

minoritários³⁷². Por isso, a redução e até eliminação deste tipo de divisão, conforme exercido neste agrupamento, é uma importante forma de iniciar uma reforma multicultural.

A carência socioeconómica dos alunos constitui, conforme o Projeto Educativo, uma das grandes preocupações deste Agrupamento, desta forma, é essencial a continuidade dos serviços de ação social da escola para uma melhoria na promoção do sucesso educativo³⁷³.

Outro caminho apontado para a melhoria dos resultados escolares dos alunos de baixo rendimento, e que está também a ser desenvolvido neste agrupamento, é o envolvimento da comunidade. “Os alunos beneficiam quando os pais e outros membros da comunidade se envolvem na vida da escola”³⁷⁴, por isso, é de destacar o esforço do Agrupamento Dr. Francisco Sanches, explícito no seu Projeto Educativo, de dedicação na contribuição do desenvolvimento da comunidade envolvente.

1.6. Caracterização da Turma

Os alunos e os professores passam grande parte do dia interagindo entre si, no contexto social denominado de sala de aula. Com a interação dos professores com os alunos, dos alunos entre si e com diversos materiais escolares desenvolve-se um grupo³⁷⁵. Referindo-se a esta temática, Richard Arends cita Luft (1970) quando este sublinha que “as turmas podem parecer semelhantes à distância ou no papel, mas, na realidade, cada uma é tão única como uma impressão digital”³⁷⁶. Cada turma desenvolve os seus próprios processos, os seus padrões de interação e os seus próprios limites. Assim, algumas características da sala de aula podem ser alteradas pelo professor mas, outras não. Por isso, é necessário criar ambientes de aprendizagem produtivos centrando-se naquilo que pode ser alterado, tal como o aumento da motivação dos alunos e o encorajamento ao desenvolvimento do grupo. No que concerne à motivação, inclui-se o nível de preocupação do aluno, a tonalidade afetiva, os interesses dos alunos, entre outros. Relativamente ao desenvolvimento das turmas enquanto grupo, os professores têm um papel essencial ensinando como os grupos crescem e aprendem e ajudando-os a trabalhar em grupo³⁷⁷.

A turma quatro do sexto ano de escolaridade do Agrupamento Dr. Francisco Sanches, na qual decorre a Prática do Ensino Supervisionada, é exemplo do referido anteriormente. O primeiro contacto, como é habitual, é feito através de informações, dados biográficos e

³⁷² Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 173.

³⁷³ Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 173.

³⁷⁴ *Ibidem*.

³⁷⁵ *Ibidem*, 109.

³⁷⁶ Citado por Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 109.

³⁷⁷ Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 130.

estatísticos do grupo. Esta metodologia, apesar de importante para a percepção das características gerais do grupo, não é essencial na medida em que a melhor caracterização é a realizada no contacto com a turma em contexto de sala de aula.

Como é habitual, a caracterização escolar e socioeconómica dos alunos que compõem a turma é, numa fase inicial, realizada a partir das informações e dados recolhidos a partir da consulta dos processos individuais dos alunos e do projeto curricular de turma, da recolha das informações que constam nas fichas biográficas preenchidas no início do ano letivo por cada aluno, e da informação de diversos professores e principalmente o diretor de turma, aquele que mantém um contacto mais constante e próximo com os pais e/ou encarregados de educação.

A turma quatro do sexto ano de escolaridade é composta por vinte e um alunos, catorze do género feminino e sete do masculino com idades compreendidas entre os dez e os doze anos, sendo que a média de idades da turma é de onze anos. Um dos alunos está referenciado como aluno com necessidades educativas especiais, e três, não estão inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Sete dos alunos, trinta e três por cento, beneficiam da Ação Social Escolar: quatro beneficiam do escalão A; dois do escalão B; e um do escalão C.

Apesar do contacto com a turma, em contexto de sala de aula, ter-se limitado a cinco aulas de quarenta e cinco minutos considero-o, numa globalidade, um grupo participativo, que cumpre as tarefas propostas, quer na sala de aula quer em casa, e que manifesta interesse nos conteúdos apresentados. A capacidade da turma para a participação e interação provoca, por vezes, alguma instabilidade na aula. No entanto, esta questão é facilmente resolvida após a chamada de atenção aos alunos. Este grupo tem a particularidade de manifestar motivação aquando da utilização de recursos vídeo promovendo, geralmente e de imediato, o debate e a troca de ideias.

Sobre a relação entre os elementos do grupo, de acordo com o que me foi possível verificar, é uma turma que manifesta espírito de cooperação e solidariedade sendo evidente a boa relação entre os seus elementos e destes com os professores.

2. A Unidade Letiva “O pão de cada dia”, do 6º ano de escolaridade

A planificação e tomada de decisão sobre a instrução constituem um dos aspetos essenciais do ensino, “porque determinam em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas”³⁷⁸. É multifacetada relacionando-se com três fases do ensino: a fase anterior à instrução, na tomada de decisões o conteúdo e a duração do que deve ser ensinado; a fase da instrução, em que se tomam decisões sobre as questões a colocar, o tempo de espera

³⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 67.

e as orientações específicas; e a fase posterior à instrução, na tomada de decisões relativas à avaliação dos progressos do aluno e o tipo de informação avaliativa a proporcionar³⁷⁹.

É segundo estas orientações que apresento, de seguida, toda a planificação da Unidade Letiva “O pão de cada dia” para a turma quatro do sexto ano de escolaridade, do Agrupamento Dr. Francisco Sanches, em Braga.

No primeiro momento, faço a apresentação detalhada da planificação e lecionação de toda a unidade letiva bem como as justificações metodológicas, seguida da descrição pormenorizada da planificação e execução da lecionação em cada uma das cinco aulas, baseada na planificação global, e da planificação esquemática de cada aula. Por fim, centrome na avaliação da instrução com vista à melhoria da planificação desta temática para um maior contributo ao enriquecimento da aprendizagem dos alunos e ao desenvolvimento da minha carreira docente.

2.1. A Conceção e conceptualização da unidade letiva

Iniciei a preparação da lecionação da Unidade Letiva quatro, do sexto ano de escolaridade, “O pão de cada dia”, com uma seleção dos conteúdos referentes a esta unidade letiva, baseando-me essencialmente no programa³⁸⁰ da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica³⁸¹. Depois de devidamente analisados, adaptei os referidos conteúdos à realidade escolar dos alunos que constituem a turma quatro do sexto ano e planifiquei-os para cinco aulas de quarenta e cinco minutos. Grande parte destes conteúdos encontra-se aprofundada, do ponto de vista teórico, nos anteriores capítulos deste relatório e concretizados na lecionação através de uma linguagem mais acessível à compreensão dos alunos. Procurei utilizar ainda uma considerável diversidade de recursos e metodologias pedagógico-didáticas com o intuito de proporcionar um maior enriquecimento ao processo ensino-aprendizagem.

Desde o final do ano de 2011, o documento *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*³⁸² deixou de ser o documento orientador do Ensino Básico em Portugal, revogado através do Despacho n.º17169/2011 de 23 de dezembro de 2011³⁸³, para

³⁷⁹ Cf. *Ibidem*.

³⁸⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

³⁸¹ “Esta tarefa não é fácil, pois há muito para ensinar sobre cada tópico e pouco tempo para o fazer (...) Como tal, a maior parte das escolas parte do princípio de que os professores principiantes não conseguem, por si só, tomar decisões sobre os conteúdos mais importantes, mas que podem ser conduzidos por manuais e guias curriculares. Assim, as decisões sobre os conteúdos são, regra geral, tomadas por professores experientes ou especialistas em currículo...”. Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 62-63.

³⁸² Consultado em <http://www.dgidec.min-educ.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2> no dia 30 de março de 2014.

³⁸³ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série – n.º245 – 23 de dezembro de 2011.

proceder-se à centralidade dos conhecimentos no processo ensino-aprendizagem em detrimento das competências essenciais. Desta forma, o desenvolvimento de cada disciplina curricular passa a ser “referenciado pelos objetivos curriculares e conteúdos de cada programa oficial e pelas metas de aprendizagem de cada disciplina”³⁸⁴ com o objetivo de dar maior destaque aos conhecimentos e capacidades a adquirir pelos alunos³⁸⁵. Este despacho revogou o Decreto-Lei 6/2011, de 18 de janeiro de 2001 que colocava no centro do processo de ensino-aprendizagem, como sua finalidade específica, o conjunto das competências a adquirir pelos alunos, através de um processo contínuo, marcado pelas experiências de aprendizagem orientadas para esse fim³⁸⁶. O documento que regulou o ensino básico durante cerca de dez anos, entre 2001 e 2011, é considerado pelo Despacho n.º17169/2011, de 23 de dezembro de 2011, como um documento que “menorizou o papel do conhecimento e da transmissão de conhecimentos, que é essencial a todo o ensino” e cujos objetivos propostos são “vastos e difíceis, quando não impossíveis de aferir”. Por isso, o documento em vigor aponta como solução a existência de um currículo que deverá “incidir sobre conteúdos temáticos, destacando o conhecimento essencial e a compreensão da realidade que permita aos alunos tomarem o seu lugar como membros instruídos da sociedade”³⁸⁷.

De acordo com estas orientações, a disciplina Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) já definiu as suas metas de aprendizagem; estas foram apresentadas aos diversos secretariados e professores do país pela Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), em julho de 2013. Posteriormente, e de acordo com as novas metas de aprendizagem, o SNEC elaborou e divulgou junto dos diversos secretariados e professores da disciplina, o novo programa³⁸⁸ de Educação Moral e Religiosa Católica que foi refletido no fórum de 2014, sob o tema *Metas Curriculares da Educação Moral e Religiosa Católica: Pressupostos, Estrutura, Desafios*³⁸⁹.

Neste contexto, optei por configurar a lecionação da unidade letiva “O pão de cada dia” de acordo com estas novas orientações estruturando as planificações de aula a partir das metas de

³⁸⁴ *Ibidem*.

³⁸⁵ Cf. IDEM, Despacho n.º5306/2012 de 2 de abril de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série – n.º77 – 18 de abril de 2012.

³⁸⁶ Cf. IDEM, Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro de 2001 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série-A – n.º15 – 18 de janeiro de 2001.

³⁸⁷ IDEM, Despacho n.º17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série – n.º245 – 23 de dezembro de 2011.

³⁸⁸ Este novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica na página oficial do Secretariado Diocesano de Educação Moral e Religiosa Católica da diocese do Porto, disponível em www.emrcporto.com/images/stories/programa_emrc/programaemrc-2014.pdf, no dia 1 de abril de 2014.

³⁸⁹ Este fórum decorreu no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, nos dias 25 e 26 de janeiro de 2014, contou com a presença de todos os secretariados diocesanos do país e centenas de professores de Educação Moral e Religiosa Católica.

aprendizagem, com os referentes domínios, dos objetivos a atingir e dos conteúdos a desenvolver conforme o novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

2.2. A Planificação

A esta luz, elaborei a planificação global da Unidade Letiva “o pão de cada dia” apoiando-me em dois grandes pilares, temas que serviram de base a toda a lecionação:

1. O pão (alimento) como elemento essencial à pessoa;
2. A partilha como responsabilidade do ser humano e solução para a erradicação da fome e da pobreza.

A partir destes dois grandes temas, nos quais assentou toda a planificação e concretização da lecionação desta unidade letiva, adequiei os conteúdos aos cinco tempos letivos de quarenta e cinco minutos que dispunha para o trabalho com a turma. Desta forma, tive de proceder a uma seleção rigorosa dos conteúdos a desenvolver que, de uma forma articulada, permitisse alcançar os objetivos propostos.

Optei por ordenar o esquema da planificação conforme a sequência acima enumerada porque considero essencial a compreensão inicial da importância do pão (alimentação), bem como a gravidade da falta dele, para daí partir para a interpretação da partilha como responsabilidade do ser humano e fundamental no combate aos problemas sociais nomeadamente a fome e a pobreza.

Numa primeira fase, e antes de iniciar a planificação, considerei dedicar as primeiras aulas ao significado simbólico-religioso do pão (alimento) na cultura judaico-cristã para um maior aprofundamento cultural e religioso do tema. No entanto, alterei essa minha intenção na medida em que desta forma a articulação dos conteúdos poderia tornar-se mais complexa e limitar a aquisição de conhecimentos a grande parte dos alunos. Por isso, decidi partir dos conteúdos que me pareciam mais acessíveis aos alunos nomeadamente a importância da alimentação para o ser humano a nível biológico, relacional e cultural. Dando seguimento à importância da alimentação, julguei importante a análise do 25º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que declara a alimentação como um direito da pessoa e a constatação da violação desse direito que vitimiza seres humanos em todo o mundo. A abordagem destes dois temas, ainda que opostos mas relacionados, permitiu-me fazer uma melhor ligação com o valor da solidariedade que, depois de compreendido o conceito, levava ao debate sobre a sua importância e mesmo necessidade. Dando sequência à importância da solidariedade, numa terceira aula, previ a abordagem do tema como responsabilidade, apontando a importância das instituições de solidariedade social, nomeadamente aquelas que se dedicam exclusivamente à erradicação da fome. O tema que ainda considerei para abertura

da unidade letiva - o significado simbólico-religioso do pão (alimento) na cultura judaico-cristã - surge planificado na quarta aula.

Depois de bem refletida a importância da alimentação e interagida, este tema permite debruçarmo-nos sobre a atualidade e novidade da Bíblia. Num primeiro momento, a constatação de que a alimentação não ganhou importância recentemente e, num segundo, a compreensão da novidade do acontecimento e mensagem da *Última Ceia* de Jesus com os seus discípulos, acontecimento central na vida dos cristãos através da Eucaristia. Por fim, na última aula e dando seguimento ao tema da Eucaristia, entendi relacionar a vida comunitária dos primeiros cristãos, alicerçada na partilha, com a necessidade dessa atitude na atualidade. A unidade letiva conclui, desta forma, com exemplos cristãos de partilha nomeadamente a Cáritas e a Madre Teresa de Calcutá. A minha escolha destes dois modelos cristãos de partilha deve-se ao facto de apresentar, por um lado, (a Caritas) uma instituição pertencente à Igreja Católica, presente em todo o mundo, e com uma campanha agendada para a semana da realização desta aula; e por outro, o exemplo singular de partilha na pessoa da Madre Teresa de Calcutá que através da sua vida mostrou como é possível ser-se «pão para os outros».

À medida que elaborava a planificação e reunia os recursos a utilizar na Unidade Letiva “O pão de cada dia”, não me limitando às úteis propostas do manual da disciplina³⁹⁰, decidi apostar em diversos recursos multimédia que na minha opinião beneficiam o processo de aprendizagem. O recurso às novas tecnologias pode ser uma mais-valia na medida em que proporciona diversas oportunidades tais como acesso à informação, armazenamento e processo em tempo real, independentemente do espaço e do tempo; a aprendizagem à distância; a interação do aluno com a informação, entre outros. As tecnologias podem, desta forma, criar novos cenários facilitadores à aprendizagem motivando professores e alunos e tornando a escola atrativa, atual e enquadrada nesta nova era da informação e da comunicação³⁹¹.

Assim, decidi criar uma plataforma na internet que me permitisse uma maior interação com os alunos. Recorri à página *wix*³⁹² para criar um sítio na internet com a possibilidade de partilhar os recursos apresentados em cada aula, tais como, planificações, fichas de trabalho, exercícios, diapositivos, vídeos, imagens, manuais escolares, livros diversos, etc. Além destas

³⁹⁰ Cf. Jorge Paulo PEREIRA (coord.), *Nós e o Mundo, Manual do Professor – EMRC, 6º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2011.

³⁹¹ Cf. Paula FLORES e Joaquim ESCOLA, “As novas tecnologias de informação e de comunicação no desenvolvimento da língua materna”, in *Actas do 7º Encontro Nacional (5º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Universidade do Minho, Braga, 2008, 2-13, consultado no site da Casa da Leitura – Fundação Calouste Gulbenkian, em 5 de maio de 2014. (http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_novas_tecnologias_informacao_comunicacao_c.pdf).

³⁹² Página de criação de sítios de internet gratuitos, disponível em www.wix.com.

utilidades, esta ferramenta serve ainda de repositório a outros recursos que, por escassez de tempo ou por menor relevância, não são apresentados na aula. Graças a esta plataforma, os alunos poderão aceder a uma série de recursos que considere serem importantes complementos às atividades realizadas na sala de aula. A disponibilização de um espaço de comunicação entre os alunos e o professor foi outro dos motivos que me levaram à criação desta ferramenta. Desta forma, os alunos têm a oportunidade de, fora da sala de aula³⁹³, apresentarem questões que considerem pertinentes, através de um espaço próprio que denominei: “Dúvidas?”. Por fim, e porque os pais e/ou encarregados de educação têm um papel preponderante na vida escolar dos alunos, esta página serve também para um acompanhamento mais pormenorizado das temáticas desenvolvidas nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica na turma dos seus filhos/educandos.

Comecei por elaborar esta página atribuindo-lhe uma configuração que se adequasse à temática. Por isso e em associação ao pão, comecei por escolher uma seara de trigo como imagem de fundo e intitulei a página de “O pão de cada dia – Unidade Letiva 4 do 6ºano de Educação Moral e Religiosa Católica”.



Figura 1 – Exemplo da página inicial da plataforma *online* criada para apoio à lecionação da unidade letiva.

³⁹³ As atividades complementares bem como a utilização desta plataforma são formas de conseguir tempo de aprendizagem prolongado. “Se os alunos praticam as suas competências em casa, ficará mais tempo disponível durante o dia para a instrução”. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 92.

A plataforma concebida cujo endereço é <http://albertopais.wix.com/opaodecadadia> está organizada da seguinte forma:

1 – “*Início*”³⁹⁴: Esta página contém a barra de menus que permite aceder às diversas secções da plataforma; as imagens de destaque da temática da aula lecionada; uma caixa alusiva a cada aula com uma hiperligação para a secção da respetiva temática; uma caixa de hiperligação para os recursos disponibilizados; uma caixa de hiperligação para a página *moodle* do agrupamento; uma caixa de hiperligação para diversas ligações úteis sobre a temática da unidade letiva; e por fim, os recursos que se destacaram na aula daquela semana.

2 – “*Sobre*”³⁹⁵: Este espaço contém um texto de apresentação a toda a plataforma.

3 – “*Aulas*”³⁹⁶: A página que contém as cinco aulas que irão ser lecionadas. Dentro de cada aula estão disponibilizados os recursos apresentados desde a planificação, os diapositivos, vídeos, fichas de trabalho, etc.

4 – “*Recursos*”³⁹⁶: Como o nome indica, este é o espaço onde estão guardados todos os recursos relacionados com a temática que considere importantes. Dentro dos recursos incluem-se a galeria de vídeos, a galeria de imagens; os *quiz*, os jogos, os manuais escolares e outros livros de interesse.

5 – “*Dúvidas?*”³⁹⁷: Nesta secção está disponibilizado um formulário que basta ser preenchido, caso algum aluno e/ou pai/encarregado de educação queira dissipar alguma dúvida ou simplesmente entrar em contacto com o professor.

6 – “*Ligações úteis*”³⁹⁸: Por fim, este espaço disponibiliza uma série de ligações que considere úteis, relacionadas com a temática e a disciplina e que através de um simples clique direciona para as páginas oficiais apresentadas. Aqui encontramos ligações a páginas de variadas áreas de interesse como Educação, Igreja, Instituições de Solidariedade Social, Comunicação Social, entre outras.

Idealizei esta plataforma com o intuito de enriquecer a processo ensino-aprendizagem na turma quatro do sexto ano de escolaridade. No entanto, reconheço que o facto de dispor apenas de cinco aulas de quarenta e cinco minutos com a turma pode tornar-se um obstáculo ao eficaz funcionamento da plataforma, na medida em que há pouco tempo para os alunos se adaptarem a este recurso e compreenderem as suas potencialidades. Mesmo com esta possibilidade e com as minhas limitações na área da informática, arrisquei na execução deste

³⁹⁴ Cf. Anexo 1 (Figura 1).

³⁹⁵ Cf. Anexo 1 (Figura 2).

³⁹⁶ Cf. Anexo 1 (Figura 3).

³⁹⁷ Cf. Anexo 1 (Figura 4).

³⁹⁸ Cf. Anexo 1 (Figura 5).

trabalho porque considero que, mesmo correndo o risco de ficar aquém das minhas expectativas, serve como base para uma futura aplicação na minha vida profissional.

A prática pedagógica da unidade letiva está agendada às terças-feiras, das 10h05m e as 10h50m entre os dias 18 de fevereiro de 2014 e 25 de março do mesmo ano³⁹⁹. A aula é precedida de um intervalo de quinze minutos o que poderá facilitar a preparação da mesma por parte do professor estagiário. Neste momento é importante a preparação e experimentação de todos os recursos informáticos para evitar qualquer imprevisto que possa prejudicar o bom funcionamento da aula. Apesar de a sala estar equipada com um computador e havendo a possibilidade de requisição à escola de um videoprojetor, decidi utilizar em todas as aulas um computador portátil e um vídeo projetor pessoais para evitar qualquer incompatibilidade de programas informáticos. Ainda relativamente ao período de intervalo antecedente à aula, tentarei que o mesmo não afete a concentração dos alunos.

O espaço afeta a atmosfera de aprendizagem das salas de aula, influencia o diálogo e a comunicação e tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos, por isso, é um recurso importante a ser gerido pelo professor⁴⁰⁰. Desta forma, tentarei dispor a sala de aula em filas e colunas, a formação mais tradicional⁴⁰¹, que na minha opinião e mediante as características da turma é a que se adequa melhor à sala onde irá decorrer a leção⁴⁰². Depois de visitar o espaço físico, a limitação para a projeção parece-me o maior obstáculo na medida em que a projeção frontal limita o movimento do professor na sala de aula e dificulta a visualização dos alunos que estão mais longe do quadro. Por isso, aponto como solução a projeção lateral que, apesar de não ser a mais cómoda, parece-me a mais eficaz.

Antes do início da apresentação da temática em cada aula, e depois de todos os presentes estarem devidamente instalados, convidarei um dos alunos a escrever o sumário no quadro, partindo da planificação que lhe fornecerei, para que todos possam passá-lo nos cadernos. Durante este momento, e após escrever o sumário da turma no livro de ponto, estarei atento às possíveis interpelações dos alunos e à correta conclusão da atividade por parte dos mesmos. Caso não seja necessária a alteração desta metodologia, irei adaptá-la em todas as aulas da unidade letiva com a participação dos alunos por ordem numérica⁴⁰³ como tem sido feita desde o início do ano letivo pela professora titular da turma.

³⁹⁹ No dia 4 de março de 2014, a aula não será lecionada por motivo da interrupção letiva do Carnaval.

⁴⁰⁰ Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 93-96.

⁴⁰¹ “Esta formação é a mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direção ...”. Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 94.

⁴⁰² Cf. Anexo 2 (Figura 1).

⁴⁰³ Considero esta metodologia apropriada na medida em que motiva a participação ativa de todos os alunos na aula estabelecendo uma sentido de organização e possibilita o desenvolvimento da expressão escrita.

De seguida, passo a apresentar a descrição pormenorizada da planificação e execução da lecionação em cada uma das cinco aulas lecionadas a partir da planificação global anteriormente referida.

2.2.1. Aula n.º 1 – A importância da alimentação

A primeira aula da Unidade Letiva: “o pão de cada dia” tem uma função introdutória à temática proposta. Por isso, decidi partir de situações concretas da realidade quotidiana dos alunos para centrar a aula na importância da alimentação nas diversas dimensões da pessoa. Assim, será indispensável uma constante interação entre os agentes envolvidos na aula. Por isso, tentarei proporcionar uma participação ativa dos alunos tentando fazer a melhor relação possível entre os conteúdos planificados e as problemáticas colocadas pelos intervenientes.

Depois de passado o sumário para o caderno diário com o seguinte texto: “Introdução à Unidade Letiva «O pão de cada dia». A importância da alimentação na saúde, relação e identidade cultural da pessoa”, de acordo com a metodologia referida anteriormente, inicio com a apresentação (minha e dos alunos) e com a exposição da aula através de uma breve apresentação global de toda a unidade letiva. De seguida, e acompanhada da devida explicação, procederei à recolha dos endereços eletrónicos dos alunos para enviar diversas atividades complementares e o *link* da plataforma⁴⁰⁴, que criei na internet, que servirá de interação com os alunos e encarregados de educação e de repositório dos materiais utilizados e apresentados em todas as aulas.

Finalmente, recorrendo à projeção multimédia de diapositivos (programa PowerPoint) e sempre com a participação ativa dos alunos, apresento a importância da alimentação/refeição como elemento indispensável às dimensões biológica e social da pessoa. No primeiro momento, é exposta a importância da refeição para a sobrevivência e saúde da pessoa, com o destaque para a necessidade da prática de uma alimentação equilibrada. Esta exposição será feita conforme a reação dos alunos aquando questionados sobre a importância da alimentação e as razões pelas quais devemos ter uma alimentação regrada, temática relacionada com a disciplina de oferta complementar do Agrupamento, denominada *Saúde, Ambiente e Empreendedorismo (SAE)*⁴⁰⁵, facto que pode enriquecer o processo ensino-aprendizagem. A alimentação é apresentada, num segundo momento, como fundamental para a dimensão social da pessoa na medida em que a refeição é associada à festa e à experiência de encontro, momentos essenciais na vida dos seres humanos. Aí, os alunos serão convidados a

⁴⁰⁴ <http://albertopais.wix.com/opaodecadadia>.

⁴⁰⁵ Documento relativo a este projeto do Agrupamento disponível no Dossier da Prática do Ensino Supervisionada (PES).

distinguirem a diferença entre «sobreviver» e «conviver». Por fim, a exposição da aula será direcionada para o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural. Será feita uma breve exposição sobre a evolução da confecção dos alimentos de acordo com cada cultura e localização geográfica, a diversidade de tipos de alimentação relacionada com a diversidade de culturas e a importância da gastronomia na identidade cultural da pessoa.

Os conteúdos apresentados e planificados para esta primeira aula, inseridos no domínio da ética e moral, têm como meta de aprendizagem o amadurecimento da responsabilidade do aluno perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Têm ainda como objetivo a atingir, a descoberta da dimensão simbólica da refeição através da compreensão da alimentação como um bem fundamental do ser humano para a sua subsistência e desenvolvimento biológico; a compreensão da alimentação como espaço de convívio e encontro entre as pessoas; e o reconhecimento da alimentação como elemento importante na expressão cultural.

A partir da distinção entre animais/pessoas e sobrevivência/convivência, pretendo destacar a centralidade da refeição nas relações interpessoais e expor diversos momentos do quotidiano em que os seres humanos se reúnem em torno da refeição.

Após a entrega de uma ficha de trabalho⁴⁰⁶, pretendo solicitar aos alunos a realização da questão número um, na qual terão de escrever três momentos do ano em que se reúnem, em refeição, com as pessoas mais próximas. Durante o momento da realização do trabalho pedido, irei estar atento à realização das tarefas e manifestar aos alunos a disponibilidade para dissipar as dúvidas existentes. Após a conclusão da tarefa e pedindo aos discentes que respondam com a colocação do braço levantado⁴⁰⁷, farei a seguinte questão: “quantas pessoas escreveram o Natal?”. Depois de analisadas as respostas, apresentarei o diapositivo com a palavra «Natal». Utilizarei igualmente a mesma metodologia com as palavras «Páscoa» e «Aniversário», deixando para o final as respostas de outros acontecimentos. Com este exercício, pretendo fazer a relação das experiências do quotidiano dos alunos com a importância da alimentação/refeição na identidade cultural da pessoa. Através deste recurso pretendo levar os alunos a refletir sobre a razão que me levou a ter já uma resposta predefinida, coincidente com a maioria das respostas. Esta metodologia permite-me fazer a interligação entre a alimentação, relações interpessoais e cultura. Penso que esta atividade é facilitadora à compreensão, por parte dos alunos, de realidades culturais totalmente distintas. Caso as questões fossem colocadas a alunos de outros pontos do planeta, a maioria das

⁴⁰⁶ Cf. Anexo 3.

⁴⁰⁷ Esta metodologia de participação dos alunos é aquela que mais se adequa à disposição da sala de aula utilizada. Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 95.

respostas seriam totalmente diferentes das apresentadas nesta aula, no entanto, semelhantes entre as crianças que compunham aquele determinado grupo/turma.

Depois da exposição sobre a evolução da confecção de alimentos e da sua relação com uma determinada localização geográfica, abordarei ainda a interdição de consumo de determinados alimentos, que varia de culturas diferentes, e abrirei espaço para que os alunos acrescentem outros exemplos.

Já na parte final da aula, planeei a realização das questões número dois e três da ficha de trabalho, entregue anteriormente. Na segunda questão, os alunos deverão descobrir, na *sopa de letras*, cinco palavras relacionadas com a importância da alimentação (cultura, nutrição, encontro, relação, confraternização e sobrevivência). Na terceira questão, proponho o preenchimento de uma tabela, relacionando o prato típico apresentado com o respetivo país e/ou vice-versa (pizza/Itália; paella/Espanha; hambúrguer com batatas fritas/Estados Unidos da América; cozido à portuguesa/Portugal; feijoada/Brasil; kebab/Turquia).

Após a conclusão das tarefas propostas, darei início à correção da ficha (questões dois e três). Pedirei aos alunos, aleatoriamente, as respostas às questões, acompanhando-as com a projeção das respostas corretas.

A última atividade, logo de seguida à correção da ficha de trabalho, será realizada através de um jogo de memorização e reconhecimento dos pratos típicos relacionando-os com as bandeiras dos respetivos países⁴⁰⁸. Depois de algum tempo para memorizar as imagens, as mesmas serão automaticamente tapadas e os alunos, pela ordem de disposição na sala, fazem a tentativa de associar o prato típico com a bandeira do país correspondente. Para conseguir chegar ao final do jogo com sucesso, a turma não pode obter mais de dez respostas erradas. Considerarei inserir esta atividade no final da aula com o objetivo de servir de motivação aos alunos para o interesse pela temática e como forma de decompressão depois da assimilação dos conteúdos planificados para esta primeira aula.

Por fim, é pertinente lembrar aos alunos a visita à plataforma da internet sobre a aula e o preenchimento de um exercício (*quiz*)⁴⁰⁹ de nove questões relativas ao tema abordado, disponível na referida página e enviado também por correio eletrónico.

2.2.2. Aula n.º2 – O direito à alimentação e a importância da solidariedade.

Após a planificação da primeira aula, e já interiorizada a importância da alimentação para o ser humano, considerarei conveniente destacar o direito da pessoa à alimentação e a

⁴⁰⁸ Recurso disponível em <http://albertopais.wix.com/opaodecadadia#!sobre-1/c148w> página de internet criada exclusivamente para a lecionação da Unidade Letiva “O pão de cada dia” à turma quatro do sexto ano.

⁴⁰⁹ Cf. Anexo 4.

importância da solidariedade no combate às injustiças sociais, nomeadamente à fome e à pobreza.

A planificação desta segunda aula tem como metas de aprendizagem o amadurecimento do aluno perante a pessoa, a comunidade e o mundo, tal como na primeira aula, e a promoção do bem comum e o cuidado do outro.

Os conteúdos foram organizados a partir de temas base: a alimentação como direito de todas as pessoas resultante do direito à vida; a fome como resultado do desequilíbrio na distribuição de bens; e a solidariedade como valor que prime pelo respeito da dignidade dos seres humanos e pela justiça social.

A planificação e a posterior execução destes conteúdos têm como objetivos o reconhecimento de situações sociais nas quais esteja patente a injustiça na distribuição de bens, através da compreensão da alimentação como um direito primordial de todas as pessoas, do reconhecimento do valor primordial da dignidade da vida humana, da compreensão de que a fome provoca a morte, e o conhecimento a dimensão real da subnutrição e da fome no mundo; e o reconhecimento do valor da solidariedade através da organização de um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social, e na necessidade de cooperação com vista à resolução de problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência.

Conforme referido anteriormente, o início de cada aula até à conclusão da transcrição do sumário, foi planificado de forma semelhante para todas. Assim, e depois de os alunos escreverem no quadro e nos cadernos pessoais o sumário, “O direito à alimentação. A importância da solidariedade na luta contra a fome e a pobreza”, procede-se a uma breve revisão dos conteúdos desenvolvidos na aula anterior, que servirá de contextualização e ponto de partida para a temática sumariada. Na minha opinião, esta metodologia é a mais adequada para uma maior articulação e melhor compreensão dos conteúdos. Considero-a essencial principalmente em Educação Moral e Religiosa Católica, disciplina que ocupa apenas um tempo semanal, de quarenta e cinco minutos. O período entre as aulas, que é no mínimo de uma semana, torna-se um dos obstáculos à aprendizagem dos alunos o que motiva a valorização deste momento.

A partir do reconhecimento da importância da alimentação para o ser humano inicio com uma apresentação expositiva, com recurso à projeção de diapositivos, da alimentação como um direito de todos os seres humanos associado ao direito das pessoas à vida. Assim, pretendo proporcionar uma participação ativa dos alunos que lhes permita concluir que ninguém tem o direito de limitar a alimentação a qualquer ser humano. Apesar da existência de recursos alimentares suficientes no planeta para a alimentação de todas as pessoas

continuam a existir graves problemas de restrição de acesso de alimentação, fome e subnutrição.

Em relação com a Unidade Letiva 1: “A Pessoa” do sexto ano de escolaridade, já lecionada, planeei uma atividade sobre a dignidade humana a qual denominei de “o valor da nota”. Neste momento irei mostrar uma nota de cinco euros aos alunos interrogando-os: - “quanto vale esta nota?”. Depois da resposta, dobrarei a nota e volto a fazer a mesma questão que será repetida de cada vez em que dobro a nota. De seguida, aperto a nota e deixando-a cair volto a fazer a mesma questão. À resposta óbvia de que a nota vale cinco euros independentemente do seu estado e tratamento irei associar esta atividade à dignidade da pessoa. A pessoa tem valor incondicional independentemente da sua condição social, das suas ações ou da forma como vive e, por isso, deve ser respeitada. A utilização desta metodologia tem como objetivo despertar o interesse e atenção dos alunos e servir de relação entre um objeto/situação do quotidiano e a temática explanada.

A partir desta atividade e para um maior aprofundamento da temática da alimentação como um direito de todas as pessoas, julguei conveniente fazer a apresentação de um excerto do artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, lido em uníssono e refletido em conjunto.

Para consciencializar e alertar os alunos para a situação real da injustiça na distribuição de bens de primeira necessidade existente em todo o mundo, decidi fazer uma breve projeção de diapositivos sobre a temática, com recurso à apresentação de alguns números preocupantes relativos à percentagem de pessoas que sofrem com diversas problemáticas relativas a escassez e/ou insuficiência de alimentação. Ainda neste contexto, apresentarei exemplos de alguns desequilíbrios sociais.

Apesar da apresentação destes números globais, focamo-nos na questão: “estes números são importantes?”. Após as respostas dos alunos, e de certa forma desvalorizando os números, reflete-se sobre a gravidade da existência de um ser humano com fome. Pego em diversas canetas para explicar que o ser humano não pode nem deve ser reduzido a meros números como qualquer objeto mas cada pessoa é única e dotada de dignidade. Por isso, a grande preocupação reside na existência de um único ser humano a passar fome. Neste contexto, continuo a procurar apresentar fundamentos que ajudem a motivar os alunos para problemáticas associadas com a escassez de alimentos motivadas por causas naturais e de responsabilidade humana.

Depois de apresentados e debatidos os dois grandes temas escolhidos para esta aula, o direito à alimentação e as problemáticas que originam as injustiças sociais, pretendo relaciona-los com a solidariedade como solução e contributo para uma sociedade mais justa.

Assim, e depois de questionados os alunos sobre o que entendem por solidariedade, é essencial fazer uma breve apresentação do conceito, sublinhando-a como união sólida de esforços na ajuda aos outros.

Com o objetivo de dar destaque ao valor da solidariedade e ao lugar que deve ocupar na vida de cada ser humano, decidi recorrer a uma atividade que denominei de “o frasco com espaço”. Para tal, utilizo um frasco, algumas bolas de ping-pong, feijões e grãos de trigo, estes dois últimos elementos foram escolhidos pela sua relação com a alimentação e, no último caso, com o pão. Pretendo chamar um aluno e uma aluna para me ajudarem na exposição da atividade. Enquanto um dos alunos segura no frasco, peço ao outro para introduzir as diversas bolas de ping-pong no interior do recipiente enquanto questiono a turma: “ainda há espaço no interior do frasco?”. Após as diversas respostas, convido um dos alunos a introduzir os feijões, fazendo a mesma questão, e por fim colocarei os grãos de trigo dentro do frasco. Desta forma, os alunos poderão constatar que houve espaço suficiente no interior do frasco para inserir os diversos elementos. Aliás, ainda ficará espaço suficiente para inserir qualquer outro elemento, um líquido, por exemplo. Neste momento, peço aos alunos que façam novamente a experiência mas com a inserção dos elementos em sentido oposto, ou seja, os grãos de trigo, os feijões e, no final, as bolas de ping-pong. Quando os alunos estiverem a inserir as bolas no interior do frasco constatarão que, por esta ordem, não há espaço dentro do frasco para todos os elementos. De seguida, e confrontando com a temática da aula e com exemplos concretos do nosso quotidiano, peço aos alunos para imaginarem que o frasco é a vida de cada pessoa; as bolas são os valores essenciais da pessoa onde se inclui a solidariedade; o feijão seria tudo aquilo que também é muito importante no nosso dia-a-dia, como estudar, brincar, ler, dançar, etc.; e, por fim, os grãos de trigo são os nossos bens materiais. Apesar de frisar que tudo é importante para a vida do ser humano, sublinho a necessidade das pessoas em definirem as suas prioridades. Os valores e os bens materiais não são incompatíveis desde que as prioridades estejam devidamente ordenadas. Caso contrário, acontecerá como na atividade, algo de muito importante ficará “fora do frasco”.

Com esta metodologia pretendo fazer uma reflexão profunda dos valores, especialmente da solidariedade através da interação entre os alunos. Espero ainda que esta atividade seja motivadora e contribua para a concentração e atenção dos alunos.

Já na parte final da aula, é apresentado e posteriormente debatido um vídeo sobre a solidariedade. A escolha deste recurso enriquece a reflexão sobre o tema e serve de relação com a próxima aula.

Decidi ainda, entregar aos alunos uma ficha de trabalho⁴¹⁰ sobre a temática abordada, como trabalho complementar, a realizar em casa. Na primeira questão, os alunos deverão indicar três causas que originam a fome; na segunda, devem escrever o nome do documento, elaborado pela Organização das Nações Unidas, que declara o direito das pessoas à alimentação; e na última e terceira questão, deverão preencher o crucigrama relativo à temática apresentada. Considerarei importante a entrega da ficha de trabalho, como atividade complementar, para um maior aprofundamento dos conteúdos expostos e a sua correção servirá como revisão do lecionado durante esta aula.

2.2.3. Aula n.º3 – A solidariedade como responsabilidade da pessoa

Na terceira aula desta unidade letiva, o objetivo central é a compreensão da solidariedade como responsabilidade humana e meio para o contributo à felicidade humana.

Após a elaboração do sumário: “A solidariedade como responsabilidade e meio para a felicidade da pessoa. A FAO e o Banco Alimentar Contra a Fome.”, a correção da ficha de trabalho, entregue na aula anterior como atividade complementar a realizar em casa, serve de momento de revisão, contextualização e ponto de partida para a temática a lecionar.

Depois da correção da referida ficha de trabalho e de uma breve referência à plataforma da internet de apoio à unidade letiva, entrego aos alunos a grelha de observação⁴¹¹ do filme “Doar é a melhor comunicação” que será visualizado e analisado logo de seguida. Com esta grelha, pretendo promover a atenção e interação de todos os alunos que terão a oportunidade de proceder ao preenchimento da tabela ao longo da visualização do filme. Em cada uma das quatro colunas que formam a grelha, os alunos devem apontar: o interveniente, ou personagem, que se destaca no filme pela positiva; o interveniente que se destacou pela negativa; a expressão ou imagem do filme mais marcante; e, por fim, a principal mensagem do filme (em jeito de título). Decidi ainda enumerar na ficha de trabalho os nomes das principais personagens do filme para facilitar o preenchimento da mesma.

Após a entrega da tabela e a explicação da atividade aos alunos, inicio a apresentação e projeção do referido vídeo, recorrendo ao programa *media player*. A escolha neste recurso deve-se essencialmente ao facto de ter um importante potencial de adequação às temáticas da segunda e terceira aulas; destaca-se a história que, além do excelente enredo, permite ser aprofundada tendo a solidariedade como chave hermenêutica.

Imediatamente a seguir à conclusão do filme e do preenchimento da tabela procede-se à entrega de pequenos autocolantes aos alunos para, de seguida, iniciarmos a correção da grelha

⁴¹⁰ Cf. Anexo 5.

⁴¹¹ Cf. Anexo 6.

de visualização do filme, através de uma atividade que denominei de *tabela m&m's*. Para isso, irei entregar a cada aluno um chocolate *m&m's* e, de forma aleatória, cada cor de chocolate corresponde à resposta de uma questão da tabela. A cor verde corresponde à questão relativa ao interveniente que se destacou pela positiva; a cor vermelha à que se destacou pela negativa; a castanha corresponde à expressão mais marcante; a amarela à mensagem do filme; e, por fim, os alunos a quem saírem os chocolates de outras cores podem relatar uma situação do quotidiano recente na qual se tivessem deparado com uma ação solidária. De uma forma ordenada e conforme a distribuição das cores, os alunos responderão individualmente e em voz alta à devida questão. Com esta metodologia, pretendo entusiasmar os alunos para participarem na aula de uma forma ordenada e com oportunidade de todos, sem exceção, darem a sua resposta. Na sequência, os alunos têm a oportunidade de explanarem e aprofundarem o seu ponto de vista sobre o filme e a temática da solidariedade. Já no final da atividade, passo uma cartolina com a grelha apresentada para que cada aluno possa colar o autocolante com a resposta no seu respetivo lugar, de acordo com a resposta anteriormente apresentada. Desta forma simples e prática, é possível elaborar, em pouco tempo, uma tabela global da turma como resultado da reflexão na aula sobre a temática.

Depois de aprofundada a temática da solidariedade como ação de responsabilidade da pessoa na sua relação com os outros, julguei importante apresentar a preponderância das instituições de solidariedade na sociedade. Nesta aula limito-me a apresentar apenas dois exemplos de instituições cujo objetivo é a erradicação da fome. Para tal, decidi fazer uma projeção de diapositivos PowerPoint sobre a FAO (Organização para a Alimentação e Agricultura) e o Banco Alimentar Contra a Fome. A minha escolha recaiu sobre estas duas instituições por se identificarem com o objetivo geral de combate à fome, embora através de ações diferentes. Considero essencial a apresentação aos alunos de diversas formas de ação para conseguir o mesmo objetivo. Inicialmente, pensei ainda, apresentar também o exemplo de instituições no combate à pobreza. No entanto, posteriormente, julguei conveniente deixar esses exemplos para uma das próximas duas aulas, associando-as aos exemplos cristãos de partilha. Caso contrário, a aula poderia tornar-se monótona e contraproducente tornando-a muito expositiva, desviando-se do tema central para se fixar na mera apresentação institucional.

No decorrer da apresentação destas duas instituições, pretende-se promover o debate de ideias com a participação ativa dos alunos que permitam a criação de um espaço de sensibilização para a necessidade da solidariedade.

Reservo o momento final da aula para a realização de uma ficha de trabalho⁴¹² com três questões: a opinião pessoal sobre a solidariedade; a enumeração de uma organização ou instituição de solidariedade social que se destaque no combate à fome; e um crucigrama sobre a temática lecionada. A realização desta atividade em sala de aula está dependente do tempo disponível já que a intervenção e interação dos alunos irá influenciar o decurso da aula. Em caso de escassez de tempo para a concretização da atividade na aula, será proposta como trabalho complementar, a realizar em casa.

Os conteúdos anteriormente apresentados - solidariedade como responsabilidade da pessoa, as instituições de solidariedade na luta contra a fome (FAO e Banco Alimentar) - têm como principais objetivos o reconhecimento do valor da solidariedade baseando a relação com os outros em princípios de solidariedade e cooperação; e a identificação de instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome conhecendo a importância do seu papel em diversos contextos sociais. A promoção do bem comum e o cuidado com o outro e o amadurecimento da responsabilidade perante o outro, a comunidade e o mundo, pertencentes aos domínios da ética e da moral, continuam a constituir as metas de aprendizagem dos conteúdos anteriormente propostos.

2.2.4. Aula nº 4 – O significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã.

Planifiquei esta quarta aula da leção da Unidade Letiva “O pão de cada dia” com aquele que, como referi anteriormente, ponderei para tema inicial. No entanto, e explicados os motivos que me levaram a proceder a tal alteração, a temática do significado simbólico-religioso do Pão (alimento) na cultura judaico-cristã surge após um amadurecimento da temática da alimentação como vital no quotidiano do ser humano, as problemáticas inerentes à sua escassez e a necessidade de uma postura responsável das pessoas face à distribuição dos bens alimentares. Considero que, após percorrido um caminho acessível e ascensional, os alunos encontram-se agora mais preparados para a interpretação da temática apresentada.

Esta é também uma aula em que se alteram as metas de aprendizagem com a passagem dos domínios da ética e moral para a cultura cristã e visão cristã da vida. Desta forma, o conhecimento da mensagem e cultura bíblicas e a descoberta da simbólica cristã constituem as metas de aprendizagem a atingir com a leção desta aula. Neste contexto, um dos objetivos propostos para esta aula é o desenvolvimento da competência de interpretação de textos bíblicos, que versam sobre a partilha dos bens na sociedade; pretende-se trabalhar no sentido do reconhecimento da importância da linguagem simbólica no aprofundamento de diversas temáticas; a compreensão do significado simbólico-religioso da alimentação na

⁴¹² Cf. Anexo 7.

cultura judaico-cristã; a compreensão do significado bíblico de diversos alimentos, nomeadamente, do pão, vinho, cordeiro, azeite; e o reconhecimento da importância do pão na cultura judaico-cristã. O reconhecimento da Última Ceia como acontecimento essencial para a mensagem cristã e a importância da Eucaristia para os cristãos bem como a tomada de consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si, constituem outros dos objetivos a atingir através da concretização desta aula.

A aula inicia da mesma forma das anteriores com chamada de um dos alunos ao quadro onde irá escrever o sumário, “o significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã”, e copiado por cada aluno para o seu caderno.

Depois de verificar se todos os alunos terminaram esta breve e habitual tarefa, inicio com a recapitulação das ideias essenciais da aula anterior. Para tal, utilizo a correção da ficha de trabalho iniciada anteriormente para fazer a relação com os conteúdos revistos.

Para dar início à temática já apresentada, e dada a complexidade da mesma para a faixa etária dos alunos, considero essencial fazer uma explicação sobre o significado e importância do símbolo e da linguagem simbólica na cultura bíblica. Assim, apoiado com a projeção de diapositivos em PowerPoint e de objetos e situações do quotidiano, apresento o símbolo como mediação entre duas realidades, uma visível e outra invisível. Com a perceção do conceito e função do símbolo é, na minha opinião, mais fácil passar a apresentar a linguagem simbólica como enriquecimento dos textos, nomeadamente os bíblicos.

Apreendida a importância da linguagem simbólica para uma melhor interpretação da cultura judaico-cristã, continuo com a apresentação da temática concretamente do significado de diversos alimentos ou elementos a eles relacionados que se destacam na simbologia bíblica. Para tal, é necessária uma exposição do significado simbólico-religioso do alimento e da refeição na cultura bíblica numa interação constante com os alunos.

Inicio com o significado bíblico do alimento que, sendo essencial à vida é uma dádiva de Deus e a sua abundância é considerada uma bênção divina. Desta forma, apresento a refeição na cultura judaico-cristã como um momento de encontro e de festa entre os seres humanos e entre estes e Deus.

Na continuidade da apresentação da temática, pretendo incentivar a participação dos alunos questionando-os das principais funcionalidades do azeite. Partindo das respostas e de situações concretas do quotidiano sobre a utilidade do azeite e da sua função também em outros tempos para a iluminação e unção dos reis e profetas faço a relação com o seu significado, o do fortalecimento. Por fim, questiono os alunos sobre o nome da árvore que dá origem a este alimento.

A oliveira, planta que produz a azeitona, fruto do qual é extraído o azeite é apresentado também como um símbolo muito importante. Aqui, penso que depois de relacionado com outros conteúdos do programa de quinto ano de escolaridade nomeadamente com o relato bíblico “O dilúvio e a arca de Noé”, os alunos são capazes de chegar à conclusão que esta é a árvore, símbolo da paz.

Neste momento, pretendo entregar a cada aluno um pequeno ramo de oliveira para proporcionar um contacto palpável com a realidade debatida.

O vinho, outro dos elementos associados à alimentação riquíssimos na simbologia bíblica, é também apresentado partindo das realidades concretas dos alunos. Assim, o efeito que esta bebida quando consumida em demasia cria nas pessoas é elo de ligação com o significado bíblico da alegria. E a videira, planta sagrada para os povos do Médio Oriente, apresentada como a vinda do Reino de Deus. De seguida irei distribuir pequenos ramos de videira pelos alunos para uma melhor compreensão da realidade apresentada.

O cordeiro é o animal apresentado como o alimento pascal associado a Jesus Cristo bem como ao seu sofrimento e morte. A imagem deste animal está relacionada com a humildade e com o povo hebreu que, enquanto nómada, oferecia a Deus o melhor cordeiro do rebanho. Por seu lado, os judeus agricultores apresentavam o seu melhor produto alimentar, o pão.

Pretendo destacar a apresentação do significado do pão na simbologia bíblica, não só pelo facto do pão simbolizar todo o alimento e essencial, mas pela sua importância para a compreensão da temática seguinte.

O pão é, desta forma, relacionado com o alimento essencial (*léhem*), com a oferta no Templo e como elemento central no Novo Testamento, quer através da multiplicação dos pães, do Pai-Nosso e do acontecimento da Última Ceia. Para uma eficaz percepção da temática será importante conceber uma correta articulação entre estes acontecimentos bíblicos. Começo por apresentar o pão como alimento essencial tal como a sua importância na oferta a Deus, assuntos já explanados anteriormente. Deste modo, os alunos são capazes de perceber a importância do pão na cultura e religião judaica, a sua amplitude nos gestos de Jesus Cristo e a relevância assumida no Cristianismo. A partir da centralidade do pão na cultura judaica, torna-se mais fácil compreender a razão do destaque dado ao pão por Jesus Cristo, inserido nessa mesma cultura.

Continuando com a apresentação da temática, destaco ainda o significado do pão ázimo, ou pão sem fermento. Depois de compreendida a importância do pão para os judeus, os alunos terão maior facilidade de apreender a razão da utilização do pão sem fermento na cultura judaica. No entanto, antes de mais, será necessário explicar o que é fermento e o qual a sua função na confeção do pão. Pretendo fazer uma reflexão lógica com a interação dos alunos,

pois se o fermento é resto do pão anterior e se os judeus ofereciam o seu melhor alimento a Deus, então, espero que conclua os alunos, o pão oferecido no Templo não pode ter de ser puro, sem corrupção. Nesta linha, cabe-me, fazer posteriormente (aquando da temática da Eucaristia), a relação com o pão eucarístico dos cristãos.

Como já referi, além da importância da apresentação dos conteúdos a partir de situações concretas da vida dos alunos é, de igual modo, importante que eles experimentem, através dos sentidos, objetos relacionados. Por isso, irei apresentar-lhes diversos pães com fermento e sem fermento para que desta forma vejam as diferenças existentes. Farei passar estes pães por todos os alunos e estarei atento às conclusões resultantes da atividade.

Enquanto nos aproximamos do final da aula, entrego aos alunos uma ficha⁴¹³ com o texto bíblico “A Última Ceia” (Mc 14,12-25) que será também projetado em PowerPoint. No entanto, e para uma maior dinâmica da atividade, irei propor a leitura a três alunos distribuindo os papéis de narrador, Jesus Cristo e discípulos. Para facilitar a leitura, o texto entregue aos leitores estará sublinhado de acordo com o que será lido por cada um. No final da leitura, promovo mais uma vez a reflexão do texto baseando-me essencialmente na importância dada por Jesus Cristo à refeição aquando da sua última ceia com os seus amigos, o principal mandamento deixado por Jesus Cristo (fazendo a referência à narrativa dos outros evangelhos), à fração do pão e instituição da Eucaristia e ao gesto de Jesus Cristo que lava os pés aos seus discípulos.

Na planificação desta aula, face à importância que atribuo à participação ativa dos alunos e à quantidade de conteúdos e recursos utilizados, prevejo que o tempo de quarenta e cinco minutos pode ser escasso para a concretização do planificado. No entanto, e como a planificação deve ser flexível, privilegio a interação dentro da sala de aula. Caso não consiga cumprir o planificado durante esta aula, iniciarei a próxima com esta temática até porque de qualquer forma terá de ser sempre feita uma abordagem, principalmente à Última Ceia, para uma melhor articulação de conteúdos.

2.2.5. Aula n.º5 – A partilha e a importância do voluntariado

A última aula desta unidade letiva centra-se na partilha, fundamentada com exemplos de cristãos de ser “pão para os outros” e na importância do voluntariado meio para a realização pessoal.

Como referi anteriormente, o início desta aula está dependente da concretização da anterior. Como salientei, a quantidade de conteúdos e atividades associados ao espaço dado para intervenção dos alunos poderá condicionar a concretização da aula. No entanto, e como

⁴¹³ Cf. Anexo 8.

os conteúdos estão relacionados, o início desta aula serve como revisão dos conteúdos anteriores, concretamente da última parte.

Depois de solicitar aos alunos a transcrição do sumário para o caderno: "A partilha e a importância do voluntariado. Exemplos cristãos de «ser pão para os outros»", início a revisão dos conteúdos centrando-me na temática da Última Ceia. Projetando novamente o texto bíblico Mc 14,12-25, apresento o mandamento do amor anunciado por Jesus Cristo e concretizado na Sua entrega à morte; o alimento como presença real de Jesus Cristo entre os discípulos relacionando o pão com o Seu corpo e o vinho com o Seu sangue (a Eucaristia); o gesto de Jesus de lavar os pés aos discípulos durante a ceia revelando a amplitude do amor de Deus e como exemplo de vida dos seus seguidores.

Depois de explanada esta temática através da projeção em diapositivos PowerPoint e da interação com os alunos, apresento a partilha como pilar relacional das comunidades dos primeiros cristãos. As comunidades neotestamentárias reuniam-se em torno do partir o pão, da doutrina, da oração, e da comunhão e partilha de tal forma que, em caso de necessidade, os membros da comunidade vendiam os bens para ajudar um necessitado. Apresentando a vida dos primeiros cristãos, muitos deles perseguidos pelas forças do Império Romano, como exemplo de vida segundo o mandamento do amor deixado por Jesus Cristo, penso conseguir relacionar os conteúdos de forma a tornarem-se mais compreensíveis aos alunos. Pretendo que, desta forma, os alunos compreendam a diferença entre "dar" e "dar-se" e compreendam o significado de "ser pão para os outros".

Considero que, compreendida a mensagem cristã do serviço, os alunos estão capazes de entender o voluntariado como um caminho para a realização pessoal. Por isso, decidi primeiro fazer a projeção da apresentação do conceito de voluntariado e, depois, as diversas áreas em que se pode fazer o trabalho de voluntariado. A relação desta temática com o projeto de voluntariado a decorrer na escola, com a participação dos alunos de sexto ano, pode enriquecer a compreensão do conceito de voluntário e a interiorização da sua importância⁴¹⁴.

Para criar uma maior relação entre o voluntariado e a solidariedade e para uma maior sensibilização dos alunos à partilha, decidi entregar uma vela⁴¹⁵ a cada presente. Depois de acender uma das velas, peço para que cada aluno partilhe a chama até conseguirmos ter todas as velas acesas. A partir daqui, pretendo associar este gesto à partilha e ao voluntariado mostrando que, tal como a chama que acende uma vela não se perde pelo facto de lhe dar luz, também o ser humano nada dando-se aos outros, ser "pão para os outros". Neste momento,

⁴¹⁴ Documento relativo a este projeto de voluntariado disponível no Dossier da PES.

⁴¹⁵ Optei por entregar a cada aluno uma vela da Caritas cuja inscrição é "Um gesto pela paz" com o objetivo de criar uma melhor relação com a temática seguinte.

julgo importante levar os alunos a interrogarem-se sobre quais as suas qualidades e quais as áreas que podiam servir desinteressadamente as necessidades das outras pessoas.

Neste momento, e já em fase final da unidade letiva, julgo que depois de sensibilizados para a importância da alimentação e a necessidade da solidariedade e partilha no combate à fome e pobreza, os alunos estão agora numa fase de maior maturidade para refletirem sobre o contributo pessoal para uma sociedade mais solidária.

A apresentação dos exemplos cristãos de “pão para os outros” surge já na fase final da aula e da unidade letiva. O culminar da temática proporciona aos alunos o conhecimento de instituições e personalidades concretas que, alicerçando-se nos valores do Evangelho, dedicam-se à partilha ajudando os mais necessitados. Neste contexto, decidi apresentar aos alunos dois exemplos que, apesar de distintos, têm o mesmo objetivo.

Optei por apresentar uma instituição, a *Caritas*, e uma pessoa, a Madre Teresa de Calcutá, para que os alunos possam constatar que temos diversas possibilidades de ajudar os outros de acordo com os valores cristãos em que o essencial é a ação em detrimento da forma como a mesma é concretizada.

Início por questionar os alunos sobre o símbolo (*Caritas*) contido em cada vela que ainda mantêm consigo. Depois de obtida a resposta, parto para a projeção em diapositivos PowerPoint da apresentação da *Caritas* como instituição/organismo pertencente à Igreja Católica presente em mais de duzentos países e nas vinte dioceses de Portugal. Enquanto exponho a temática, particularmente os objetivos da ação da *Caritas*, procuro promover a participação dos alunos através de algumas questões como: “já alguém ouviu falar da *Caritas*?”; “Onde está situada a sede da *Caritas*, em Braga?”, “Esta semana alguém viu alguma atividade relativa à *Caritas*?”, etc. Considero importante a apresentação da instituição/organismo com a contextualização geográfica e social dos alunos. O facto de, na semana antecedente à aula, se ter realizado a semana da *Caritas* pode enriquecer a melhor compreensão da temática por parte dos alunos. Por isso, julgo essencial relacionar esta instituição com as suas atividades recentes, em Braga.

De seguida, apresento a Madre Teresa de Calcutá como pessoa que se dedicou inteiramente à causa dos mais necessitados. A projeção da apresentação dos dados relativos à sua vida e obra acompanhada da participação ativa dos alunos e a visualização e debate do *trailer* do recente filme sobre Madre Teresa de Calcutá ajudarão à compreensão da sua importância na ajuda às crianças abandonadas, às pessoas portadoras do vírus da sida, aos leprosos, às mulheres vítimas de abusos sexuais, e na relação com as diversas autoridades civis e religiosas, na Índia. Considerarei importante a apresentação de Madre Teresa de Calcutá

como exemplo cristão de dedicação aos outros para um maior aprofundamento da temática e maior sensibilização dos alunos na partilha e solidariedade.

Esta aula, bem como a unidade letiva, conclui com a entrega de uma pulseira alusiva à Caritas a cada aluno e da proposta do trabalho para realização, como trabalho complementar e resumo da unidade letiva, do *quiz*⁴¹⁶ que colocarei na plataforma criada na internet. Este questionário, terá questões relativas às temáticas das cinco aulas da Unidade Letiva “O pão de cada dia”.

Após a descrição detalhada da unidade letiva “O pão de cada dia”, seguem, em esquema, sob a forma de tabela com sete colunas, as planificações das aulas lecionadas; o esquema que adotei para a planificação de cada aula contém, os elementos, que me parece ser fundamental ter em conta; neles se identificam os principais elementos estruturantes: metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino, os recursos a utilizar, o tempo previsto, e os instrumentos de avaliação aos alunos da turma. O esquema da planificação tem ainda um espaço próprio para registo do sumário de cada aula.

⁴¹⁶ Cf. Anexo 9.

Aula n.º 1 – A importância da alimentação

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos desenvolver	estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário						
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário - Apresentação 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e caneta - Caderno diário 	5 min.	
	<p>SUMÁRIO: Introdução à unidade letiva “O pão de cada dia”. A importância da alimentação na saúde, relação e identidade cultural da pessoa.</p>					
	<p>1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição:</p> <p>-compreender a alimentação como um bem fundamental do ser humano para sua subsistência e desenvolvimento biológico;</p> <p>- Compreender a alimentação como espaço de convívio e encontro entre as pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação: <ul style="list-style-type: none"> - a refeição: a importância da refeição para a dimensão biológica da pessoa; a importância da alimentação regrada para a saúde do ser humano. - a refeição como festa e experiência de encontro: a importância do encontro e da confraternização na vida das pessoas; a alimentação essencial para a sobrevivência mas também para a «convivência»; a refeição presente nos momentos marcantes da vida das pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Breve apresentação da Unidade Letiva 4: “O pão de cada dia”, explicação do objetivo e funcionalidades da plataforma da internet http://albertopais.wix.com/opaodecadadia e recolha do endereço eletrónico dos alunos. • Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre a importância da alimentação como necessidade biológica e espaço de encontro/confraternização. - A refeição: indispensável ao ser humano; - A refeição: indispensável para a sobrevivência; - A refeição: espaço propício para o encontro/confraternização; - A vida dos seres humanos marcada pelas relações interpessoais; • Diálogo com os alunos sobre o tema exposto. • Realização e correção de uma ficha de trabalho sobre o tema exposto (questão n.º1) na qual os alunos devem apontar três momentos do ano em que se reúnam, em refeição, com amigos e/ou familiares. 	<p>Papel.</p> <p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint, Papel.</p> <p>Ficha de Trabalho em papel,</p>	<p>5 min.</p> <p>7 min.</p> <p>8 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Atenção;</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas através da ficha de trabalho.</p> <p>Realização de um quiz/questionário enviado por email, como tarefa adicional.</p>

	<p>- Reconhecer a alimentação como elemento importante na expressão cultural.</p>	<p>- <i>o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural</i>: a evolução da confecção dos alimentos de acordo com cada cultura e localização geográfica; a gastronomia como identidade cultural; os diferentes tipos de alimentação como reflexo da diversidade cultural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre a importância da alimentação para a identidade cultural. - A refeição: a gastronomia como referência cultural; • Realização e correção de uma ficha de trabalho sobre o tema exposto (questões n.º2 e 3) nas quais os alunos devem descobrir, na sopa de letras, cinco palavras relativas à importância da alimentação e fazer corresponder os pratos típicos com o país. • Realização de uma atividade final de memorização e ligação de bandeiras de diversos países ao seu prato típico. 	<p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Ficha de Trabalho em papel, Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint, Papel.</p> <p>Computador, Videoprojetor, Site: http://super.abril.com.br/multimedia/comidas-tipicas-642748.shtml.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------	--

Aula nº2 - O direito à alimentação e a importância da solidariedade

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: O direito à alimentação. A importância da solidariedade na luta contra a fome e pobreza.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Quadro e caneta - Caderno diário	5 min.	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (Domínio: ÉTICA E MORAL)	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injustiça na distribuição dos bens. - Compreender a alimentação como um direito de todas as pessoas;	<ul style="list-style-type: none"> • A alimentação: <ul style="list-style-type: none"> - <i>um direito</i> de todas as pessoas resultante do direito à vida e não pode estar “vedado” ao ser humano; - <i>A calamidade da restrição de alimentos, da pobreza e da subnutrição</i> contrasta a existência de recursos alimentares que poderiam dar resposta às necessidades básicas das pessoas. <p>- <i>A Declaração Universal dos Direitos Humanos</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior; • Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: <ul style="list-style-type: none"> - A alimentação: um direito de todos; - Restrição de alimentos, pobreza e subnutrição; • Atividade “o valor da nota” sobre a dignidade da pessoa: <ul style="list-style-type: none"> - o professor mostra uma nota aos alunos e pergunta: “quanto vale?”; - De seguida, dobra a nota e faz a mesma questão; - Depois, atira, pisa e rasga um pedaço da nota e continua a perguntar: “quanto vale esta nota?”; - Depois de se concluir que independentemente do estado ou por onde passou a nota, esta continua a ter o mesmo valor; - Faz a analogia com o valor da pessoa. O ser humano é dotado de dignidade. • Continuação da apresentação em PowerPoint de caráter expositivo e debate do tema sobre: 	- Quadro e caneta - Caderno diário Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint. Nota de 5 euros Computador	5 min. 3 min. 2 min. 8 min.	Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento das tarefas propostas através da ficha de trabalho. Realização de um quiz/questionário por email como tarefa adicional.

	<p>- Compreender que a fome provoca a morte.</p> <p>- Conhecer a dimensão real da subnutrição e da fome no mundo.</p> <p>- Conhecer e compreender as causas que provocam a fome no mundo, nomeadamente nos países em desenvolvimento.</p> <p>4. Reconhecer o valor da solidariedade:</p> <p>- Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social;</p> <p>- Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista</p>	<p>(artigo 25º) como defesa da dignidade humana e salvaguarda das necessidades básicas da pessoa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A fome: <ul style="list-style-type: none"> - <i>um flagelo da humanidade</i> - <i>Alguns números preocupantes:</i> número de pessoas que vivem com fome, com alimentação insuficiente; crianças com fome; - <i>O desequilíbrio:</i> a distribuição injusta dos bens da primeira necessidade; - <i>Causas de fome:</i> causas naturais (seca, terremotos, inundações) e de responsabilidade humana (guerras e exploração excessiva dos recursos naturais) • A solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> - <i>O conceito «solidariedade»</i> - <i>A importância de valores que visam o respeito pela dignidade de todos os seres humanos e pela defesa da justiça social.</i> - <i>A importância de definirmos as nossas prioridades de modo a contribuir para uma sociedade mais justa e solidária.</i> 	<p>- Artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos</p> <p>- A fome: flagelo da humanidade, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade e causas de fome;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: <ul style="list-style-type: none"> - A Solidariedade: o conceito, a necessidade para uma sociedade mais justa. - A importância dos valores na promoção da dignidade humana. • Atividade “o frasco com espaço”: <ul style="list-style-type: none"> - O professor apresenta um frasco de vidro e coloca no seu interior algumas bolas de <i>ping-pong</i> questionando os alunos: “o frasco está cheio?”; - De seguida, coloca no interior do frasco, junto das bolas, alguns feijões fazendo a mesma questão; 	<p>Videoprojetor Programa: PowerPoint</p> <p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Frasco de vidro, Bolas de <i>ping-pong</i>, Feijão, Grão de trigo.</p>	<p>5 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------	--

	<p>à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Por fim, adiciona, ainda, algum grão de trigo seguido da interrogação: “o frasco está cheio?”; - Depois das respostas dos alunos, o professor faz as seguintes analogias: o frasco – vida; as bolas – os valores essenciais entre os quais a solidariedade; o feijão – as coisas importantes do nosso cotidiano; grão de trigo – os nossos bens materiais; - Diálogo com os alunos sobre as prioridades da pessoa refletindo a importância dos valores para uma sociedade mais justa; - Por fim, faz a experiência invertendo a colocação dos objetos no interior do frasco (não cabem todos). <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e debate do vídeo sobre a importância da solidariedade intitulado “Solidariedade, amor ao próximo”. Consultado e retirado, em 05 de janeiro de 2014, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=_pMMlg7acTA. • Entrega de uma ficha de trabalho como tarefa adicional (a realizar em casa). 	<p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador Videoprojetor Programa: Media Player</p> <p>Ficha de trabalho em papel.</p>	<p>10 min.</p> <p>2 min.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------	--

Aula n.º3 – A solidariedade como responsabilidade da pessoa

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário						
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e caneta - Caderno diário 	5 min.	
	<p>4. Reconhecer o valor da solidariedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. - Relacionar-se com os outros baseando-se nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> - <i>A importância da solidariedade</i> na promoção da dignidade humana. - <i>A solidariedade como responsabilidade recíproca</i> entre os elementos de um grupo social, profissional ou de uma comunidade. - <i>A solidariedade como meio para a realização e felicidade da pessoa humana.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação/esclarecimento de dúvidas relativas à plataforma online: http://albertopais.wix.com/opaodecadadia. • Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. • Correção da ficha de trabalho proposta como atividade complementar (a realizar em casa). • Apresentação do vídeo sobre a solidariedade intitulado “Doar é a melhor comunicação” consultado e retirado em 05 de janeiro de 2014, da página da internet: https://www.youtube.com/watch?v=kuBNES-1vTc. • Preenchimento de uma grelha de observação do filme: <ul style="list-style-type: none"> - Interveniente que mais se destacou pela positiva; - Interveniente que mais se destacou pela negativa; - Expressão mais marcante; - A principal mensagem do filme; • <i>Tabela M&M's</i>: Preenchimento de uma tabela da turma com as respostas individuais dos alunos. Depois de o professor distribuir um chocolate m&m's a cada aluno, inicia-se o preenchimento da tabela. Os alunos respondem à questão correspondente à cor do chocolate 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e caneta - Caderno diário <p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador, Videoprojetor, Programa: Media Player.</p> <p>Grelha de observação de filme em papel, caneta.</p> <p>Chocolates M&M's Cartolina e papel autocolante,</p>	5 min. 5 min. 5 min. 5 min.	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Atenção;</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas através da grelha de observação do filme e da ficha de trabalho.</p> <p>Realização de um quiz/questionário por email como tarefa adicional.</p>
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (Domínio: ÉTICA E MORAL)</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. (Domínio: ÉTICA E MORAL)</p>						

	<p>3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a derrota da fome:</p> <p>- Conhecer o papel e a relevância das organizações de solidariedade social em diversos contextos sociais.</p> <p>-Reconhecer a importância das instituições nacionais e internacionais na luta contra a fome no mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: <ul style="list-style-type: none"> - A existência de diversas instituições que se dedicam exclusivamente ao combate à fome. • A FAO (Food and Agriculture Organization/Organização para a Alimentação e a Agricultura): <ul style="list-style-type: none"> - História - Objetivos; - Principais atividades; • O Banco Alimentar Contra a Fome: <ul style="list-style-type: none"> - História - Objetivos; - Principais atividades; 	<p>atribuído: verde - Interviente que mais se destacou pela positiva; vermelho - Interviente que mais se destacou pela negativa; castanho - expressão mais marcante; amarelo - a principal mensagem do filme; outra cor – qual foi a minha recente ação solidária.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre os resultados finais da tabela. <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: <ul style="list-style-type: none"> - A importância das organizações/instituições no combate contra a fome. - Exemplos de organizações/instituições no combate à fome: a <i>FAO</i> (Organização para a Alimentação e a Agricultura e o <i>Banco Alimentar Contra a Fome</i>). • Debate/discussão sobre a temática apresentada. • Realização de uma ficha de trabalho com três questões: <ul style="list-style-type: none"> - Opinião pessoal sobre a solidariedade; - Indicar o nome de uma organização/instituição que tenha como objetivo o combate à fome; - Preencher um crucigrama com palavras relativas à temática das últimas aulas. 	<p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p> <p>Papel (Ficha de trabalho) e lápis.</p>	<p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------	--

Aula n.º4 – O significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Quadro e caneta - Caderno diário	5 min.	
SUMÁRIO: O significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã.						
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. (Domínio: <i>CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA</i>)</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã. (Domínio: <i>CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA</i>)</p>	<p>5. Interpretar textos bíblicos sobre a partilha dos bens na sociedade:</p> <p>- Reconhecer a importância da linguagem simbólica no aprofundamento de diversas temáticas.</p> <p>- Compreender o significado simbólico-religioso da alimentação na cultura judaico-cristã.</p> <p>- Compreender o significado do azeite, vinho, cordeiro e pão no Antigo Testamento e no</p>	<p>• O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição:</p> <p>- Significado da palavra «símbolo» e a importância da linguagem simbólica nomeadamente nos textos bíblicos.</p> <p>- A alimentação/refeição na cultura bíblica: os alimentos=dádiva de Deus; normas de carácter religioso no consumo de alimentos – os alimentos próprios e os alimentos impróprios ao consumo humano; a abundância de alimentos=bênção divina.</p> <p>• O simbolismo bíblico do azeite, vinho, cordeiro e pão:</p> <p>- o azeite essencial para o</p>	<p>• Correção da ficha de trabalho proposta na aula anterior.</p>	<p>Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint. Ficha de trabalho, em papel.</p>	5 min.	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Atenção;</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas.</p> <p>Realização de um quiz/questionário por email e da ficha de trabalho como tarefas adicionais.</p>
			<p>• Apresentação em PowerPoint de carácter expositivo sobre:</p> <p>- O que é um símbolo?</p> <p>- A linguagem simbólica da Bíblia: a riqueza e profundidade da simbologia na compreensão da mensagem bíblica.</p> <p>- O significado simbólico do alimento e da refeição na Bíblia: o alimento, essencial à vida, como uma dádiva de Deus. A refeição como espaço de relação entre pessoas e de ação de graças a Deus.</p> <p>- O significado simbólico do azeite: a importância do azeite para temperar os alimentos, curar as feridas, fortalecer o corpo e ungir</p>	<p>Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint.</p> <p>Ramos de oliveira; Computador; Videoprojetor; Programa: PowerPoint.</p>	5 min.	

	<p>Novo Testamento.</p> <p>- Reconhecer a importância do pão na cultura judaico-cristã.</p>	<p>tempero, a saúde, para o reconhecimento (reis/profetias) e para os sacramentos. A oliveira como símbolo da paz e da reconciliação.</p> <p>- o vinho - símbolo da alegria e a videira, como planta sagrada na cultura do Médio Oriente.</p> <p>- o cordeiro – animal/alimento pascal e a sua relação com o sacrifício de Jesus Cristo.</p> <p>- o pão (<i>léhem</i>) - alimento essencial); o pão ázimo; o fermento; “o pão nosso de cada dia” (oração do Pai-Nosso).</p>	<p>os reis e profetas. O azeite nos sacramentos. A oliveira como símbolo da paz e reconciliação. <i>(O professor entrega um pequeno ramo de oliveira aos alunos e promove o debate sobre o tema).</i> A oliveira é uma das árvores mais violentadas pelo ser humano (para tirar o fruto é preciso bater-lhe) em oposição ao símbolo da paz e reconciliação.</p> <p>O significado simbólico do vinho: a alegria. A videira é, nos povos do Médio Oriente, considerada uma planta sagrada – associada ao reino de Deus. <i>(O professor entrega um pequeno ramo de videira aos alunos e promove o debate sobre o tema).</i></p> <p>O significado simbólico do cordeiro: refeição pascal. A importância do alimento na Páscoa Judaica e a relação com o sacrifício de Jesus Cristo.</p> <p>O significado simbólico do pão: o pão como símbolo de todo o alimento. O alimento essência para a subsistência. O pão com fermento e o pão sem fermento. O papel do fermento na confeção do pão. <i>(O professor mostra pães com fermento e sem fermento aos alunos e promove o debate sobre a diferença dos pães. Mostra ainda um pedaço de fermento e promove o debate sobre a importância de valores que fazem crescer o ser</i></p>	<p>Ramos de videira; Computador; Videoprojetor; Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador; Videoprojetor; Programa: PowerPoint.</p> <p>Pão com fermento; Pão sem fermento; Pedaço de fermento; Computador, Videoprojetor, Programa: PowerPoint.</p>	<p>3 min.</p> <p>2 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	--

	<p>6. Reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber que a Eucaristia foi instituída por Jesus Cristo na Última Ceia e que é celebrada pelos cristãos. - Reconhecer a importância fundamental da Eucaristia para os cristãos. - Consultar e interpretar textos bíblicos, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura da Bíblia. <p>7. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância do serviço na relação com os outros. - Saber distinguir a diferença entre doar e doar-se. 	<ul style="list-style-type: none"> • A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor (Mc 14, 12-25 e Jo 13,1-35). <ul style="list-style-type: none"> - o alimento como presença real de Jesus entre os seus discípulos (pão=corpo; vinho=sangue). - o amor - mandamento de Jesus Cristo. - A Eucaristia. • O Lava-pés (Jo 13,3-7.13-17). <ul style="list-style-type: none"> - A importância do serviço na relação com os outros. 	<p><i>humano como pessoa).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • A “Última Ceia” de Jesus com os seus discípulos. <ul style="list-style-type: none"> - Leitura da passagem bíblica: Mc 14,12-25. - Análise do texto lido. - Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: A importância do acontecimento para os cristãos. A importância da partilha na vida dos cristãos. A diferença entre dar e dar-se. Os principais momentos da Última Ceia: a partilha do pão e vinho; o mandamento do amor – “amai-vos uns aos outros”; a traição. • O lava-pés: o significado do gesto de Jesus Cristo. - O serviço: caminho a seguir. 	<p>Texto de apoio em papel; Computador; Videoprojetor. Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador Videoprojetor Programa: PowerPoint.</p>	<p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------	--

Aula n.º5 – A partilha e a importância do voluntariado

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: A partilha e a importância do voluntariado. Exemplos cristãos de «ser pão para os outros».			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e caneta - Caderno diário 	5 min.	
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. (<i>Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA</i>)</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã. (<i>Domínio: CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA</i>)</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. (<i>Domínio: ÉTICA E MORAL</i>)</p>	<p>6. Reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber que a Eucaristia foi instituída por Jesus Cristo na Última Ceia e que é celebrada pelos cristãos. - Reconhecer a importância fundamental da Eucaristia para os cristãos. - Consultar e interpretar textos bíblicos, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura da Bíblia. <p>7. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor (Mc 14, 12-25 e Jo 13,1-35). <ul style="list-style-type: none"> - O alimento como presença real de Jesus entre os seus discípulos (pão=corpo; vinho=sangue). - O amor - mandamento de Jesus Cristo. - A Eucaristia. - O Lava-pés (Jo 13,3-7.13-17). - A importância do serviço na relação com os outros. • A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos (At 2,42-47). • Ser pão para os outros: <ul style="list-style-type: none"> - a doação de si mesmo; - o amor partilhado com os mais necessitados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. • A “Última Ceia” de Jesus com os seus discípulos. - Leitura da passagem bíblica: Mc 14,12-25. - Análise do texto lido. - Apresentação em PowerPoint de caráter expositivo sobre: <ul style="list-style-type: none"> A importância do acontecimento para os cristãos. A importância da partilha na vida dos cristãos. A diferença entre dar e dar-se. Os principais momentos da Última Ceia: a partilha do pão e vinho; o mandamento do amor – “amai-vos uns aos outros”; a traição; o lava-pés: o significado do gesto de Jesus Cristo. • Os primeiros cristãos viviam em comunidade à imagem da mensagem de Jesus Cristo: <ul style="list-style-type: none"> - Oração; - Partilha; - Preocupação com todos os elementos da comunidade, especialmente os mais necessitados. - O que é «ser pão para os outros»: darmos aquilo que somos (neste momento, o professor entrega uma vela a cada aluno(a), 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e caneta - Caderno diário <p>Texto de apoio, em papel;</p> <p>Computador;</p> <p>Videoprojetor;</p> <p>Programa: PowerPoint.</p> <p>Computador</p> <p>Videoprojetor</p> <p>Programa: PowerPoint.</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>10 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pelos outros;</p> <p>Atenção;</p> <p>Realização de um quiz/questionário por email como tarefa adicional.</p>

2.3. Avaliação e perspectivas

Apresentadas as planificações das aulas relativas à Unidade Letiva “O pão de cada dia”, centro-me agora na avaliação e da lecionação através da análise dos conteúdos, estratégias e recursos utilizados na procura de uma eficaz e consistente aprendizagem por parte dos alunos. Simultaneamente, a partir desta experiência de lecionação, procurarei abrir novas perspectivas didático-pedagógicas para o ensino desta unidade letiva.

A primeira aula, conforme planificada e depois de uma breve apresentação do professor e dos alunos, iniciou com a apresentação global da unidade letiva e a explicação da finalidade e funcionamento da plataforma criada na internet como suporte à lecionação. Assim, recolhi os endereços eletrónicos dos alunos para poder enviar o *link* da página e os diversos exercícios a realizar ao longo da unidade. Antes deste momento, os alunos já tinham transcrito o sumário para os cadernos. Este processo decorreu na normalidade pois o aluno que passou o sumário na sala manifestou conhecimento do processo já utilizado anteriormente durante as aulas com os restantes estagiários e a professora titular de turma, facto que facilitou na implementação desta estratégia.

Dadas as limitações da sala de aula para a projeção dos diapositivos, no período antecedente à aula procedi ao arranjo do espaço para uma projeção lateral com o objetivo de todos alunos visualizarem a apresentação da forma mais cómoda possível. Conforme a disposição desta sala de aula, a projeção frontal dos diapositivos limita a visualização por parte dos alunos, principalmente daqueles que se encontram sentados nas últimas mesas de cada fila.

Depois de reunidas todas as condições para a lecionação, deu-se início à apresentação da importância da alimentação para o ser humano, a nível biológico, social e cultural.

No decorrer da apresentação da temática, os alunos manifestaram-se muito participativos, motivando constantes pedidos de intervenção que enriqueceram a lecionação. No entanto, e face ao interesse manifestado pela turma, os alunos por vezes intervinham sem fazerem o devido pedido de intervenção o que me exigiu esclarecer a forma como os alunos deviam participar na aula. Apesar de interventivos, alguns alunos manifestaram, no início da aula, alguma agitação motivada provavelmente pelas atividades da turma que antecederam a aula.

Depois de entregue a ficha de trabalho, conforme planificada, os alunos realizaram a primeira questão de uma forma concentrada e célere manifestando, de uma forma quase imediata, vontade em responder. De acordo com o idealizado para a correção desta primeira questão na qual os alunos teriam de assinalar três momentos do ano em que se reúnam em refeição com as pessoas mais próximas. As respostas dos alunos enquadraram-se dentro do que previa. Grande parte da turma, deu como resposta o Natal, a Páscoa, e o aniversário.

Desta forma, considero que a estratégia de apresentar celebrações que são marcantes e comuns a todos permitiu-me partir da importância da alimentação na relação para a cultura. Na opinião, os alunos conseguiram compreender a importância da cultura na vida social das pessoas e a estrita relação entre a refeição, a cultura e a relação interpessoal. Aquando questionados sobre se um professor colocasse a mesma questão numa escola chinesa ou africana, alguns alunos responderam de imediato que, muito provavelmente, grande parte dos interrogados daria respostas totalmente distintas na medida em que se inseriam numa diferente cultura marcada por tipos de alimentação, religiões e tradições diferentes.

Depois de explanada esta temática, sempre com a participação ativa e ordenada dos alunos, pedi-lhes a realização das questões dois e três da ficha de trabalho, atividade à qual os alunos corresponderam positivamente. Recorrendo à projeção em diapositivos para a realização da correção da ficha de trabalho, a turma envolveu-se positivamente na atividade com a participação de grande parte dos alunos que manifestou vontade em responder às questões. Considero ainda que a apresentação dos diapositivos com imagens atrativas dos diversos pratos típicos de cada aluno serviu de incentivo à participação e interesse da turma. Os alunos manifestaram, de uma forma geral, possuírem conhecimentos sobre a temática.

A elevada participação da turma no decorrer da exposição da aula e a necessária contextualização da temática da unidade letiva contribuíram para o não cumprimento da integralidade da planificação, nomeadamente, a concretização do último exercício na plataforma da internet de memorização e correspondência dos pratos típicos com as bandeiras dos respetivos países. Considerando esta atividade apenas como complemento e, como referi anteriormente, uma forma de descompressão após a assimilação dos conteúdos abordados, propus a realização desta atividade em casa, comprometendo-me a enviar o *link* da página pelo correio eletrónico aos alunos e a colocá-la na plataforma⁴¹⁷ criada para suporte à lecionação desta unidade letiva.

Finda a primeira aula, faço uma avaliação positiva da mesma principalmente pelo interesse manifestado pelos alunos evidenciado na sua participação ao longo de toda a aula. Por seu lado, destaco como aspetos negativos a já referida agitação da turma, verificada na primeira metade da aula; a opção de planear a ficha de trabalho a realizar em dois tempos e a organização da sala de aula para a projeção dos diapositivos. Relativamente à ficha de trabalho, considero que foi uma má opção fazer a exposição da aula sobre a alimentação e a cultura entre a primeira questão e as restantes. Senti que esta metodologia não se adapta à faixa etária dos alunos desta turma quebrando quer o ritmo de trabalho da ficha, quer a exposição da matéria. No referente à disposição da sala de aula, e apesar das limitadas

⁴¹⁷ Cf. Anexo 1 (Figura 7).

condições da mesma, considere que a projeção lateral não é a mais adequada. Primeiro, porque as mesas da parede, na qual seriam projetados os diapositivos, teriam de ser arrastadas e distanciadas para criar as condições necessárias à correta visualização dos alunos ali sentados. No entanto, distanciadas da parede, as mesas ficaram muito próximas da fila mais próxima o que originou uma maior proximidade entre os alunos, motivando muitas vezes a sua distração. Com esta disposição, a zona e corredores de circulação do professor ficam limitados, como se pode verificar na seguinte imagem:

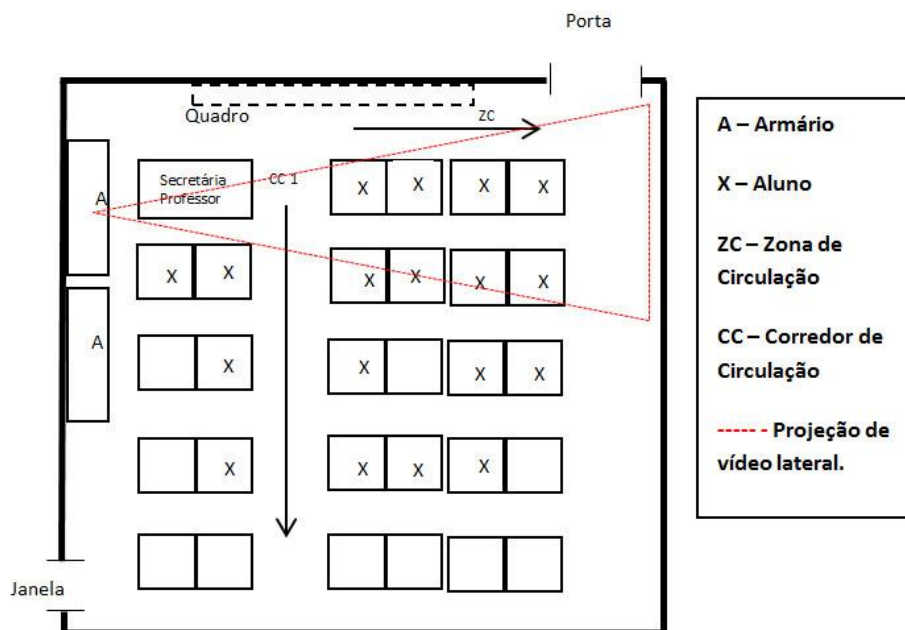


Figura 2 – Planta da sala de aula com a projeção de diapositivos lateral durante a primeira aula.

Com esta preocupação, e reconhecendo a influência do espaço na concentração dos alunos, tentarei encontrar a melhor solução para a disposição da sala de aula mais eficaz.

Assim, e considerando que os referidos aspetos negativos ajudam o professor estagiário a evoluir na sua aprendizagem como docente, irei tê-los em conta para uma melhoria na concretização da leção das restantes aulas da unidade letiva⁴¹⁸.

A segunda aula da Unidade Letiva “O pão de cada dia” iniciou, conforme a planificação, com uma revisão dos conteúdos desenvolvidos na aula anterior antecedida do habitual acolhimento dos alunos e transcrição do sumário. Os alunos mostraram terem assimilado os conteúdos, o que facilitou o início da exposição da temática que insidia no direito à alimentação e importância da solidariedade na erradicação da fome e da pobreza.

⁴¹⁸ Também relativamente ao espaço, o professor deve ser flexível experimentando disposições da sala, mas não em demasia, para uma melhoria da qualidade da instrução. Cf. Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995, 95.

Depois de analisadas, na aula anterior, as limitações relativas à disposição da sala, decidi alterar a forma de projeção de diapositivos. Desta forma, julguei conveniente fazer uma projeção frontal que só foi possível através da utilização de um tripé, a servir de base ao videoprojector, colocado a elevada altura, que permitisse uma boa visualização por parte de todos os presentes. Também a sala ficou com melhor disposição, com as filas dos alunos mais distanciadas e com maior espaço para a circulação do professor na sala de aula, como pode verificar na imagem seguinte.

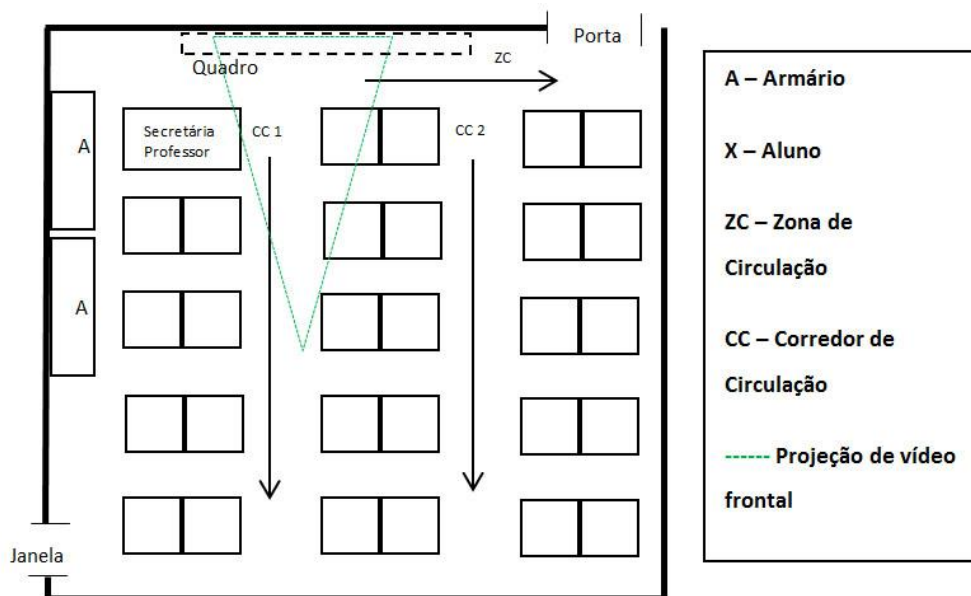


Figura 3 – Planta da sala de aula com a projeção de diapositivos frontal nas restantes aulas.

No final, constatei que, esta alteração na disposição da sala de aula, foi a opção correta e a manter durante as próximas aulas.

A exposição dos conteúdos decorreu, mais uma vez, com a excelente participação dos alunos que conseguiram fazer a relação do direito da pessoa à alimentação com a temática da Unidade Letiva 1 “A Pessoa Humana”, aquando da reflexão sobre a dignidade da pessoa. Para tal, penso que a atividade planeada denominada de “o valor da nota” permitiu a uma maior reflexão sobre a temática. Considero esta estratégia produtiva na medida em que os alunos, partindo de uma realidade concreta e visível, conseguiram facilmente refletir sobre a emergência da defesa da dignidade do ser humano.

Depois de lido o excerto do artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os alunos de acordo com a análise do texto evidenciaram a compreensão do mesmo e manifestaram sensibilidade face aos dramas resultantes da fome e da injusta distribuição dos bens existentes no mundo.

De acordo com a estratégia planificada que denominei de “o frasco com espaço”, convidei dois alunos para me auxiliarem na execução da atividade, sendo que um deles manifesta dificuldades de concentração. No decorrer de toda a atividade, os alunos foram trocando algumas impressões, transpondo a tarefa realizada para situações concretas das suas vidas. Considero que esta estratégia proporcionou, aos alunos, a realização de uma reflexão profunda sobre a importância de difundir os valores de defesa da pessoa, nomeadamente a solidariedade. Esta atividade marcou de tal forma os alunos que motivou alguns deles a realizarem novamente a atividade em casa, junto dos familiares.

Por fim, a visualização do filme serviu como reforço à reflexão da temática. A turma mostrou interesse neste género de recursos através da atenção prestada e do debate realizado sobre o mesmo.

Destaco positivamente a alteração efetuada na disposição da sala de aula, o que permitiu uma melhor visualização dos diapositivos e uma maior concentração por parte dos alunos bem como as estratégias utilizadas, principalmente as da nota e do frasco, que tiveram uma boa receptividade por parte dos alunos. Por seu lado, julgo que o vídeo apresentado no final da aula enriquecia ainda mais a reflexão e aprendizagem dos alunos se o tivesse planificado e apresentado em outro momento, nomeadamente no início da segunda parte da aula, aquando da exposição do conceito de solidariedade. No entanto, não considero este facto um constrangimento.

A terceira aula centrou-se na solidariedade como responsabilidade da pessoa e contributo para a felicidade do ser humano. Para tal, e depois da correção da ficha de trabalho proposta para casa como atividade complementar, iniciei com a apresentação de um vídeo e da sua respetiva análise. Os alunos, manifestaram, mais uma vez, muito interesse pelos recursos vídeo e executaram a tarefa com dedicação. Depois de explicada a finalidade da grelha de observação entregue, os alunos corresponderam com a participação com entusiasmo no preenchimento da tabela da turma que denominei de *tabela m&m's*.

As estratégias planificadas, principalmente a utilização dos chocolates *m&m's*, corresponderam às expectativas iniciais de participação de todos os alunos, sem exceção, de uma forma ordenada e interessada. A turma envolveu-se com afinco na elaboração da tabela de observação da turma, com a colagem de cada resposta na cartolina.

Como tinha previsto, não foi possível a conclusão da realização da ficha de trabalho durante o tempo da aula. Por isso, propus aos alunos a sua concretização como atividade complementar, a corrigir na próxima aula.

A aula seguinte, a quarta, relativa ao significado simbólico-religioso do pão (alimento) na cultura judaico-cristã, iniciou tal como planificado com a correção da ficha de trabalho. Todos

os alunos apresentaram a ficha de trabalho realizada, manifestando cumprimento das tarefas propostas. No momento da correção, os discentes demonstraram uma boa assimilação dos conteúdos.

O início da apresentação do significado de “símbolo” seria muito importante para uma boa interpretação de toda a temática. Neste momento, os alunos manifestaram-se concentrados e participativos. Penso ter conseguido apresentar esta temática complexa através de uma linguagem acessível e adequada à faixa etária dos alunos da turma, exemplificando muitas vezes com situações concretas da sala de aula e de situações do quotidiano. Um dos exemplos que utilizei foi o simbolismo do coração fazendo a distinção do coração, órgão do corpo humano, e o coração símbolo do amor. Quando questionados sobre o que significa do coração, os alunos responderam sem hesitações: “o amor”. Partindo da compreensão do símbolo como aquilo que une a dimensão visível à invisível, a material à espiritual, continuei com a apresentação da linguagem simbólica, a linguagem utilizada através de símbolos. Para tal exemplifiquei com mais uma questão: “Quando o poeta diz que o seu coração está a arder de amor quer dizer que precisamos de chamar os bombeiros?”. Os alunos facilmente compreenderam facilmente o sentido da expressão respondendo que aquele o poeta ao utilizar tal expressão o fez pelo facto de estar apaixonado.

Compreendendo a riqueza que a linguagem simbólica atribui aos textos bíblicos partimos, então, para o significado simbólico de alguns alimentos na cultura judaico-cristã. Apresentei o simbolismo do alimento/refeição na cultura bíblica como dádiva de Deus e a sua abundância como Sua bênção.

O azeite foi o primeiro alimento apresentado e para tal iniciei com a questão: “quais as suas funcionalidades?”. As respostas dos alunos centraram-se no tempero e nos sacramentos levando-me a apresentar mais algumas funcionalidades como a cura, a unção dos reis e profetas e a iluminação. Alguns associaram a funcionalidade da iluminação do azeite com os candelabros utilizados pelos mais antigos. A partir daqui, foi desenvolvida uma reflexão sobre o azeite como simbolismo da fortaleza.

Aproveitei a relação do azeite com a oliveira para apresentar o seu significado na cultura judaico-cristã. Para isso, iniciei com a questão: “qual a árvore que dá origem à azeitona?”. Depois da resposta assertiva dos alunos, apresentei a oliveira como símbolo da paz e da reconciliação. Alguns alunos associaram esta com a temática que consta no programa de EMRC de quinto ano sobre a água, nomeadamente o episódio bíblico: “a arca de Noé” fazendo alusão à pomba que levou um ramo de oliveira depois de passado o dilúvio. Para um melhor contacto com a temática abordada, entreguei a cada aluno um pequeno ramo de oliveira. Considero esta atividade importante na medida em que o contacto palpável dos

alunos com diversos objetos enriquece a assimilação de conteúdos e é um precioso contributo para a formação integral de cada aluno. Depois de fazer uma breve explicação da forma como o ser humano colhe o fruto desta árvore promovi a reflexão do paradoxo: uma das árvores mais violentadas pelo ser humano (as pessoas precisam de bater na oliveira para conseguir a queda da azeitona) é o símbolo da paz e da reconciliação.

O vinho como símbolo da alegria e a videira como vinda do Reino de Deus seguiram-se na apresentação da simbologia judaico-cristã. Na primeira, os alunos rapidamente associaram o vinho à alegria pelo facto de bebido em demasia embriaga o ser humano; na segunda, entreguei também como planificado um ramo de videira. Os alunos tiveram a oportunidade de tocar nos ramos, alguns pela primeira vez.

Aquando da apresentação do cordeiro como alimento pascal associado a Jesus Cristo pelo seu sofrimento. A reflexão incidiu na imagem deste animal associado à simplicidade e obediência. Neste momento foi referido ainda que os hebreus, na maioria pastores, ofereciam o seu melhor cordeiro a Deus.

O pão foi, por razões óbvias, o centro de toda esta temática. Iniciando a apresentação do pão como alimento essencial (*leém*) e como oferta dos hebreus agricultores que, tal como os pastores faziam com o melhor cordeiro, ofereciam o primeiro pão no templo, a Deus. Nesta altura, os alunos continuavam interessados e participativos e rapidamente relacionaram o pão com Jesus Cristo o que permitiu o desenvolvimento do tema sobre a utilização do pão por parte de Jesus Cristo, nomeadamente através do milagre da multiplicação dos pães, a oração do pai-nosso, a Última Ceia que seria desenvolvida posteriormente.

Depois de explicado o significado do pão ázimo, o pão sem fermento como pão novo, sem impurezas daí a sua utilização no templo, apresentei à turma alguns pães confeccionados de duas formas distintas: uma com e outra sem fermento. Mostrei, também, um pedaço de fermento. Entreguei os pães para que os alunos pudessem compará-los. Considero esta estratégia adequada à temática e motivadora permitindo-me desenvolver aquele que considero o momento mais enriquecedor da aula: um dos alunos questionou-se se podia comer o pão, situação que não estava planificada. Como resposta, articulando o momento com a temática da unidade letiva, concordei com a proposta do aluno colocando uma condição: que aqueles pães fossem distribuídos por todos os presentes na sala de aula. A concretização desta ação foi a razão que me sensibilizou para a considerar como o momento principal da aula e talvez o mais enriquecedor de toda a leção da unidade letiva. Os alunos dividiram os pães de forma equitativa e manifestaram grande alegria pela partilha, afinal estavam a executar, na prática, os conteúdos apreendidos nas últimas aulas.

Devido à intensa participação dos alunos durante a aula e da inesperada atividade realizada já na parte final, e conforme eu previa, não foi possível concluir a planificação. No entanto, no final desta aula presente também a planificação da próxima. Assim, continuo a primar o processo ensino-aprendizagem centrado no aluno o que motiva a alteração constante das planificações mediante o decurso da aula e das necessidades dos alunos.

A última aula da unidade letiva iniciou com aquela que estava planificada para o final da anterior que serviu de revisão dos conteúdos. Após uma contextualização da temática, entreguei a todos os alunos um texto de apoio do relato bíblico da *Última Ceia* (Mt 14,12-25) apresentado também em projeção vídeo. Escolhi três alunos para a leitura do texto e para uma melhor execução da tarefa, os textos dos alunos escolhidos estavam devidamente sublinhados de acordo com as referentes personagens: Narrador, Jesus Cristo e discípulos. Os alunos interpretaram de forma positiva o texto facilitando a sua compreensão. A partir da análise do texto, relacionei-o com a vida dos primeiros cristãos que assentava na partilha e na celebração da Eucaristia. Aí, e relacionando com o mandamento do amor proposto por Jesus Cristo e pelo gesto de humildade e serviço demonstrado quando lavou os pés aos seus discípulos, questionei os alunos sobre a diferença entre dar e dar-se. De facto, alguns dos alunos, sem hesitarem, responderam de imediato que dar-se é mais amplo do que dar algo na medida em que podemos não ter bens materiais e mesmo assim conseguimos ajudar os outros de várias formas. Esta foi a surpreendente resposta que demonstrar enorme maturidade dos alunos da turma para a sua faixa etária que revelaram a compreensão do que é «ser pão para os outros». Esta resposta permitiu-me articular os conteúdos apresentando o conceito e importância do voluntariado. Neste momento, questionei os alunos sobre diversas ações nas quais poderiam ser voluntariados. As diversas respostas permitiram consciencializar a turma que há uma enorme diversidade de valências nas quais qualquer ser humano pode ser útil e sentir-se útil ajudando os outros. Para uma melhor compreensão da temática da solidariedade e do voluntariado e conforme planificado, entreguei uma vela a cada aluno para que os mesmos passassem a chama de vela em vela. Esta atividade, apesar de morosa, foi fundamental no aprofundamento do tema nomeadamente sobre a solidariedade e voluntariado. A vela dá chama a outras velas mas não se apaga.

A segunda parte da última aula, iniciou com a apresentação da Caritas. Para tal, fiz a pergunta: “reconhecem o símbolo que está em cada uma das velas?” da qual os alunos sentiram bastantes dificuldades em responder. Só depois de saberem que aquele era o símbolo da Caritas é que alguns a associaram ao peditório que fora realizado anteriormente em diversas ruas e instituições da cidade.

Passando para a apresentação da Madre Teresa de Calcutá como pessoa que dedicou a sua vida à causa dos mais necessitados, alguns alunos manifestaram conhecimento desta personalidade. A aula concluiu com a visualização, debate do filme visualizado *trailer* da vida de Madre Teresa de Calcutá e entrega a cada aluno de uma pulseira alusiva à Cáritas. Por fim, recomendei os alunos a continuarem a utilizar a plataforma da internet criada como repositório de materiais que certamente serão complementares e enriquecedoras para uma melhor compreensão da temática lecionada.

Relativamente à plataforma da internet que criei exclusivamente para a lecionação da Unidade Letiva “O pão de cada dia”, considero que permitiu um maior aprofundamento do tema por parte dos alunos, servindo como suporte complementar às aulas e meio de interação entre o professor estagiário, os pais/encarregados de educação e alunos. Tal como previa, o tempo de adaptação dos alunos à plataforma foi muito reduzido, não permitindo a eficácia comparada à execução deste recurso ao longo de um ano letivo para as diversas unidades letivas do programa. No entanto, considero esta estratégia pertinente e com potencialidades que certamente podem enriquecer o processo ensino-aprendizagem. Tenciono utilizar esta ferramenta, ou outra similar, no ao longo do meu percurso profissional. Muitos dos alunos acederam a esta página principalmente na pesquisa dos recursos, fazendo uma avaliação positiva da mesma.

Após conclusão da lecionação desta unidade letiva, e conforme a avaliação da mesma, realizada anteriormente, considero pertinente a elaboração de uma autoavaliação com a enumeração dos aspetos mais conseguidos e menos conseguidos que julgo serem mais significativos.

De entre os aspetos que considero mais conseguidos na lecionação da unidade letiva “O pão de cada dia”, destaco:

- a) O cumprimento da planificação da unidade letiva.
- b) A correta articulação de conteúdos ao longo das cinco aulas da unidade letiva⁴¹⁹.
- c) A utilização de estratégias adequadas e recursos apropriados para a faixa etária dos alunos.
- d) A aplicação de exemplos relacionados com o quotidiano dos alunos e o recurso atividades didáticas que proporcionaram a utilização dos diversos sentidos dos alunos, os quais considero terem facilitado a aplicação dos conteúdos planificados.

⁴¹⁹ Apesar de por vezes não conseguir cumprir a planificação da aula, considero ter articulado devidamente os conteúdos em prol da boa assimilação dos mesmos por parte dos alunos.

- e) A criação de uma plataforma da internet que serviu de apoio a toda a lecionação da unidade letiva e meio de interação entre professor estagiário, alunos e pais/encarregados de educação.
- f) A promoção da interação e participação dos alunos derivado da valorização do processo ensino-aprendizagem centrado no aluno.
- g) A capacidade de autoavaliação que permitiu fazer diversas alterações com repercussões positivas na lecionação, nomeadamente a alteração do lugar da projeção de diapositivos na sala de aula e da aplicação das fichas de trabalho.
- h) O interesse dos alunos face aos conteúdos lecionados reveladores da correta aplicação dos mesmos.
- i) A minha postura serena e segura face aos imprevistos ocorridos dentro da sala de aula e a minha movimentação dentro da sala de aula aquando da realização das tarefas propostas manifestando-me sempre próximo e atento às necessidades dos alunos, especialmente dos referenciados como alunos de necessidades educativas especiais.

Como aspetos menos conseguidos reconheço:

- a) A desconcentração de alguns alunos, principalmente na primeira aula da unidade letiva, que originou alguma instabilidade ao longo do desenvolvimento da aula.
- b) A decisão de projeção lateral de diapositivos na primeira aula, causando alguma dificuldade de comodidade e desatenção dos alunos.
- c) A aplicação de uma ficha de trabalho, na primeira aula, com dois momentos: realização da questão número um e sua correção e após a apresentação de mais conteúdos, a resposta às questões dois e três e a devida correção. Como já referi anteriormente, considero esta estratégia pouco recomendável para os alunos desta faixa etária;
- d) As reduzidas estratégias didático-pedagógicas direcionadas ao aluno com necessidades educativas especiais.
- e) A escassez de tempo para uma maior adaptação dos alunos à plataforma criada na internet de apoio à lecionação;
- f) As limitadas condições do espaço onde decorre a lecionação, motivadas pela realização de obras no edifício da escola. Aliás, este aspeto negativo é assumido pelo Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches⁴²⁰ como tive a oportunidade de referir no início deste capítulo.

⁴²⁰ AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014, 8.

Reconhecendo que o professor está em permanente aprendizagem ao longo do seu percurso profissional, considero que os aspetos menos conseguidos, autoavaliados e acima enumerados, servem, também eles, para uma evolução e melhoria na minha prática docente. Julgo importante o reconhecimento das falhas na execução da lecionação para uma significativa melhoria da mesma. De facto, dos aspetos menos conseguidos acima registados, muitos deles ocorreram nas primeiras aulas da unidade letiva levando-me a analisá-los, registá-los para não os repetir.

Ao longo das cinco aulas da lecionação desta unidade letiva, a avaliação dos alunos esteve sempre presente. Utilizei como instrumentos de avaliação a participação ativa e organizada, o respeito pelos outros, a atenção/concentração e a realização das diversas atividades de trabalho. Para tal, utilizei uma grelha de registo diário do desempenho dos alunos⁴²¹.

Apesar do pouco tempo de lecionação, e pelo facto dos professores estagiários não terem participado nas reuniões de conselho de turma, não foi feita uma articulação conjunta de interdisciplinaridade. No entanto, a mesma esteve sempre presente no decorrer das aulas aquando da explanação das temáticas. Procurei fazer a melhor articulação possível com os conteúdos das diversas áreas disciplinares, nomeadamente de Português, História e Geografia de Portugal, Ciências Naturais e Educação Visual e Saúde, Ambiente e Empreendedorismo (SAE), a disciplina de oferta complementar do Agrupamento.

⁴²¹ Cf. Anexo 10.

CONCLUSÃO

No final deste percurso de reflexão teológica e didático-pedagógica sobre a Unidade Letiva “O pão de cada dia”, do sexto ano de escolaridade, encerra-se uma etapa e abre-se um longo caminho de aprendizagem, na minha vida pessoal e profissional. Todo este trajeto foi extremamente enriquecedor, na assimilação de novas competências, possibilitando-me uma maior preparação face às exigências da Escola e aos desafios da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), na atualidade.

Este trabalho, resultado de uma caminhada de desenvolvimento intelectual e pedagógico-didático, permitiu-me, a partir da investigação, uma maior aprendizagem e amadurecimento de conceitos científicos e teológicos; e a partir da experiência da lecionação, uma melhor definição de estratégias, metodologias pedagógico-didáticas bem como elaboração de recursos que, tendo como base o programa de EMRC, permitam um enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

O facto do meu percurso profissional, como docente, ter iniciado há alguns anos, em escolas de contextos sociais e geográficos diferentes, permitiu-me reconhecer as minhas limitações e procurar colmatá-las aproveitando, de certa forma, uma articulação das experiências adquiridas em realidades distintas.

A concretização deste processo, apesar de me permitir uma avaliação à minha capacidade de trabalho suportada pela vontade, determinação e espírito de sacrifício, é acima de tudo o resultado de um trabalho conjunto, o qual nunca conseguiria realizar individualmente. Para tal, foram preponderantes as pessoas que me acompanharam neste projeto: a família, os amigos, as professoras orientadoras e os colegas da Prática do Ensino Supervisionada. Sem o bom ambiente e excelente trabalho de cooperação entre todos os intervenientes, teria, sem dúvida, sido muito mais difícil a realização deste projeto.

O trabalho *Educar para a solidariedade*, resultado da experiência teórica e prática, poderá constituir um singelo contributo teológico, pedagógico e didático para o exercício da atividade docente, principalmente por parte de outros professores de Educação Moral e Religiosa Católica, e um meio de sensibilização para a importância da educação para os valores e compreensão da importância decisiva da solidariedade, na formação integral da pessoa.

BIBLIOGRAFIA

1) Magistério da Igreja

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), in AAS 101 (2009), 641-709.

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005), in AAS 98 (2006), 217-252.

BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), in AAS 99 (2007), 105-180.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000².

COMISSÃO PONTIFÍCIA JUSTIÇA E PAZ, *A Igreja e os Direitos do Homem*, Tipografia Poliglota Vaticana, Cidade do Vaticano, 1975.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), 1025-1115.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações para o Estudo e o Ensino da Doutrina Social na Formação Sacerdotal*, Tipografia Poliglota Vaticana, Cidade do Vaticano, 1988.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Dominicae Cena* (24 de Fevereiro de 1980), in AAS 72 (1980), n° 5, 113-148.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001), in AAS 93 (2001), 266-309.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), 794-867.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de Abril de 2003), in AAS 95 (2003), 433-475.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Laborem Exercens* (14 de setembro de 1981), in AAS 73 (1981), 577-647.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de dezembro de 1987), in AAS 80 (1988), 513-586.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988), in AAS 81 (1989), 393-521.

JOÃO PAULO II, *Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz 2000* (8 de dezembro de 1999), in AAS 92 (2000), 359-371.

JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961), in AAS 53 (1961), 401-464.

LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum Novarum* (15 de maio de 1891), in ASS 23 (1890-91), 641-670.

PAULO VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* (14 de maio de 1971), in AAS 63 (1971), 401-441.

PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), in AAS 59 (1967), 258-299.

PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (08 de dezembro de 1975), in AAS 68 (1976), 5-76.

PAULO VI, *Homilia da missa de encerramento do Ano Santo* (25 de dezembro de 1975), in AAS 68 (1976), 146-149.

PIO XI, Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* (15 de maio de 1931), in AAS 23 (1931), 177-228.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucaristicum Mysterium* (25 de maio de 1967), in AAS 59 (1967), 539-573.

2) Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a Escola em Portugal - Educação integral da Pessoa Humana*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 2002.

3) Legislação

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º46/86, de 14 de Outubro de 1986 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série – n.º237 – 14 de Outubro de 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro de 2001 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série-A – Nº15 – 18 de janeiro de 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho nº17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série – Nº245 – 23 de dezembro de 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho nº5306/2012 de 2 de abril de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2ª série – Nº77 – 18 de abril de 2012.

4) Outras referências bibliográficas

AA.VV., *Comentarios a la Biblia Liturgica. Nuevo Testamento*, Paulinas, Madrid, 1990⁴.

AA.VV., *Nuovo Corso di Dogmatica* (Handbuch der Dogmatik), Vol. II, Queriniana, Brescia, 1995.

AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2014.

ALDAZABAL, Jose, *Gestos y símbolos*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 1992³.

ALVES, Herculano (coord.), *Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2008⁵.

ALVES, Herculano, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2006².

ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, Lisboa, 1995.

BAGNASCO, Angelo, “A Igreja em defesa da escola”, in *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, Ano IX, nº27, 2013, 47-54.

BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴.

BOVON, François, *El Evangelio Según San Lucas*, Vol. IV, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012.

CARVALHO, Adalberto (coord.), *Voluntariado e dádiva cristã*, Centro de Investigação de Paula Frassinetti/Fundação Fé e Cooperação, Lisboa, 2012.

COMBLIN, José, *Jesús de Nazaret. Meditacion sobre la vida y accion humana de Jesus*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1977.

COUTO, António, *Teologia da Aliança como teologia do Antigo Testamento*, in *Humanística e Teologia*, 13 (1992), 5-20.

ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, 1999.

FITZMYER, Joseph, *El Evangelio Según Lucas (The Gospel According To Luke)*, Vol. IV, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2005.

GNILKA, Joaquim, *El Evangelio Según San Marcos*, Vol.II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001⁴.

JACOB, Heinrich Eduard, *Seis mil anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003.

LEON-DUFOUR, Xavier, *Lectura del Evangelio de Juan*, Vol. III, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1998, 27.

LIMA, Jorge, “O papel do professor nas sociedades contemporâneas”, in *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º6, 1996, 50.

LOURENÇO, João Duarte, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2008.

MATEOS, Juan y BARRETO, Juan, *El Evangelio de Juan. Analisis linguistico y comentário exegetico*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1982².

- MAXWELL, Wiliam, *El Culto Cristiano: su evolución y sus formas*, Methopress Editorial e Grafica, Buenos Aires, 1963.
- MCKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico (Dictionary of the Bible)*, Paulus, São Paulo, 1983⁶.
- NOUWEN, Henri J.M., *Não nos ardia o coração? Uma Meditação sobre a Vida Eucarística (With Burning Hearts – A Meditation on the Eucharistic Life)*, Paulinas, Prior Velho, 2005.
- PACHECO, José, *Currículo: Teoria e Práxis*, Porto Editora, Porto, 1996.
- PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990⁷, 1016.
- PEREIRA, Jorge Paulo (coord.), *Nós e o Mundo, Manual do Professor – EMRC, 6º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2011
- RODRIGUES, David, “Os direitos humanos e a educação inclusiva”, in *Jornal Público*, publicado em 3 de janeiro de 2014.
- ROSSANO, Pietro, RAVASI, Gianfranco e outros, *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica (Nuovo Dizionario di teologia biblica)*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990.
- SANDERS, Ed Parish, *A verdadeira história de Jesus (The Historical Figure of Jesus)*, Editorial Notícias, Cruz Quebrada, 2004⁵.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio Según San Lucas*, Editorial Herder, Barcelona, 1968.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.
- SEDANO, Alfredo, *El motivo del voluntariado: una propuesta posible* in Aurora BERNAL (coord.), *El voluntariado: educación para la participación social*, Ariel, Barcelona, 2002.
- SESBOÛE, Bernard, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2001.
- SILVA, José, *Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade. Iniciação à Doutrina Social da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Palheira, 2002.
- SILVA, Valcilene e CARDENAS, Carmen, “A comida e a sociabilidade na velhice”, in *Revista Kayros*, vol.10, nº1, 2007, 51-69.

TIDWELL, J.B., PIERSON, C., *La Geografía Bíblica. Lugares bíblicos con sus referencias*, Casa Bautista de Publicaciones, Buenos Aires, 1981⁴.

TUÑI, Josep-Oriol e ALEGRE, Xavier, *Escritos Joánicos y Cartas Católicas*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2011⁵.

WIKENHAUSER, Alfred, *El Evangelio Según San Juan* (Das Evangelium nach Johannes), Editorial Herder, Barcelona, 1967.

WISNIAK, Jaime, “Antoine-augustin parmentier”, in *Revista CENIC. Ciências Biológicas*, Vol.41, 2, 2010, 141-148.

5) Netgrafia

CORDEIRO, José, “Eucaristia, sacramento da caridade. A Eucaristia, ápice e fonte da missão e da caridade”, *XXXVIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. Eucaristia – Sacramento da Caridade*, 2012, 1. Documento consultado no *site* do Secretariado Nacional de Liturgia (www.liturgia.pt), em 21 de Janeiro de 2014.

COUTO, António, “Eucaristia e Caridade. Mistério anunciado e oferecido ao mundo”, *XXXVIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. Eucaristia – Sacramento da Caridade*, 2012, 17. Documento consultado no *site* do Secretariado Nacional de Liturgia (www.liturgia.pt) em 21 de Janeiro de 2014.

FLORES, Paula e ESCOLA, Joaquim, “As novas tecnologias de informação e de comunicação no desenvolvimento da língua materna”, in *Actas do 7º Encontro Nacional (5º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Universidade do Minho, Braga, 2008, 2-13, consultado no *site* da Casa da Leitura – Fundação Calouste Gulbenkian (http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_novas_tecnologias_informacao_comunicacao_c.pdf), em 5 de maio de 2014.

JOÃO PAULO II, “Discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas” (2 de Outubro de 1979), nº7, documento consultado no *site* do Vaticano (www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/october/documents/hf_jpii_spe_19791002_general-assembly-onu_po.html), em 1 de maio de 2014.

MARCHAND, Helena, “A educação dos valores nas escolas – ou «devem as escolas ensinar valores?», «que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos», «de que modo fazê-lo?», artigo consultado no *site* do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/hmarchand.pdf), em 1 de maio de 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, documento consultado no *site* do Secretariado Diocesano de EMRC do Porto (www.emrcporto.com/images/stories/programa_emrc/programaemrc-2014.pdf), em 1 de abril de 2014.

VALENTE, Maria Odete, “A Educação para os valores”, artigo consultado no *site* Educación en Valores (www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf), em 1 de maio de 2014.

ANEXOS



Figura 1 – Página inicial da plataforma.



Figura 2 – Página explicativa sobre a plataforma.



Figura 3 – Página da plataforma de hiperligação a cada aula da unidade letiva.



Figura 4 – Página de recursos utilizados em cada aula da unidade letiva.



Figura 5 – Página da plataforma para colocação de dúvidas.

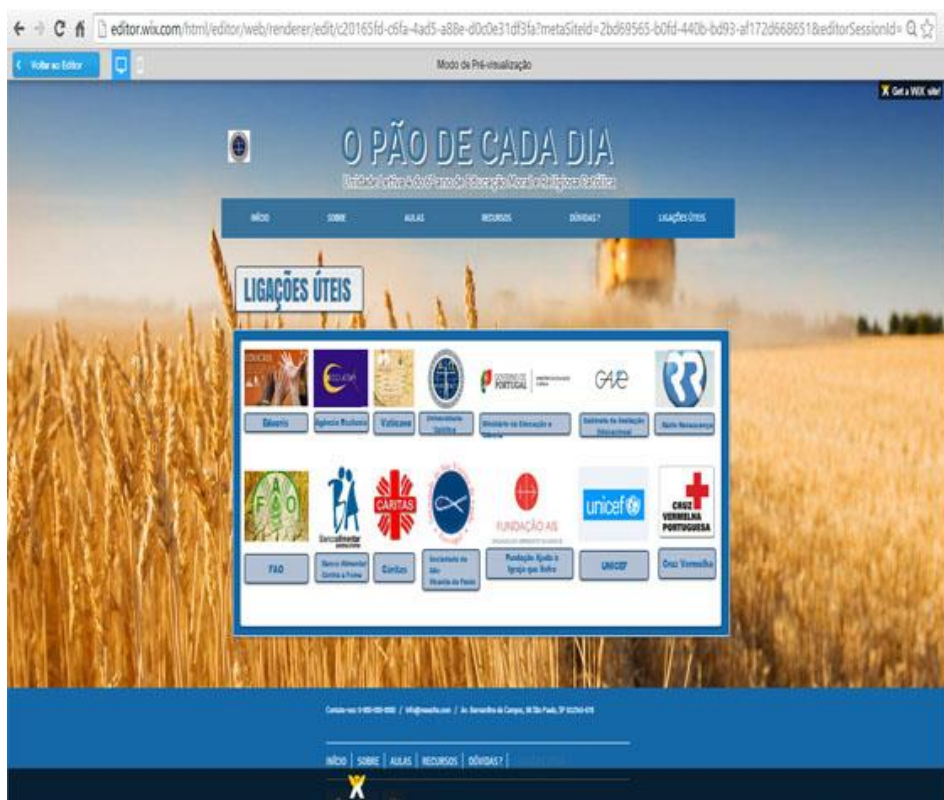


Figura 6 – Página da plataforma de hiperligação para páginas de interesse.



Figura 7 – Página da plataforma relativa à aula 1 da unidade letiva (página inicial e página da aula).

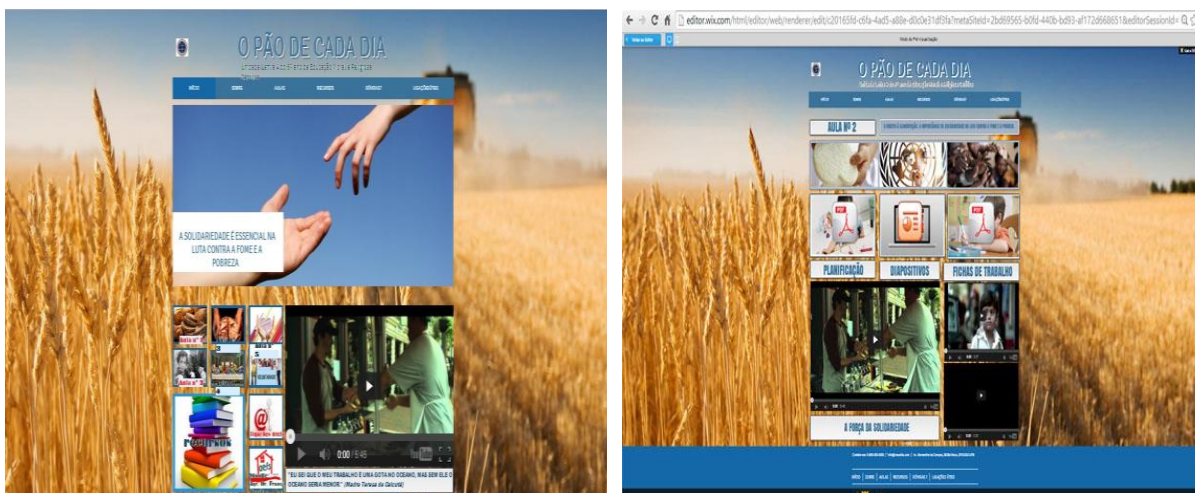


Figura 8 – Página da plataforma relativa à aula 2 da unidade letiva (página inicial e página da aula).

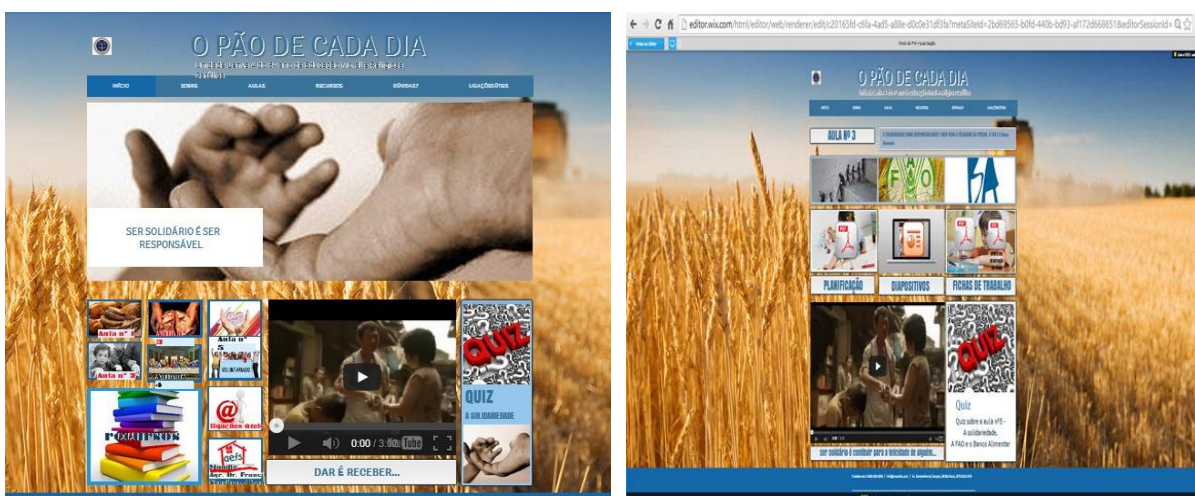


Figura 9 – Página da plataforma relativa à aula 3 da unidade letiva (página inicial e página da aula).

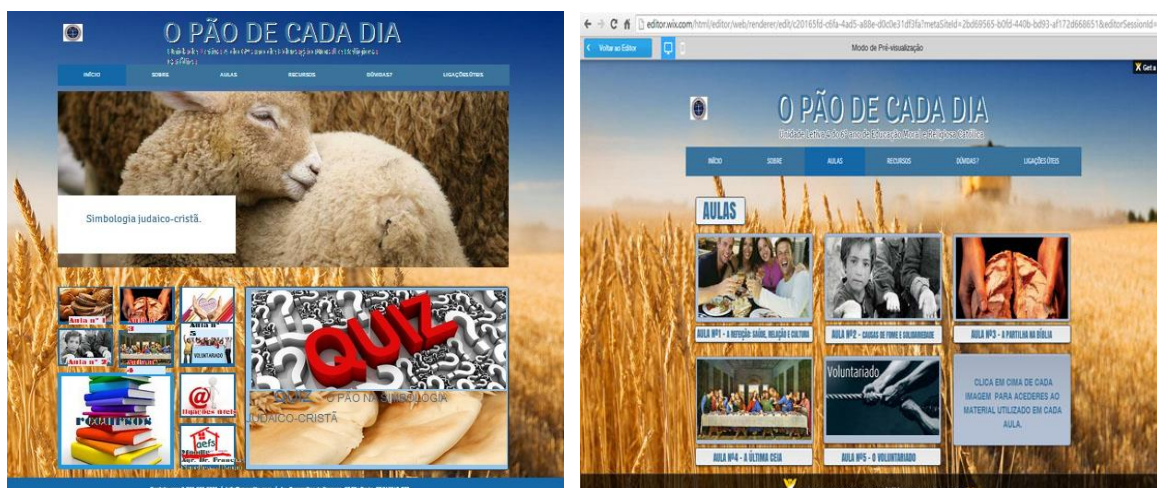


Figura 10 – Página da plataforma relativa à aula 4 da unidade letiva (página inicial e página da aula).

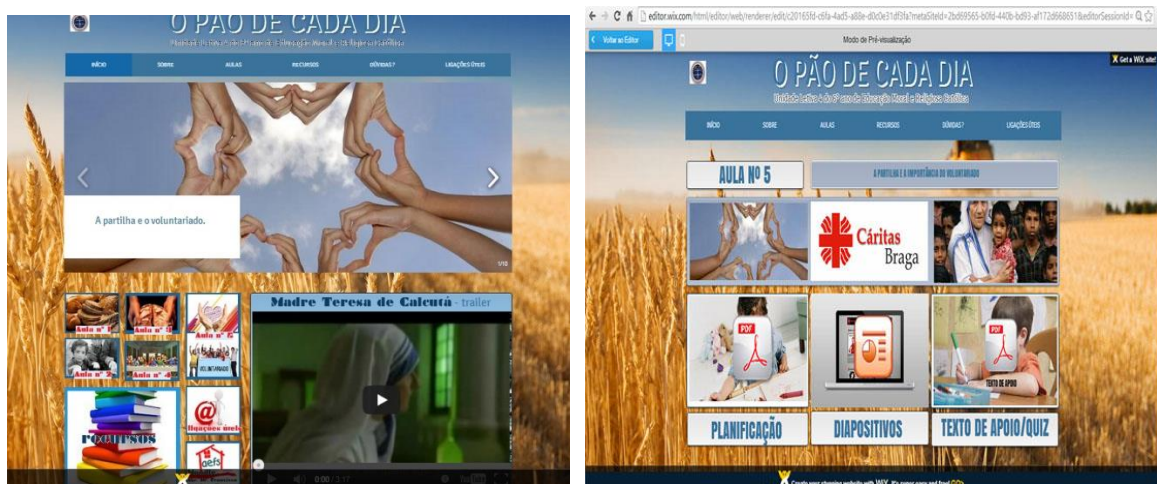


Figura 11 – Página da plataforma relativa à aula 5 da unidade letiva (página inicial e página da aula).

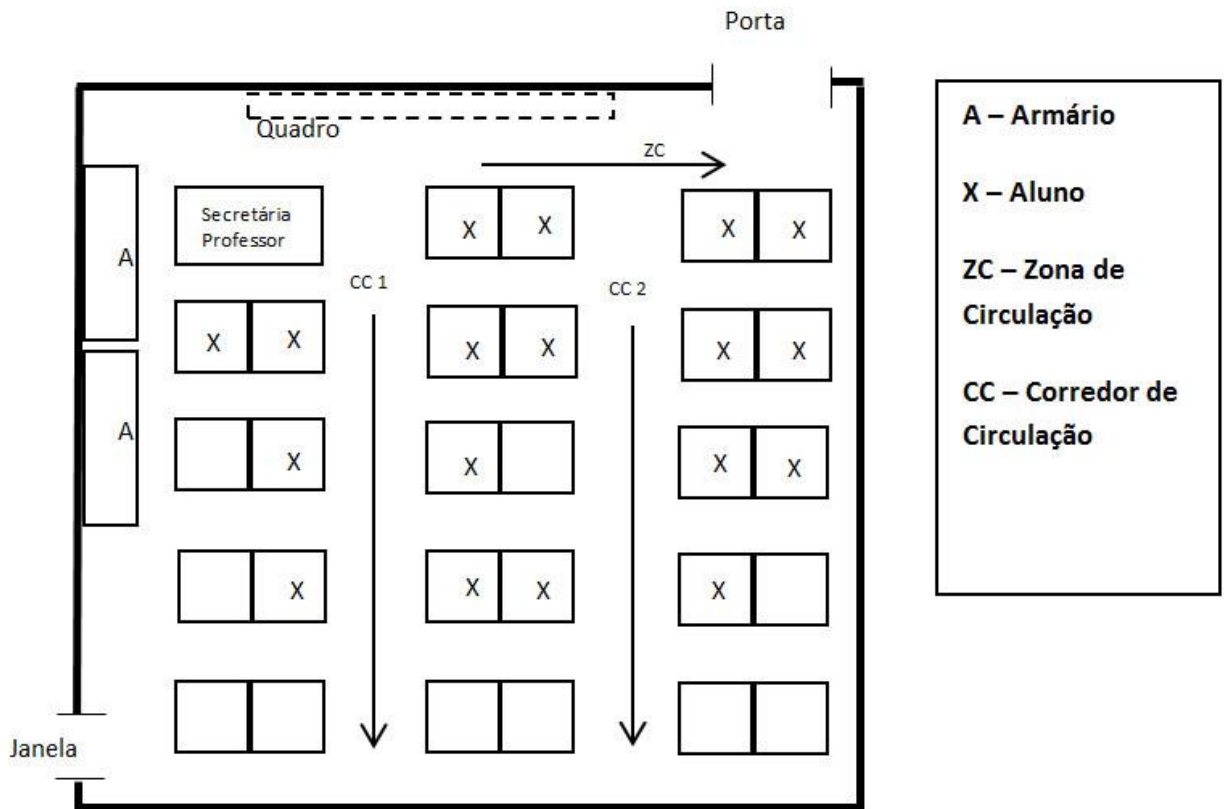


Figura 1 – Planta da sala onde decorreu a leção.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanchez
Ano letivo 2013/2014

FICHA DE TRABALHO

A IMPORTÂNCIA DA ALIMENTAÇÃO NA SAÚDE, RELAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL DA PESSOA.

Nome: _____ | Nº: _____ | Ano/turma: 6ºA | Data: 18/02/2014

1 – A refeição é um importante espaço de encontro e confraternização entre as pessoas. Indica três momentos do ano em que te reúnas, em refeição, com as pessoas mais próximas.

- _____ ;
- _____ ;
- _____ ;

2 – Encontra, na sopa de letras, cinco palavras relacionadas com a importância da alimentação:

ALKMNVSOENCONTROZCT
CNNUTRICAOMNQOLUSVL
UMNAMALMANSOPOMAEXI
LSABORIZDPTBDIKQZCKNB
TNMIMZXQVYGPQCXMNELI
USOBREVIVENCIAKLJHGFD
RCBVGRVBNGHGRELACAO
ACONFRATERNIZACAOKMIN
KFJFHGDSFSCINMJBIMNK
MNQWRTCSFDLOJGQJNZJ

- 1 - _____
- 2 - _____
- 3 - _____
- 4 - _____
- 5 - _____

3 – Preenche a grelha fazendo corresponder o prato típico com o seu país:

	PRATO	PAÍS
1		Itália
2	Paella	
3		Estados Unidos
4	Cozido à portuguesa	
5		Brasil
6	Kebab	

Quiz (Aula 1)

Cabeçalho

Preenche os seguintes espaços com os teus dados:

Nº Nome Apellido

A alimentação é importante para todos os seres vivos porque...

é uma forma de fazer amigos.
 a comida sabe muito bem.
 é uma forma de fazer amigos. garante a sobrevivência.

Para a pessoa, a importância da refeição vai mais além do que a garantia de sobrevivência. Porquê?

Porque as pessoas não precisam de comer todos os dias.
 Porque é uma forma importante de se relacionar com as outras pessoas.
 Porque é se não sobrevivermos deixamos de ser pessoas.
 É só para nos distinguirmos dos restantes animais.

Apesar da sua importância, a alimentação pode tornar-se perigosa para a saúde...

se não for regrada.
 se acompanharmos a comida com água.
 se comermos sopa.

Q.1

Q.2

Q.3

Q.4

A alimentação assumiu também grande importância na cultura. Porquê?

- Porque precisamos de batatas.
- Porque retrata o povo que representa.
- Porque quem come muito é inteligente.

Q.5

A paella é o prato típico de que país?

- Itália
- México
- Espanha
- Argentina

Q.6

Qual o prato típico do Brasil?

- Pizza
- Feijoada
- Paella
- Kebab

Q.7

Na cultura ocidental, qual é o símbolo do alimento?

- Arroz
- Carne de vaca
- Carne de porco
- Pão
- Maçã

Q.8

Qual o país cujo prato típico é o Kebab?

- Turquia
- França
- Sérvia
- Rússia

Q.9



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2013/2014

FICHA DE TRABALHO

O DIREITO À ALIMENTAÇÃO. A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NA LUTA CONTRA A FOME.

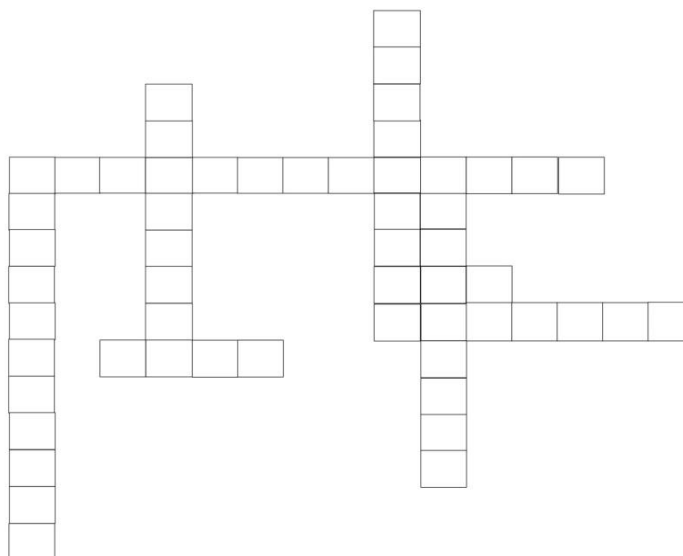
Nome: _____ | Nº: _____ | Ano/turma: 6^a4 | Data: 25/02/2014

1 – A fome é um dos grandes flagelos da Humanidade. Assinala três causas que dão origem à fome.

- a) _____ ;
b) _____ ;
c) _____ ;

2 – Qual o nome do documento internacional elaborado pela Organização das Nações Unidas e que defende a alimentação como um direito de todas as pessoas?

3 – Preenche o seguinte crucigrama com palavras relacionadas com o tema abordado na aula.



Horizontais: 1 – Valor essencial na ajuda dos que mais precisam; 2 – Tornou-se num grande flagelo da Humanidade que causa a morte a milhares de pessoas; 3 – Organização das Nações Unidas; 4 – Deve ser defendido principalmente no que se refere à alimentação.

Verticais: 1 – Doença motivada pela alimentação insuficiente; 2 – Essencial à vida; 3 – Sentimento que as pessoas devem ter pelas outras; 4 – Torna todas as pessoas iguais.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2013/2014

GRELHA DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DE VÍDEO

"<http://www.youtube.com/watch?v=9z3E2IDaR9Q>"

Nome: _____ | Nº: _____ | Ano/turma: 6^ª4 | Data: 11/03/2014

TÍTULO: "DOAR É A MELHOR COMUNICAÇÃO"

FONTE: <http://www.youtube.com/watch?v=9z3E2IDaR9Q>

INTERVENIENTES:

Senhora da farmácia

Proprietário do restaurante

Filha do proprietário

Rapaz

INTERVENIENTE QUE SE DESTACOU PELA POSITIVA	INTERVENIENTE QUE SE DESTACOU PELA NEGATIVA	EXPRESSÃO MAIS MARCANTE	A PRINCIPAL MENSAGEM

Observações:



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Dr. Francisco Sanches
Ano letivo 2013/2014

FICHA DE TRABALHO

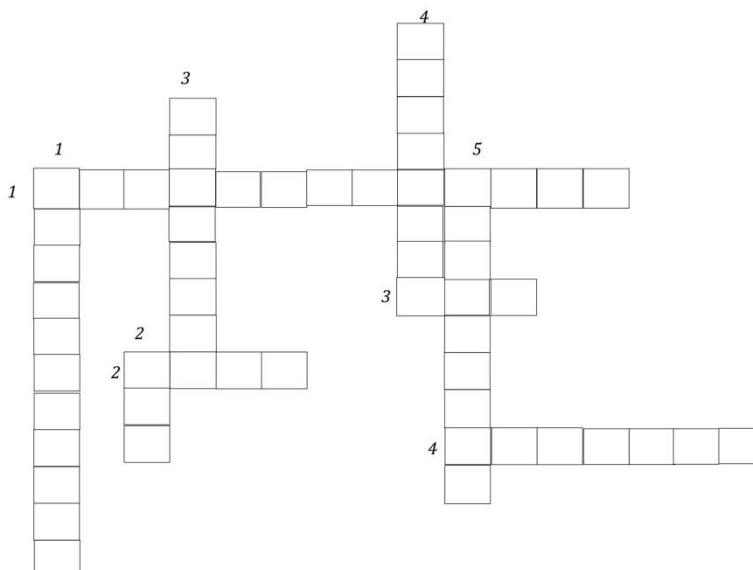
A SOLIDARIEDADE COMO RESPONSABILIDADE E MEIO PARA A FELICIDADE DA PESSOA.

Nome: _____ | Nº: _____ | Ano/turma: 6^ª4 | Data: 11/03/2014

- 1 – O que é para ti a solidariedade?

- 2 – Indica o nome de uma organização/instituição que tem como objetivo o combate à fome.

- 3 – Preenche o seguinte crucigrama com palavras relacionadas com o tema abordado nas últimas aulas.



Horizontais: 1 – Valor essencial na ajuda dos que mais precisam; 2 – Tornou-se num grande flagelo da Humanidade que causa a morte a milhares de pessoas; 3 – Organização das Nações Unidas; 4 – Deve ser defendido principalmente no que se refere à alimentação.

Verticais: 1 – Doença motivada pela alimentação insuficiente; 2 – Organismo pertencente às Nações Unidas que visa a promoção do desenvolvimento rural e elevação dos níveis de nutrição dos povos; 3 – Essencial à vida; 4 – Sentimento que as pessoas devem ter pelas outras; 5 – Torna todas as pessoas iguais.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



TEXTO

UNIDADE LETIVA 4 – O PÃO DE CADA DIA

A ÚLTIMA CEIA DE JESUS COM OS SEUS DISCÍPULOS (Mc 14, 12-25)

¹²No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, os discípulos perguntaram-lhe: «Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?» ¹³Jesus enviou, então, dois dos seus discípulos e disse: «Ide à cidade e virá ao vosso encontro um homem trazendo um cântaro de água. Segui-o¹⁴e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda dizer: 'Onde está a sala em que hei-de comer a Páscoa com os meus discípulos?' ¹⁵Há-de mostrar-vos uma grande sala no andar de cima, mobilada e toda pronta. Fazei aí os preparativos.» ¹⁶Os discípulos partiram e foram à cidade; encontraram tudo como Ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

¹⁷Chegada a tarde, Jesus foi com os Doze. ^{18*}Estavam à mesa a comer, quando disse: «Em verdade vos digo: um de vós há-de entregar-me, *um que come comigo.*» ¹⁹Começaram a entristecer-se e a dizer-lhe um após outro: «Porventura sou eu?»

²⁰Jesus respondeu-lhes: «É um dos Doze, aquele que mete comigo a mão no prato. ²¹Na verdade, o Filho do Homem segue o seu caminho, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por quem o Filho do Homem vai ser entregue! Melhor fora a esse homem não ter nascido!»

²²Enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo: «Tomai: isto é o meu corpo.»

²³Depois, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho. Todos beberam dele. ^{24*}E Ele disse-lhes: «Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos. ²⁵Em verdade vos digo: não voltarei a beber do fruto da videira até ao dia em que o beba, novo, no Reino de Deus.»

(Mc 14, 12-25)

Quiz (Final da Unidade Letiva)

Preenche os teus dados nos espaços seguintes:

Número	Nome	Apellido
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Q.1

Na cultura judaico-cristã, o que simboliza o «pão»?

- A alegria.
- O alimento.
- O Reino de Deus.
- A paz.

Q.2

Quando ajudamos os outros estamos a ser...

- Solidários.
- Egoístas.
- Camaradas.
- Discípulos.

Q.3

Qual das seguintes organizações pertence à ONU e dedica-se exclusivamente à erradicação da fome.

- Banco Alimentar Contra a Fome.
- Caritas.
- FAO.
- UNICEF.

Q.4

Qual o documento internacional que declara a alimentação como um direito fundamental das pessoas?

- Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Regulamento Externo da Escola.
- Declaração de Roma.
- Tratado de Zamora.

Q.5

Na cultura judaico-cristã, qual o alimento associado à Páscoa?

- A uva.
- O cordeiro.
- O azeite.
- A maçã.

Q.6

Qual o acontecimento conhecido pela Última Ceia?

- A Última ceia de Maomé com os seus amigos.
- A Última ceia de Moisés com os seus discípulos.
- A Última ceia de Jesus com os seus discípulos, antes da sua morte.
- A Última ceia dos apóstolos Pedro e Paulo.

Q.7

Quais os alimentos que se destacaram à mesa, na Última Ceia?

- Pão e cordeiro.
- Pão e vinho.
- Pão e leite.
- Bife e cerveja.

Q.8

Indica a palavra que melhor traduz a expressão «dar-se aos outros».

- Negócio.
- Voluntariado.
- Investidor.
- Oferecer (um bem material).

Q.9

Indica qual a instituição que utiliza este símbolo como logótipo.

Q.10



- Cruz Vermelha.
- Caritas.
- FAO.
- Banco Alimentar Contra a Fome.

Esta é a imagem mais conceituada sobre a Última Ceia. Depois do que foi apresentado nas aulas ainda te lembras qual foi o seu autor?

Q.11



- Leonardo Di Caprio.
- Miguel Ângelo.
- Leonardo Da Vinci.
- Graça Moraes.
- Cristiano Ronaldo.

Para os cristãos, qual o sacramento em que Jesus Cristo se torna presente no meio dos seus amigos?

Q.12

- Eucaristia.
- Batismo.
- Confirmação

A palavra: "Gastronomia" está associada a...

Q.13

- Alimentação.
- Escola.
- Desporto.

Para os cristãos, qual o sacramento em que Jesus Cristo se torna presente no meio dos seus amigos?

- Eucaristia.
- Batismo.
- Confirmação.

Q.12

A palavra: "Gastronomia" está associada a...

- Alimentação.
- Escola.
- Desporto.

Q.13

O que significa «pão ázimo»?

- Pão doce.
- Pão com carne.
- Pão sem fermento.
- Pão com manteiga.

Q.14

Qual a atitude que nos permite tornar o mundo mais solidário?

- Partilha.
- Inimizade.
- Angústia.
- Egoísmo.

Q.15

[Finish Quiz](#)

Create your own free [online surveys](#) now!

Powered by **PollDaddy**

